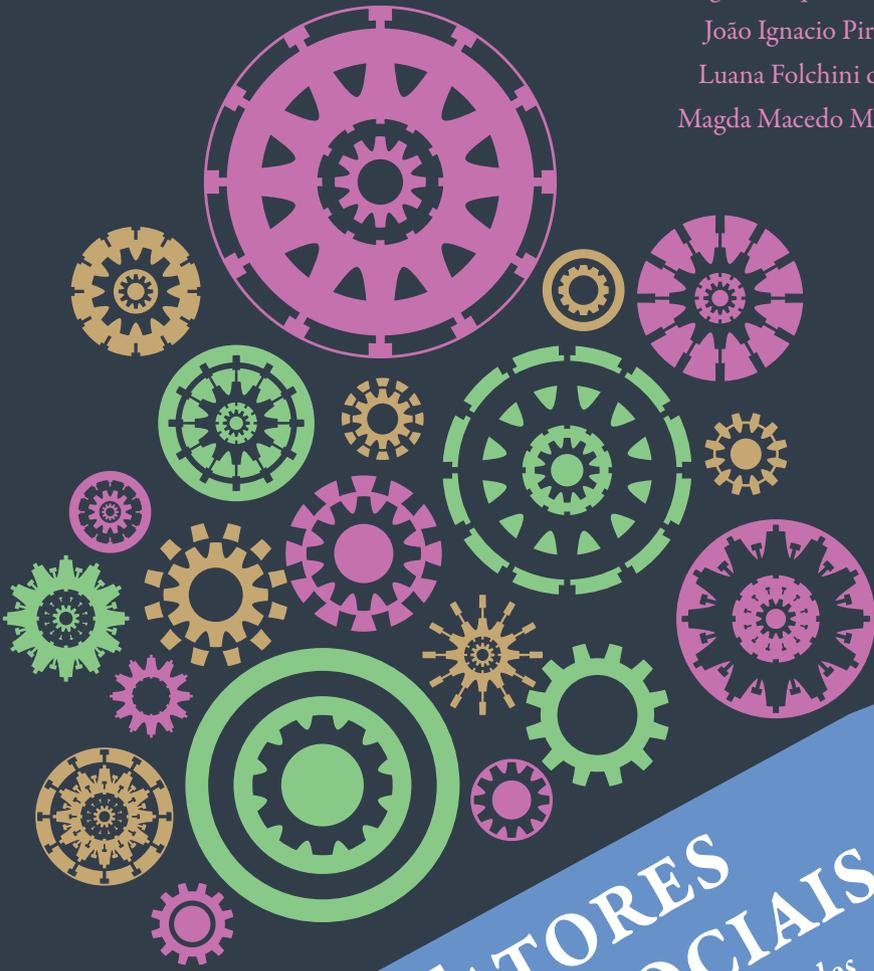


Silvana Regina Ampessan Marcon,
João Ignacio Pires Lucas,
Luana Folchini da Costa,
Magda Macedo Madalozzo
(Orgs.)



FATORES PSICOSSOCIAIS

*em contextos de trabalho dos
profissionais de segurança pública*

FATORES PSICOSSOCIAIS

*em contextos de trabalho dos
profissionais de segurança pública*

Fundação Universidade de Caxias do Sul

Presidente:
Dom José Gislon

Universidade de Caxias do Sul

Reitor:
Gelson Leonardo Rech

Vice-Reitor:
Asdrubal Falavigna

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:
Everaldo Cescon

Pró-Reitora de Graduação:
Terciane Ângela Luchese

*Pró-Reitora de Inovação e
Desenvolvimento Tecnológico:*
Neide Pessin

Chefe de Gabinete:
Givanildo Garlet

Coordenadora da EDUCS:
Simone Côrte Real Barbieri

Conselho Editorial da EDUCS

André Felipe Streck
Alexandre Cortez Fernandes
Cleide Calgaro – Presidente do Conselho
Everaldo Cescon
Flávia Brocchetto Ramos
Francisco Catelli
Guilherme Brambatti Guzzo
Jaqueline Stefani
Karen Mello de Mattos Margutti
Márcio Miranda Alves
Simone Côrte Real Barbieri – Secretária
Suzana Maria de Conto
Terciane Ângela Luchese

Comitê Editorial

Alberto Barausse
Università degli Studi del Molise/Itália

Alejandro González-Varas Ibáñez
Universidad de Zaragoza/Espanha

Alexandra Aragão
Universidade de Coimbra/Portugal

Joaquim Pintassilgo
Universidade de Lisboa/Portugal

Jorge Isaac Torres Manrique
*Escuela Interdisciplinaria de Derechos
Fundamentales Praeeminentia Iustitia/
Peru*

Juan Emmerich
*Universidad Nacional de La Plata/
Argentina*

Ludmilson Abritta Mendes
Universidade Federal de Sergipe/Brasil

Margarita Sgró
*Universidad Nacional del Centro/
Argentina*

Nathália Cristine Viecelli
Chalmers University of Technology/Suécia

Tristan McCowan
University of London/Inglaterra





GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA FAZENDA



Silvana Regina Ampessan Marcon,
João Ignacio Pires Lucas,
Luana Folchini da Costa,
Magda Macedo Madalozzo
(Orgs.)

FATORES PSICOSSOCIAIS

*em contextos de trabalho dos
profissionais de segurança pública*



© dos organizadores
1ª edição: 2024
Revisão: Laura Deves Alves
Editoração: Igor Rodrigues de Almeida
Capa: Ana Carolina Marques Ramos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

F254 Fatores psicossociais em contextos de trabalho dos profissionais de segurança pública [recurso eletrônico] / org. Silvana Regina Ampessan Marcon ... [et al.]. – Caxias do Sul, RS : EducS, 2024. Dados eletrônicos (1 arquivo). Vários organizadores e autores. Apresenta bibliografia. Modo de acesso: World Wide Web. DOI 10.18226/9786558073314 ISBN 978-65-5807-331-4
1. Trabalho - Aspectos fisiológicos - Aspectos psicológicos. 2. Trabalhadores - Saúde. 3. Esgotamento profissional - Indicadores. 4. Riscos ocupacionais. 5. Pessoal da área de segurança pública. 6. Suicídio - Prevenção. I. Marcon, Silvana Regina Ampessan.
CDU 2. ed.: 331.44

Índice para o catálogo sistemático:

1. Trabalho - Aspectos fisiológicos - Aspectos psicológicos	331.44
2. Trabalhadores - Saúde	331.445:613
3. Esgotamento profissional - Indicadores	331.101.6:159.944
4. Riscos ocupacionais	613.6
5. Pessoal da área de segurança pública	35.08
6. Suicídio - Prevenção	616.89-008.441.44

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460.

Direitos reservados a:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197
Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br

Apresentação

Preservar vidas, manter a ordem e fornecer cuidado às comunidades são os propósitos do trabalho dos profissionais de segurança pública. Embora situações estressoras façam parte de suas rotinas e da natureza do trabalho policial, manter integras a saúde física e mental não tem sido tarefa simples para esses profissionais, nem, tampouco para as instituições responsáveis pelos processos de gestão deste contingente.

Promover o bem-estar e manter a saúde mental dos profissionais da segurança pública no atual contexto de demandas sociais, econômicas, demográficas e políticas (dentre outras) implica mobilizar a atuação de diferentes instituições da sociedade civil, tanto públicas quanto privadas.

Nesse cenário, as instituições de ensino superior são chamadas a contribuir. A complexidade da temática, aliada às especificidades desse contexto, bem como os altos custos que envolvem o adoecimento laboral, requerem o compartilhamento de saberes e expertises baseadas em práticas colaborativas para a busca de soluções efetivas, com foco na interprofissionalidade. Não há profissão que, sozinha, possa dar conta da **hipercomplexidade** que caracteriza os processos de saúde e de adoecimento humano.

A apresentação do edital 05/2022 pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs) em parceria com a Secretaria da Fazenda do RS, estimulou o grupo de pesquisa que estuda Fatores Psicossociais no Trabalho da Universidade de Caxias do Sul, a inscrever um projeto que foi selecionado para contribuir na avaliação qualitativa e quantitativa (multicriterial) de Políticas Públicas do Estado do Rio Grande do Sul, com ênfase em Processos envolvidos com

foco na melhoria da gestão, qualificação do produto/serviço ofertado e efetividade do recurso investido. O grupo entendeu que poderia contribuir na questão das políticas relacionadas a saúde mental dos profissionais de segurança pública. O tema Fatores Psicossociais no Trabalho foi definido pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) como todas as interações entre o ambiente e o conteúdo do trabalho, as condições organizacionais e as capacidades, necessidades, cultura, condições pessoais externas ao trabalho, que podem, por meio das percepções e experiências, influenciar a saúde, o desempenho e a satisfação dos trabalhadores. O grupo de pesquisa considera esta temática emergente para a compreensão dos fatores que estão presentes no contexto do trabalho dos profissionais de segurança pública e precisam ser analisados para posterior proposição de intervenções em busca da promoção do bem-estar e saúde no trabalho.

A equipe de pesquisa, composta por professores doutores, profissional técnica doutora e bolsistas de iniciação científica (BIC-UCS e PIBIC-CNPq), desenvolve estudos sobre fatores psicossociais do trabalho e estratégias de enfrentamento para promoção da saúde e prevenção ao suicídio em profissionais de segurança pública do RS. O grupo está registrado no diretório do CNPq intitulado “Cultura, Política, Políticas Públicas e Sociais”, na linha “riscos e recursos psicossociais em contextos de trabalho: diagnóstico e intervenção”. Para contribuir nessa construção, os objetivos da pesquisa foram: 1) munir o governo com dados referentes a características do trabalho que impactam na saúde mental para otimizar o investimento no reforço de fatores protetivos presentes, bem como no combate e, quando possível, alteração dos fatores de risco à sua saúde mental presentes no contexto laboral destes profissionais; 2) propor alternativas estratégicas para a intervenções práticas, que complementem o que já é desenvolvido na tentativa de prevenir agravos à saúde mental que culminem no suicídio dos PSP, contribuindo para os planos de ação a serem propostos a partir do Plano Estadual

de Proteção à Vida e prevenção ao suicídio 2022-2025, em sintonia com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 3 (ODS, Saúde e Bem-Estar) da agenda 2030: garantir o acesso à saúde de qualidade e promover o bem-estar para todos, em todas as idades

Treinamentos em habilidades de enfrentamento, programas de apoio e aconselhamento, acesso a serviços de saúde mental, programas de sensibilização e educação, dentre outros, podem ser alternativas de prevenção ao adoecimento, como intervenções diretas nos fatores psicossociais relacionados ao trabalho. Ações como estas podem ser úteis para: 1) Aprofundar conhecimentos sobre saúde mental, sintomas de estresse e estratégias de enfrentamento para ajudar os profissionais a reconhecerem os sinais precoces de problemas e a buscar ajuda quando necessário; 2) Garantir que os profissionais tenham fácil acesso a serviços de saúde mental, como psicólogos e psiquiatras; 3) Oferecer sessões de aconselhamento individual ou em grupo, bem como programas de apoio entre colegas, que podem criar ambientes de suporte onde os profissionais se sintam à vontade para compartilhar suas experiências e buscar ajuda; e 4) Ensinar estratégias eficazes de gerenciamento do estresse, habilidades de comunicação e técnicas de relaxamento podem ajudar os profissionais a lidar melhor com as demandas de seu trabalho e a preservar sua saúde mental.

Nesse sentido, durante a coleta dos dados, o grupo organizou esta obra, com o objetivo de aprofundar conhecimentos sobre os temas pesquisados que, embasaram cientificamente a análise dos dados obtidos, dos quais derivaram os seis capítulos que compõem este livro. O capítulo 1 apresenta uma revisão do que é apresentado nas pesquisas sobre o tema fatores psicossociais, demonstrando a diversidade de aspectos que englobam essa temática. No capítulo 2 é descrita a revisão realizada sobre fatores psicossociais associados a depressão em profissionais de segurança pública, apresentando contribuições importantes. No

capítulo 3 discorre-se sobre os fatores psicossociais associados ao suicídio e, o capítulo 4, por sua vez, discorre sobre estratégias de *coping* como fatores de risco ou de proteção psicossociais para profissionais bombeiros. No capítulo 5 é descrito sobre conceitos de risco ocupacional, trabalho de risco e fatores psicossociais. No capítulo 6 são apresentadas algumas intervenções possíveis de serem realizadas no contexto de trabalho dos profissionais de segurança pública.

É importante que ocorram esforços contínuos para garantir que esses profissionais recebam o apoio que precisam para lidar com os desafios emocionais e mentais associados à sua atividade. Esperamos que essa obra possa contribuir para esse propósito.

Ótima leitura!
Organizadores

Sumário

Capítulo 1/ 10

FATORES PSICOSSOCIAIS: DO QUE ESTAMOS FALANDO?

Dr. João Ignacio Pires Lucas

Dra. Silvana Regina Ampessan Marcon

Capítulo 2/ 34

FATORES PSICOSSOCIAIS ASSOCIADOS À DEPRESSÃO EM PROFISSIONAIS DE SEGURANÇA PÚBLICA

Alexandra Carol Cioato

Fernanda Bitencourt Prigol

Silvana Regina Ampessan Marcon

Capítulo 3/ 60

FATORES PSICOSSOCIAIS ENVOLVIDOS NO SUICÍDIO DE POLICIAIS

Cristine Boff Sartor

João Ignacio Pires Lucas

Manoela Todeschini Ferreira

Capítulo 4/ 91

ESTRATÉGIAS DE COPING COMO FATORES DE RISCO OU DE PROTEÇÃO PSICOSSOCIAL PARA BOMBEIROS

Eder Leonardo de Vitte Horn

Morgana Menegat Cavalheiro

Magda Macedo Madalozzo

Capítulo 5/ 127

RISCO OCUPACIONAL, TRABALHO DE RISCO E FATORES PSICOSSOCIAIS: REVISITANDO CONCEITOS

Luana Folchini da Costa

Capítulo 6/ 151

INTERVENÇÕES NO CONTEXTO DE TRABALHO DOS PROFISSIONAIS DE SEGURANÇA PÚBLICA

Alexandra Carol Cioato

Eder Leonardo De Vitte Horn

João Ignacio Pires Lucas

Manoela Todeschini Ferreira

Luana Folchini da Costa

Mini currículo/ 179

Índice remissivo/ 183

FATORES PSICOSSOCIAIS: *do que estamos falando?*

*Dr. João Ignacio Pires Lucas
Dra. Silvana Regina Ampessan Marcon*

Introdução

A expressão “fatores psicossociais” está sendo utilizada em estudos com definições variadas. O presente capítulo foi desenvolvido com o objetivo de apresentar o que é compreendido por fatores psicossociais presentes no contexto de trabalho em obras de referência e comparar tais definições com os usos desse conceito em estudos empíricos sobre as condições de profissionais da segurança pública, mais precisamente entre policiais e bombeiros, que no caso do Brasil são ocupações militarizadas e que no plano internacional nem sempre é dessa maneira. Para tanto, além da revisão dos textos de referência, tanto os científicos quanto os apresentados por instituições (como a Organização Internacional do Trabalho – OIT), foi realizada uma revisão de escopo em artigos com relatos de pesquisas empíricas entre 2017 e 2023.

Os fatores psicossociais no contexto de trabalho podem ser definidos como aqueles que influenciam a saúde e o bem-estar do indivíduo e do grupo. Incluem aspectos sociais, tais como as formas de interação no interior dos grupos, e os aspectos culturais, como métodos tradicionais de resolução de conflitos e aspectos psicológicos envolvendo as atitudes, as crenças e os traços de personalidade (Organização Mundial da Saúde, 1981).

Esta influência pode ocorrer por meio dos processos mentais do indivíduo e da forma como o ambiente laboral está disposto.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) em sua definição de fatores psicossociais inclui a interação entre as características da organização e as características dos trabalhadores. Quanto as características da organização, o desenho do trabalho e as condições do contexto organizacional são muito importantes como aspectos presentes nas interações, bem como a bagagem cultural, os costumes e as necessidades das pessoas trabalhadoras. As características das organizações formais podem ser divisão do trabalho (maneira pela qual um processo complexo pode ser decomposto em uma série de pequenas tarefas); especialização; hierarquia (divisão da organização em camadas ou escalas ou níveis de autoridade, tendo os superiores autoridade sobre os inferiores); distribuição da autoridade e da responsabilidade (autoridade como o direito de dar ordens e o poder de exigir obediência e precisa ser delimitada explicitamente) e racionalismo (Gibson *et al.*, 1981).

O tema desenho do trabalho é um dos aspectos que tem implicações como fator psicossocial. Desenho do trabalho, conforme Marcon *et al.* (2019), na literatura internacional é traduzido como *Work Design* (Bastos; Souza; Peixoto; Jesus; Costa, 2018) e envolve o ambiente de trabalho, as relações sociais que neste ambiente são entabuladas, o engajamento do trabalhador e as atividades desenvolvidas (Morgeson; Humphrey, 2006). Para Grant e Parker (2009) o conceito de design do trabalho contempla a descrição dos trabalhos, das tarefas e dos papéis e como são estruturados, promulgados e modificados, bem como o impacto desses nos resultados individuais, de grupo e organizacionais. Esse conceito tem também implicações sociais, principalmente quando o Design do Trabalho prioriza a motivação e o apoio dos funcionários vinculando-se à qualidade do trabalho e ao bem-estar de todos os envolvidos na organização (Moussa; Bright; Varua, 2017). Assim como o desenho do

trabalho, as condições de trabalho também contribuem para a compreensão das interações nas organizações.

Na psicologia, as condições de trabalho foram alvo de pesquisas, inicialmente, por Elton Mayo entre 1924 e 1932, quando investigou sobre o efeito da iluminação no ambiente de trabalho e no desempenho dos trabalhadores. As pesquisas de Mayo evidenciaram a importância dos fatores psicossociais e os aspectos interpessoais implicados no contexto de trabalho (Schein, 1965; 1982; Zanelli; Bastos, 2004). Tiffin e McCormich (1959 [1942]) caracterizaram as condições de trabalho como sendo o contexto do cargo e compararam com o que Herzberg *et al.* (1959) definiram como condições higiênicas do trabalho. Os fatores higiênicos são aqueles relacionados a empresa, incluindo desde as condições físicas do ambiente até os benefícios oferecidos.

Muchinsky (1994) contribuiu para uma adoção multidisciplinar do tema apresentando um conjunto de fatores relacionados as condições de trabalho. Para o autor, estressores físicos, aspectos ergométricos, fadiga física e mental, acidentes de trabalho e características pessoais dos trabalhadores, trabalho em turnos, abuso do uso de drogas são alguns dos fatores relacionados às condições de trabalho. Ferreira e Mendes (2008) utilizaram o termo contexto de trabalho envolvendo três categorias: condições de trabalho, organização do trabalho e relações socioprofissionais. Blanch (2003) apresentou a definição de condições de trabalho como o conjunto de circunstâncias em que se desenvolvem as atividades de trabalho e que interferem na experiência do trabalhador e na dinâmica das relações de trabalho. Muchinsky (1994), Blanch (2003) e Ferreira e Mendes (2008) contribuíram apresentando aspectos das condições do trabalho que podem ser considerados os fatores psicossociais.

Ao estudar sobre transtornos mentais em bancários, Lucca (2019) afirma que a dimensão psicossocial transpassa o aspecto microssocial das condições de trabalho nas organizações e

recebe influências dos contextos sociais, políticos e econômicos, no âmbito macrossocial. Os fatores psicossociais fazem parte de um processo que é dinâmico e que interfere na vida das pessoas, tanto no ambiente de trabalho quanto em outros ambientes que participam.

A vivência individual das pessoas fora da organização também cumpre um papel importante no que tange a formação dos fatores psicossociais (Sauter *et al.*, 2003). Assim, o conceito de fatores psicossociais estende-se também ao ambiente existente fora da organização (por exemplo exigências domésticas) e a aspectos do indivíduo (personalidade e atitudes) que podem acarretar o aparecimento de estresse no trabalho. Para a Agência Europeia para a Segurança e a Saúde no Trabalho os fatores psicossociais referem-se as características organizacionais como potencialmente capazes de produzirem danos, tanto físico, social ou psicológico (Agência Europeia, 2005).

Na Figura 1 é possível verificar os três âmbitos de análise dos fatores psicossociais do trabalho propostos por Zanelli e Kanan (2019). Os fatores psicossociais relacionados ao trabalho envolvem o trabalhador, os fatores internos e externos ao trabalho.

Figura 1 - Três âmbitos de análise dos fatores psicossociais do trabalho



Fonte: Zanelli e Kanan, 2019.

Os fatores psicossociais são considerados também como recursos intrínsecos à qualidade de vida e inerentes à saúde e ao bem-estar (Zanelli; Kanan, 2019). Para os autores, construir uma organização saudável depende de uma promoção dos fatores de proteção psicossocial. Esses fatores contribuirão na perpetuação de interações benéficas no interior das organizações, como a resiliência, considerada uma característica emancipatória em situações de riscos e abalos. Os danos psicossociais independem do contexto das atividades diretas de trabalho e das condições organizacionais e estão associados com variáveis de cunho individual (Zanelli; Kanan, 2019). Os fatores psicossociais estão diretamente relacionados com as organizações, espaços e comunidades na qual o indivíduo está inserido. Para Santos (2021, p. 88), os fatores psicossociais no trabalho “são os modos pelos quais o estado psicológico e as relações sociais das pessoas em seu contexto laboral influenciam a saúde integral do trabalhador” (p. 88). Os fatores psicossociais têm relevância no estudo da interação entre organizações e indivíduos e em como essa in-

teração afeta, de maneira multifatorial, a saúde do trabalhador (Villalobos, 2004).

A OIT (1984) advertiu para a complexidade que é delimitar os fatores psicossociais no trabalho, porque representam percepções e experiências que são únicas para cada pessoa no seu contexto de trabalho. As variáveis sociais e econômicas, mesmo fora do contexto de trabalho, repercutem dentro das pessoas e precisam ser contempladas, como exemplo, aumento do desemprego e necessidade de qualificação constante devido ao mercado de trabalho cada vez mais exigente.

O termo fator psicossocial também foi utilizado no campo da Saúde Ocupacional. Nesse contexto, fator psicossocial é compreendido como as características do ambiente laboral, que podem afetar a saúde por meio de mecanismos psicológicos, incluindo os indivíduos localizados neste ambiente (Benavides; Ruiz-Frutos; Garcia, 2004).

Os fatores psicossociais podem ser de proteção e de risco às pessoas. Os fatores psicossociais considerados protetivos estão relacionados a promoção de interações positivas no contexto de trabalho, como exemplo, confiança e respeito interpessoal, resiliência, engajamento, aprendizagens compartilhadas e estão relacionados a promoção de saúde mental (Santos, 2021). Os fatores psicossociais protetivos caracterizam situações positivas e podem auxiliar na diminuição dos fatores que podem oferecer risco referente a situações, eventos, contextos ou recursos que atuam na diminuição ou supressão das possibilidades de ocorrência de resultados indesejados e de uma evolução bem-sucedida e adaptada (Zanelli; Kanan, 2019). Eles estão associados à ideia de apoio, ajuda ou fortalecimento, flexibilidade, tolerância e vinculados a resultados positivos, considerados favoráveis por ofertar suporte e proteção aos trabalhadores. Para Rutter (1987), os fatores de proteção podem ser considerados recursos que contribuem para os trabalhadores promover sua resiliência, melhorar ou alterar também os seus repertórios pessoais e riscos

de desadaptação. Esses fatores podem ser responsáveis por potencializarem competências emocionais, comunicativas e de convivência em todo o contexto organizacional e extraorganizacional. As condutas organizacionais que isolam e amortecem os efeitos negativos das adversidades acarretadas pela exposição aos fatores de risco e seus efeitos negativos no trabalhador são considerados fatores de proteção (Thompson; Ravlin, 2017). Alguns exemplos de atividades que contribuem como fator protetivo: trabalho criativo, variação de tarefas, suporte social, *feedback* de desempenho e autonomia (Demerouti *et al.*, 2001; Eurofound; Eu-Osha, 2014).

Por outro lado, os fatores psicossociais podem ser de risco à saúde das pessoas. Vazquez, Pianezolla e Hutz (2018) afirmam que risco no trabalho está relacionado aos aspectos do processo e da organização do trabalho que expõe o trabalhador a fatores negativos na atividade laboral e promovem danos à sua saúde. Os fatores de risco causam prejuízos aos trabalhadores e alguns exemplos deles podem ser citados como sobrecarga de trabalho, falta de autonomia, relações de trabalho violentas, entre outras. Para Moreno-Jimenez (2011) os fatores de risco podem atuar como gatilhos de tensão e estresse no trabalho. Assim, quando esses fatores são ameaçadores, perigosos e desfavoráveis são considerados de risco. Carlotto *et al.* (2018) afirmam que os fatores de risco psicossocial são aqueles aspectos do desenho do trabalho, do contexto organizacional e seu gerenciamento e que podem causar danos à saúde e segurança das pessoas no trabalho.

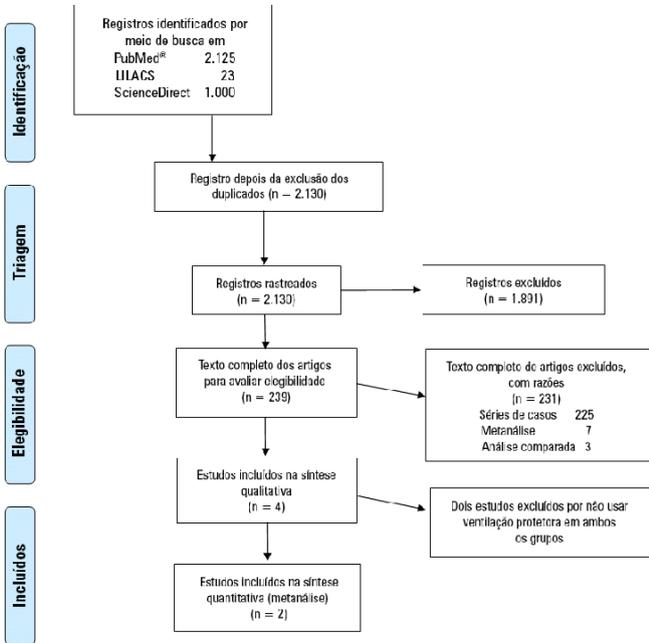
Para a OIT (2013), os fatores de risco psicossociais resultam das interações que as pessoas têm com o meio ambiente de trabalho, o conteúdo do trabalho, as condições de organização e as capacidades, as necessidades e a cultura do trabalhador. Além desses aspectos, são incluídas também as considerações pessoais externas ao ambiente de trabalho que, somadas, podem influenciar a saúde, o rendimento do trabalho e a satisfação com ele, dependendo das percepções e da experiência do trabalhador.

Quando a interação entre o ambiente de trabalho e os fatores humanos é negativa, pode resultar em distúrbios emocionais, problemas comportamentais bem como doenças físicas. Parece ser necessário a compreensão desses fatores que estão presentes na interação do trabalho e as pessoas, principalmente o que é compreendido por fatores psicossociais para o planejamento de possíveis intervenções.

Método

Foi realizada uma revisão de escopo a partir do modelo Aromataris (2020). Nas bases da *Web of Science* e Scopus foi utilizada a mesma estratégia de busca com as palavras-chave “*psychosocial factors*” and “*firefighter*” or “*police*” em novembro de 2023. Quanto aos fatores de inclusão/exclusão, os artigos revisados por pares foram restringidos ao período de 2017/2023, nos idiomas português e inglês e que tivessem estudos empíricos com a aplicação de escalas de mensuração de fatores de risco ou de proteção psicossocial. A triagem foi realizada a partir da leitura dos resumos, títulos e palavras-chave dos artigos. A elegibilidade foi realizada posteriormente com a leitura integral dos artigos. As buscas nas bases redundaram em 215 artigos revisados por pares. Desses, restaram no estudo apenas 32, sendo que somente 6 tratam diretamente de fatores psicossociais. A Figura 2 revela as fases da triagem e da elegibilidade que redundaram nos 32 artigos incluídos na análise.

Figura 2 – Fluxograma da revisão de escopo



Fonte: Próprios autores.

Resultados e discussões

A análise dos artigos identificados nas bases de dados permitiu o desenvolvimento de categorias para discussão. As categorias definidas foram: estudos que tratam diretamente do tema Fatores Psicossociais e estudos que não tratam diretamente com o nome Fatores Psicossociais.

Embora utilizado os descritores Fatores Psicossociais para identificar os 57 artigos, estes termos aparecem em seis artigos que foram contemplados na categoria que trata diretamente do tema. Horswill, Jones e Carleton (2021) examinaram os fatores psicossociais associados ao Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT) em policiais canadenses. Foram consi-

derados como fatores psicossociais, a sensibilidade à ansiedade, intolerância à incerteza, baixo apoio social, baixo otimismo, elevada amabilidade e eventos adversos na infância. Os autores consideraram que a investigação sobre resultados pós-traumáticos em policiais canadenses foi limitada. O estudo investigou a relação entre as variáveis psicossociais e os resultados do trauma e teve como resultado que 25% da polícia canadense montada e 12% dos oficiais municipais tiveram rastreamento positivo para TEPT. Jang *et al.* (2017) investigaram os fatores psicológicos relacionados com a síndrome do intestino irritável entre os bombeiros da Coreia do Sul. Os fatores psicológicos considerados foram procura de emprego, conflito interpessoal, sistema organizacional, falta de recompensa e estresse. Os fatores psicológicos aumentam a probabilidade da síndrome do intestino irritável bem como a qualidade de vida dos bombeiros. Essa síndrome é uma doença incapacitante e reduz a qualidade de vida e a produtividade no trabalho caso não seja corretamente diagnosticada e tratada. Jenkins *et al.* (2019), examinaram a associação entre fatores psicossociais de proteção e sintomas depressivos em policiais. Identificaram que traços de personalidade como neuroticismo e *coping* passivo aumentam o risco de depressão e fatores protetores como o enfrentamento, a dureza e o apoio social podem reduzir o risco de depressão. Estratégias eficazes de enfrentamento e resiliência podem reduzir o estresse policial e considerar as características da personalidade no treino e apoio pode ajudar a prevenir a depressão. Ohlendorf *et al.* (2023) avaliaram a saúde física e mental dos policiais alemães e constataram que o sofrimento psicológico está associado a fatores como a capacidade de reagir a situações difíceis, a insatisfação com a vida e problemas de saúde. O desequilíbrio entre esforço e recompensa aumenta o risco de queixas musculoesqueléticas. Sørengaard *et al.* (2022) investigaram preditores dos sintomas de insônia em funcionários da polícia norueguesa. Descobriram que o neuroticismo (traço de personalidade) foi o preditor mais

forte e estável da insônia e o excesso de comprometimento e o estresse apresentaram associações positivas com sintomas de insônia. O apoio social teve uma associação negativa com a insônia. As exigências laborais e o controle no trabalho não apresentaram associação significativa com sintomas de insônia. Talavera-Velasco *et al.* (2018) analisaram variáveis associadas a saúde mental em policiais e identificaram que o esgotamento emocional e a percepção dos problemas como desafios são fatores significativos para a saúde mental. Os fatores psicossociais avaliados foram as demandas cognitivas, controle, suporte organizacional e recompensas e, segundo os autores, precisam ser considerados para a melhoria das intervenções em recursos humanos e práticas de saúde ocupacional neste grupo profissional.

A segunda categoria desenvolvida se refere aos estudos que não tratam diretamente de fatores psicossociais. Existem estudos identificados na busca apresentando resultados que podem contribuir para a ocorrência de suicídio e estes aspectos podem ser considerados fatores psicossociais conforme os pesquisadores. Estes fatores resultam da interação entre pessoas e trabalho. Os estudos de Groll *et al.* (2020), Arble e Arnetz (2016), Armstrong, Shakespeare-finch e Shochet (2014), Carleton *et al.* (2018a), Herzog *et al.* (2022), Park *et al.* (2023), Pennington *et al.* (2021), Sattler, Boyd e Kirsch (2014), Smith *et al.* (2020), Soravia *et al.* (2021), Stanley *et al.* (2018a), Stanley *et al.* (2019) e Yuan *et al.* (2022) relacionam as características do trabalho dos bombeiros como fatores que contribuem para desencadear transtorno de estresse pós-traumático. Esses trabalhadores estão expostos a uma variedade de incidentes potencialmente traumáticos no seu trabalho (Sattler; Boyd; Kirsch, 2014) e altos níveis de exposição a trauma colocam os bombeiros em risco de transtornos e sintomas mentais. Os sintomas que prevaleceram nos estudos foram ansiedade, humor variado, estresse agudo, depressão, o uso indevido de álcool e risco de suicídio. Os autores sugerem que intervenções direcionadas a promoção de

apoio social por parte dos superiores, a redução da exposição aos eventos traumáticos e desenvolvimento de tolerância ao sofrimento são possíveis ações organizacionais que podem auxiliar na diminuição destes sintomas. Armstrong, Shakespeare-finch e Shochet (2014) afirmam que a sensibilidade para questões como sentimento de pertencimento, respeito e apoio por parte da organização pode servir como fatores protetivos contra os efeitos do estresse e eventos potencialmente traumáticos. Kimbrel *et al.* (2016) consideram que a elevada exposição a tentativas de suicídio e mortes são riscos de comportamento suicida. Reforçam a necessidade de aumentar a utilização de tratamento de saúde comportamental para os bombeiros. Méndez, Lois e Vásquez (2022) identificaram uma associação direta entre autoritarismo e apoio à força policial, ou seja, fatores ideológicos e variáveis psicossociais desempenham um papel nos excessos policiais. Sandrin *et al.* (2020) examinaram como a direção e a intensidade dos efeitos positivos e negativos do trabalhador no contexto de trabalho combinam-se dentro de diferentes perfis e identificaram que níveis mais elevados do agir com consciência e sem julgar a experiência interior podem reduzir o risco de suicídio entre os bombeiros com sintomas de TEPT. A percepção de pertencimento e o apoio social podem proteger contra sintomas de TEPT e promover uma cultura de apoio e construir um clima de apoio mais forte pode ajudar (Sandrin; Morin; Fernet; Gillet, 2021).

É importante ressaltar que esses sintomas são tratados como fatores e na realidade são consequência de aspectos presentes na interação das pessoas com o trabalho como é o caso das características do trabalho dos bombeiros.

Boffa *et al.* (2018) afirmam que a sensibilidade à ansiedade é um fator de risco para o transtorno de estresse pós-traumático e Doley, Bell e Watt (2016) identificaram em seus estudos que as características de cada um influenciam na estratégia de enfrentamento focado no problema e na emoção. Gulliver *et al.*

(2021) estudaram sobre a depressão, resiliência e estabilidade e descobriram que estes fatores estão diretamente relacionados ao indivíduo e não ao número de eventos traumáticos presenciados. Encontraram um nível de resiliência e estabilidade no relato de sintomas de angústia, apesar da frequente exposição a situações traumáticas. Hom, Stanley, Ringer e Joiner (2016) em seus estudos, identificaram que os bombeiros possuem preocupações com a reputação e constrangimento para procurar ajuda, existe um estigma. Noda *et al.* (2022) examinaram a relação entre traços de personalidade, depressão, qualidade de vida e transtorno stress pós-traumático e identificaram que existe um efeito indireto significativo entre os traços de personalidade e a saúde mental. Os autores Boffa *et al.* (2018), Doley, Bell e Watt (2016), Gulliver *et al.* (2021), Hom *et al.* (2016) e Noda *et al.* (2022) contribuem demonstrando que algumas características internas das pessoas são fatores que interferem na maneira de atuar como profissional. A percepção de apoio organizacional e a resiliência psicológica estão associadas a resultados positivos de enfrentamento dos profissionais de segurança sendo que programas de formação para aumentar a resiliência psicológica contribuem para reduzir o *burnout*. Para Smith *et al.* (2020) são necessárias intervenções para proteger e promover a saúde dos bombeiros em função do stress e *burnout* que impactam negativamente nos comportamentos de segurança e para Song, Há e Jue (2020) o apoio dos pares e o auto encorajamento têm impactos positivos significativos na resiliência, importantes para diminuir os efeitos da ansiedade social que é um fator de risco como o viés cognitivo.

Stanley *et al.* (2018b) examinaram a relação entre sintomas de depressão, sensibilidade à ansiedade (AS) e risco de suicídio entre os bombeiros e os achados permitem afirmar que os sintomas depressivos interagem com as preocupações cognitivas e sociais da sensibilidade à ansiedade para prever o risco de suicídio entre os bombeiros. Sugerem intervenções direcionadas

às preocupações com AS para mitigar o risco de suicídio nos bombeiros. O stress ocupacional está ligado a ameaças suicidas ao longo da vida e à intenção suicida atual e a construção de competências de tolerância ao sofrimento pode beneficiar os esforços de prevenção ao suicídio (Stanley *et al.* 2018b). Tommasi, Conte e Saggino (2021) afirmam que é necessário o desenvolvimento de mais pesquisas para identificar traços psicológicos específicos que ajudem os bombeiros a lidarem com o stress e a doença psicológica e para Stanley *et al.* (2019a) os esforços clínicos para reduzir o risco de suicídio entre os bombeiros expostos a trauma precisam centrar-se no aumento das facetas de atenção plena.

A percepção dos trabalhadores referente ao seu trabalho também pode ser considerado um fator que está presente na prática profissional. Chu *et al.* (2016) afirmam que a percepção de sobrecarga, pertencimento frustrado (necessidade de conexão não atendida) e capacidade adquirida para o suicídio são constructos da teoria interpessoal do suicídio e ajudam a identificar trabalhadores em risco. Os resultados podem orientar investigadores e clínicos na identificação e apoio aos bombeiros. Chu *et al.* (2016) contribuem informando que a percepção de pertencimento frustrado é significativamente responsável pela insônia e suicídio além da ansiedade e Gallyer *et al.* (2018) acrescenta o uso problemático do álcool. Kim, Park e Kim (2018) afirmam que esforços para tratar o uso do álcool e aliviar a insônia podem ser benéficos para minimizar a ideação suicida. Han *et al.* (2021) descobriram que os sintomas do TEPT estavam relacionados a uma ligação entre problemas de sono, baixa resiliência e diminuição da função neurocognitiva. Para Kehl *et al.* (2015) os fatores associados a resiliência e ao TEPT podem resultar em mudanças psicológicas positivas como exemplo crescimento pós-evento. O tipo de incidente, percepção de ameaça à vida, sofrimento pós-evento são considerados preditores do sofrimento. Para Lv *et al.* (2023) é necessário potenciar táticas positivas de

regulação da emoção, como a autocompaixão. A redução da frequência do stress e das percepções pessoais são cruciais para a gestão do stress e alavancar os recursos internos pode diminuir o esgotamento do trabalho e aumentar a eficiência do trabalho. A mudança do estilo de enfrentamento positivo para o negativo é comum em grupos ocupacionais de alto risco. O estudo contribui para o avanço da teoria da avaliação cognitiva do stress. Savkh e Sükrü (2023) afirmam que os programas psicológicos precisam centrar-se na construção da resiliência para serem efetivos. Para Schäefer *et al.* (2020) o senso de coerência é o correlato mais forte dos sintomas de saúde mental e os sintomas de *burnout* estão fortemente correlacionados com a resiliência do traço. As crenças de controle externo desempenham um papel importante na saúde mental dos policiais. Estudos futuros deverão analisar as diferenças entre as ocupações ao longo do tempo.

Considerações finais

A compreensão de fatores psicossociais presentes no contexto de trabalho, conforme identificado nos estudos analisados, ocorre de diferentes maneiras. Alguns pesquisadores consideram explicitamente que os fatores psicossociais estão relacionados aos aspectos internos dos trabalhadores tais como a sensibilidade à ansiedade, intolerância à incerteza, baixo otimismo, elevada amabilidade e eventos adversos na infância, traços de personalidade, capacidade de reagir a situações difíceis, a insatisfação com a vida e problemas de saúde e se manifestam nas interações no trabalho. Consideram aspectos do contexto organizacional como sistema organizacional, falta de recompensa, baixo apoio social, exigências laborais e o controle no trabalho, dentre outros, presentes e identificados como fatores psicossociais. Também foram analisados estudos de pesquisadores que tratam da temática sem se referir diretamente a fatores psicossociais, indicando que eventos potencialmente traumáticos no trabalho e altos níveis de exposição a trauma, aspectos externos

ao trabalhador, são reconhecidos como riscos ao trabalhador, bem como o autoritarismo. Quanto aos aspectos internos dos trabalhadores, se referem a percepção dos trabalhadores sobre o seu trabalho, percepção de pertencimento frustrado, crença de controle externo, percepção de sobrecarga como fatores presentes no contexto de trabalho.

É possível afirmar que o termo “fatores psicossociais” não está claramente compreendido pelos pesquisadores envolvidos neste estudo, ou pelo menos, não referem como tal. Muitos fatores identificados como fatores psicossociais parecem ser consequência da interação entre as situações presentes nas organizações e a forma como os indivíduos reagem a elas. Os fatores psicossociais passam a ser produzidos pelo contexto e não estão presentes constantemente nestes contextos. Entende-se que se houver maior clareza do que é e de quais são os fatores presentes nos diferentes contextos de trabalho que são de natureza psicossocial, as intervenções relacionadas a saúde e bem-estar das pessoas podem ser planejadas para diminuir, quando são fatores de risco e otimizar quando forem fatores de proteção. Sugere-se que novos estudos e análises sejam realizadas para melhor compreensão do termo e uso dele nos contextos de trabalho.

Referências

AGENCIA EUROPEA PARA LA SEGURIDAD Y LA SALUD EN EL TRABAJO. **Investigación sobre el estrés relacionado con el trabajo**. Luxemburgo: Oficina de Publicaciones Oficiales de las Comunidades Europeas, 2005.

ARBLE, E.; ARNETZ, B. B. A Model of First-responder Coping: Há Approach/Avoidance Bifurcation. **Stress and health**, v. 33, n. 3, p. 223-232, 2017.

ARMSTRONG, D.; SHAKESPEARE-FINCH, J.; SHOCHET, I. Predicting post-traumatic growth and post-traumatic stress in firefighters, **Australian Journal of Psychology**, v. 66, n. 1, p. 38-46, 2014.

AROMATARIS, E.; MUNN, Z. (ed.). **JBI manual for evidence synthesis**. Adelaide: The Joanna Briggs Institute, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.46658/JBIMES-20-01>.

- BASTOS, A. V. B.; SOUZA, G. C. D.; PEIXOTO, A. D. L. A.; JESUS, N. C. C. D.; COSTA, T. D. Desenho do trabalho e desempenho do servidor: um estudo em uma Universidade Federal brasileira. *In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE GESTIÓN UNIVERSITARIA*, 18., 2018, Equador, **Anais** [...]. Equador, 2018, p. X-XX. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/190668>.
- BENAVIDES, G. F.; RUIZ-FRUTOS, C.; GARCIA, A. M. **Salud Laboral**. Conceptos y técnicas para la prevención de riesgos laborales. Madrid: Masson, 2004.
- BLANCH, J. M. Trabajar ha la controla industrial. *In: BLANCH, J. M. (org.). Teoría de las relaciones laborales: fundamentos* (p. 19-148). Barcelona: UOC, 2003.
- BOFFA, J. W. *et al.* Posttraumatic Stress Disorder Symptoms and Suicide Risk in Male Firefighters: The Mediating Role of Anxiety Sensitivity. **Journal of nervous and mental disease**, v. 206, n. 3, p. 179-186, 2018.
- CARLETON, R. N. *et al.* Anxiety-related psychopathology and chronic pain comorbidity among public safety personnel. **Journal of anxiety disorders**, v. 55, p. 48-55, 2018a.
- CARLETON, R. N. *et al.* Suicidal Ideation, Plans, and Attempts Among Public Safety Personnel in Canada. **Canadian Psychology-Psychologie Canadienne**, v. 59, n. 3, p. 220-231, 2018b.
- CARLOTTO, P. A. C.; CRUZ, R. M.; GUILLAND, R.; ROCHA, R. E. R.; DALAGASPERINA, P.; ARIÑO, D. O. Riscos psicossociais relacionados ao trabalho: perspectivas teóricas e conceituais. **Revista Interamericana de Psicología Ocupacional**, v. 37, n. 1, p. 52-70, 2018. DOI: 1021772/ripo.v37n1a04.
- CHEN, X. *et al.* Factors Influencing the Mental Health of Firefighters in Shantou City, China. **Psychology research and behavior management**, v. 13, p. 529-536, 2020.
- CHU, C. *et al.* A test of the interpersonal theory of suicide in a large sample of current firefighters. **Psychiatry research**, v. 240, p. 26-33, 2016.
- CHU, C. *et al.* Insomnia and suicide-related behaviors: A multi-study investigation of thwarted belongingness as a distinct explanatory factor. **Journal of affective disorders**, v. 208, p. 153-162, 2017.
- DEMEROUTI, E.; BAKKER, A. B.; NACHREINER, F.; SCHAUFELI, W. B. The job demands-resources model of burnout. **J. Appl. Psychol.**, v. 86, p. 499-512, 2001.

DOLEY, R. M.; BELL, R.; WATT, B. D. An Investigation Into the Relationship Between Long-term Posttraumatic Stress Disorder Symptoms and Coping in Australian Volunteer Firefighters. **Journal of nervous and mental disease**, v. 204, n. 7, p. 530-536, 2016.

EGBERINK, I. J. L.; HARMS, T.; LOMMEN, M. J. J. Psychometric properties of the Dutch revised sense of coherence scale in a firefighter sample. **European journal of psychotraumatology**, v. 11, n. 1, 2020.

EUROPEAN AGENCY FOR SAFETY AND HEALTH AT WORK (EU-OSHA). **Psychosocial risks in Europe: Prevalence and strategies for prevention**. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2014. DOI: <https://doi.org/10.2806/70971>.

FERREIRA, M. C.; MENDES A. M. Contexto de trabalho. In: SIQUEIRA, M. M. M. (org.). **Medidas do comportamento organizacional: ferramentas de diagnóstico e de gestão**. Porto Alegre: Artmed, 2008, pp. 111-124.

GALLYER, A. J. *et al.* Problematic alcohol use and suicidal ideation among firefighters: A multi-study investigation of the explanatory roles of perceived burdensomeness and thwarted belongingness. **Journal of affective disorders**, v. 238, p. 281-288, 2018.

GIBSON, J. L. *et al.* **Organizações: Comportamento, estrutura, processos**. Trad. Carlos Roberto V de Araújo. São Paulo: Ed Atlas, 1981.

GRANT, H. B.; LAVERY, C. F.; DECARLO, J. An Exploratory Study of Police Officers: Low Compassion Satisfaction and Compassion Fatigue, **Frontiers in psychology**, v. 9, 2019.

GRANT, A.; PARKER, S. 7 Redesigning Work Design Theories: The Rise of Relational and Proactive Perspectives. **The Academy of Management Annals**, v. 3, p. 317-375, 2009. DOI: [10.1080/19416520903047327](https://doi.org/10.1080/19416520903047327).

GROLL, D. L. *et al.* A Cross-Sectional Study of the Relationship between Previous Military Experience and Mental Health Disorders in Currently Serving Public Safety Personnel in Canada. **Canadian journal of psychiatry-revue canadienne de psychiatrie**, v. 65, n. 5, p. 330-337, 2020.

GULLIVER, S. B. *et al.* A Prospective Study of Firefighters' PTSD and Depression Symptoms: The First 3 Years of Service. **Psychological trauma-theory research practice and policy**, v. 13, n. 1, p. 44-55, 2021.

HAN, Y. *et al.* Posttraumatic stress disorder symptoms and neurocognitive functioning in fire fighters: The mediating role of sleep problems and resilience. **Comprehensive psychiatry**, v. 109, 2021.

HANSSON, J.; PADYAB, M. How the availability and adequacy of social support affect the general mental health of Swedish police officers. **Frontiers in psychology**, v. 14, 2023.

HERZBERG, F. *et al.* **The motivation to work**. 2. ed. New York: John Wiley, 1959.

HERZOG, J. *et al.* Trauma Symptoms and Suicidal Ideation in Firefighters With Consideration of Exposure to Natural Disaster. **Traumatology**, 2022.

HOM, M. A. *et al.* Mental Health Service Use Among Firefighters With Suicidal Thoughts and Behaviors. **Psychiatric services**, v. 67, n. 6, p. 687-690, 2016.

HORSWILL, S. C.; JONES, N. A.; CARLETON, R. N. Psychosocial Factors Associated with Canadian Police Officers' Susceptibility to Posttraumatic Stress and Growth. **Canadian journal of behavioural science**, 2021.

JANG, S.-H. *et al.* Psychological Factors Influence the Irritable Bowel Syndrome and Their Effect on Quality of Life among Firefighters in South Korea. **Psychiatry investigation**, v. 14, n. 4, p. 434-440, 2017.

JENKINS, E. N. *et al.* Depressive Symptoms Among Police Officers: Associations with Personality and Psychosocial Factors. **Journal of police and criminal psychology**, 2019.

KEHL, D. *et al.* Predictors of Postevent Distress and Growth Among Firefighters After Work-Related Emergencies-A Cross-National Study. **Psychological trauma-theory research practice and policy**, v. 7, n. 3, p. 203-211, 2015.

KIM, J. I.; PARK, H.; KIM, J.-H.. Alcohol use disorders and insomnia mediate the association between PTSD symptoms and suicidal ideation in Korean firefighters. **Depression and anxiety**, v. 35, n. 11, p. 1095-1103, 2018.

KIMBREL, N. A. *et al.* Is Cumulative Exposure to Suicide Attempts and Deaths a Risk Factor for Suicidal Behavior Among Firefighters? A Preliminary Study. **Suicide and life-threatening behavior**, v. 46, n. 6, p. 669-677, 2016.

LV, G. *et al.* The influence of firefighters' perceived stress on job burnout: a moderated mediation model. **Current psychology**, 2023.

LUCCA, S. R. **Fatores psicossociais e saúde mental no trabalho**. São Paulo: Proteção, 2019.

MARCON, S. R. A. *et al.* Work Design: características da tarefa na perspectiva de gestores e não-gestores. **Psicol., Organ. Trab.**, Brasília,

v. 19, n. 4, p. 809-817, dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.17652/rpot/2019.4.17500>.

MENDEZ, D.; LOIS, D.; VAZQUEZ, A. Effects of sex and authoritarianism on legitimization of police abuses. **Anuário de psicologia jurídica**, v. 32, n. 1, p. 71, 2022.

MILLER, A.; UNRUH, L. Individual and organizational influences of the professional quality of life of Florida public safety personnel A comparison of the fields. **International journal of emergency serviCES**, v. 8, n. 3, p. 221-235, 2019.

MORENO-JIMÉNEZ, B. Factores y riesgos laborales psicosociales: conceptualización, historia y cambios actuales. **Medicina y Seguridad del trabajo**, v. 57, p. 4-19, 2011.

MORGESON, F. P.; HUMPHREY, S. E. The Work Design Questionnaire (WDQ): Desenvolvimento e validação de uma medida abrangente para avaliar o design do trabalho e a natureza do trabalho. **Jornal de Psicologia Aplicada**, v. 91, n. 6, p. 1321-1339, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1037/0021-9010.91.6.1321>.

MOUSSA, M., BRIGHT, M.; VARUA, M. Investigando a produtividade dos trabalhadores do conhecimento usando a teoria do design do trabalho. **Jornal Internacional de Produtividade e Gestão de Desempenho**, v. 66, n. 6, p. 822-834, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1108/IJPPM-08-2016-0161>.

MUCHINSKY, P. M. Motivación laboral. In: MUCHINSKY, P. M. (org.). **Psicología aplicada al trabajo**: há introduccion a la Psicología Industrial y Organizacional. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1994, pp. 367-412.

NODA, Y. *et al.* The mediating effect of symptoms of posttraumatic stress disorder and depression on the relationship between personality traits and quality of life in emergency service workers. **Comprehensive psychiatry**, v. 116, 2022.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Factores psicosociales há el trabajo**: Naturaleza, controla y prevención. Genebra: OIT, 1984.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). Psychosocial factors at work: recognition and control. **Occupational Safety and Health Series**, Geneva, n. 56, 1986. Disponível em: http://www.ilo.org/public/libdoc/ilo/1986/86B09_301_engl.pdf. Acesso em: 22 out. 2018.

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DEL TRABAJO (OIT). **La prevención de las enfermedades profesionales**. Ginebra: OIT- Safe Work, 2013.

OHLENDORF, D. *et al.* Musculoskeletal complaints, postural patterns and psychosocial workplace predictors in police officers from an organizational unit of a German federal state police force – a study protocol. **Journal of occupational medicine and toxicology**, 2023. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85153179488&doi=10.1186%2fs12995-023-00372-8&partnerID=40&md5=2b6342fe2180c979edfe3e3af9047251>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Santé et bien-être sur les lieux de travail. Rapport sur la réunion d'há groupe de travail de l'OMS. Prague, le 18-20 septembre 1979. **Bureau Régional de l'Europe**. Copenhague, 1981.

PARK, H. *et al.* Nonsuicidal Self-Injury and Its Mediation Effect on the Association Between Posttraumatic Stress Disorder, Depression, and Suicidal Behavior in Firefighters. **Psychiatry investigation**, v. 20, n. 7, p. 635, 2023.

PARK, H. *et al.* Prevalence and correlates of suicidal ideation in Korean firefighters: a nationwide study. **BMC psychiatry**, v. 19, n. 1, 2019.

PENNINGTON, M. L. *et al.* Career Versus Volunteer Firefighters: Differences in Perceived Availability and Barriers to Behavioral Health Care. **Psychological services**, v. 19, n. 3, p. 502-507, 2022.

RUTTER, M. Psychosocial resilience and protective mechanisms. **Orthopsychiatry**, v. 57, n. 3, p. 316-331, jul. 1987. DOI: 10.1111/j.1939-0025.1987.tb03541.x. PMID: 3303954.

SÁ DE SOUZA, L. A. *et al.* Subjective Well-Being and Burnout in Military Cadets: The Mediating Role of Self-Efficacy. **Psicologia-reflexão e crítica**, v. 28, n. 4, p. 744-752, 2015.

SANDRIN, E. *et al.* A Longitudinal Person-Centered Perspective on Positive and Negative Affect at Work. **Journal of psychology**, v. 154, n. 7, p. 499-532, 2020.

SANDRIN, E. *et al.* Complementary variable- and person-centered approaches to the dimensionality of burnout among fire station workers. **Anxiety stress and coping**, v. 35, n. 4, p. 440-457, 2022.

SANTOS, F. B. dos *et al.* Estresse ocupacional e engajamento no trabalho entre policiais militares. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 5987-5996, 2021. DOI: 10.1590/1413-812320212612.14782021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212612.14782021>. Acesso em: 15 abr. 2021.

SATTLER, D. N.; BOYD, B.; KIRSCH, J. Trauma-exposed Firefighters: Relationships among Posttraumatic Growth, Posttraumatic Stress, Resource Availability, Coping and Critical Incident Stress Debriefing Experience. **Stress and health**, v. 30, n. 5, p. 356-365, 2014.

SAUTER, S. L.; HURRELL, J. J.; MURPHY, L.; LEVI, L. Factores Psicosociales y de Organización. *In: Enciclopèdia de Salut e Seguretat há el Treball*. Ginebra: Gabinet Internacional del Treball, 2003. v. 2. pp. 34.2-34.3.

SAVKLI, Y.; SUKRU, F. G. The moderating role of resilience in the relationship between symptoms of post-traumatic stress disorder and suicide ideation among firefighters in Türkiye. **Journal of psychiatric nursing**, v. 14, n. 2, p. 112-119, 2023.

SCHAEFER, S. K. *et al.* Correlates of mental health in occupations at risk for traumatization: a cross-sectional study. **BMC psychiatry**, v. 20, n. 1, 2020.

SCHEIN, E. H. **Organisational Psychology**. New Jersey: Prentice-Hall Inc, 1965.

SCHEIN, E. H. **Psicologia Organizational**. 3. ed. Rio de Janeiro: Prentice-Hall Inc., 1982.

SCHNELL, T.; SUHR, F.; WEIERSTALL-PUST, R. Post-traumatic stress disorder in volunteer firefighters: influence of specific risk and protective factors. **European journal of psychotraumatology**, v. 11, n. 1, 2020.

SHIN, Y. *et al.* Latent profile analysis of post-traumatic stress and post-traumatic growth among firefighters. **European journal of psychotraumatology**, v. 14, n. 1, 2023.

SMITH, T. D. *et al.* Stress, burnout and diminished safety behaviors: An argument for Total Worker Health® approaches in the fire service. **Journal of safety research**, v. 75, p. 189-195, 2020.

SONG, Y.; HA, J. H.; JUE, J. Examining the Relative Influences of the Risk Factors and Protective Factors That Affect Firefighter Resilience. **Sage open**, v. 10, n. 4, 2020.

SORAVIA, L. M. *et al.* Rescuers at Risk: Posttraumatic Stress Symptoms Among Police Officers, Fire Fighters, Ambulance Personnel, and Emergency and Psychiatric Nurses. **Frontiers in psychiatry**, v. 11, 2021.

SØRENGAARD, T. A. *et al.* Predictors of insomnia symptoms in police employees: a longitudinal investigation and comparison of personality and psychosocial work factors. **Cogent psychology**, 2022. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0->

85141094877&doi=10.1080%2f23311908.2022.2137246&partnerID=40&md5=41f17d41b6f6644310eed47320d9c898.

STANLEY, I. H. *et al.* Anxiety sensitivity and suicide risk among firefighters: A test of the depression-distress amplification model. **Comprehensive psychiatry**, v. 84, p. 39-46, 2018a.

STANLEY, I. H. *et al.* Examining anxiety sensitivity as a mediator of the association between PTSD symptoms and suicide risk among women firefighters. **Journal of anxiety disorders**, v. 50, p. 94-102, 2017a.

STANLEY, I. H. *et al.* Occupational stress and suicidality among firefighters: Examining the buffering role of distress tolerance. **Psychiatry research**, v. 266, p. 90-96, 2018b.

STANLEY, I. H. *et al.* Perceptions of Belongingness and Social Support Attenuate PTSD Symptom Severity Among Firefighters: A Multistudy Investigation. **Psychological services**, v. 16, n. 4, p. 543-555, 2019a.

STANLEY, I. H. *et al.* Posttraumatic stress disorder symptoms and mindfulness facets in relation to suicide risk among firefighters. **Journal of clinical psychology**, v. 75, n. 4, p. 696-709, 2019b.

STANLEY, I. H. *et al.* Suicidal behaviors among American Indian/Alaska Native firefighters: Evidence for the role of painful and provocative events. **Transcultural psychiatry**, v. 57, n. 2, p. 275-287, 2020.

STANLEY, I. H. *et al.* Suicidal thoughts and behaviors among women firefighters: An examination of associated features and comparison of pre-career and career prevalence rates. **Journal of affective disorders**, v. 221, p. 107-114, 2017b.

STANLEY, I. H. *et al.* Wildland firefighters and suicide risk: Examining the role of social disconnectedness. **Psychiatry research**, v. 266, p. 269-274, 2018c.

TALAVERA-VELASCO, B. *et al.* Psychosocial Risk Factors, Burnout and Hardy Personality as Variables Associated With Mental Health in Police Officers. **Frontiers in psychology**, v. 9, 2018.

THOMPSON, B.; RAVLIN, E. Fatores de proteção e fatores de risco: Moldando o surgimento da resiliência diádica no trabalho. **Revisão de Psicologia Organizacional**, v. 7, n. 2, p. 143-170, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1177/2041386616652673>.

TIFFIN, J.; MCCORMICK, E. J. **Psicologia Industrial**. México: Editorial Diana, 1959 [1942].

TOMMASI, M.; CONTE, M. M.; SAGGINO, A. Stress, psychological disease, psychological well-being and personality in Italian firefighters

compared to other working categories. **Cogent psychology**, v. 8, n. 1, 2021.

VAZQUEZ, A. C. S.; PIANEZOLLA, M.; HUTZ, C. S. Assessment of psychosocial factors at work: A systematic review. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 35, n. 1, p. 5-13, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-02752018000100002>.

VILLALOBOS, G. Diseño de un sistema de controla epidemiológica de factores de riesgo psicossocial en el trabajo. Habana. Instituto Superior de Ciencias Médicas de La Habana. **Instituto Nacional de Salud de los Trabajadores**, 2004.

WILD, J.; CHANG, T. E. Is It Personal? The Effect of Personal vs. Occupational Trauma on PTSD Symptom Severity in Emergency Responders. **Frontiers in psychiatry**, v. 13, 2022.

WITT, M.; STELCER, B.; CZARNECKA-IWANCZUK, M. Stress coping styles in firemen exposed to severe stress. **Psychiatria polska**, v. 52, n. 3, p. 543555, 2018.

YUAN, H. *et al.* Network structure of PTSD symptoms in Chinese male firefighters. **Asian journal of psychiatry**, v. 72, 2022.

ZANELLI, J. C.; BASTOS, A. V. B. Inserção profissional do psicólogo em organizações e no trabalho. *In*: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. (orgs.). **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 466-491.

ZANELLI, J. C.; KANAN, L. A. **Fatores de risco, proteção psicossocial e trabalho**: organizações que emancipam ou que matam. Lages: EdUniplac, 2019.

FATORES PSICOSSOCIAIS *associados à depressão em profissionais de segurança pública*

*Alexandra Carol Cioato
Fernanda Bitencourt Prigol
Silvana Regina Ampessan Marcon*

Introdução

Este capítulo apresentará resultados de pesquisas sobre os fatores psicossociais de proteção e de risco associados ao suicídio em profissionais de segurança pública, especificamente da categoria profissional de bombeiros e policiais. O estudo foi desenvolvido para o XXXI Jovens Pesquisadores e XIII Mostra Acadêmica de Inovação e Tecnologia da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e adaptado para o presente capítulo.

Os profissionais de segurança pública (PSP), por exemplo, trabalhadores de serviços fronteiriços, funcionários de comunicação, trabalhadores penitenciários, bombeiros, paramédicos e policiais parecem ter mais problemas de saúde mental do que a população em geral (Carleton *et al.*, 2018) e maior risco de sofrimento psíquico e de suicídio (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019). A possibilidade de aumento de riscos ocorre porque o trabalho desses profissionais envolve inerentemente a exposição a eventos emocionalmente e fisicamente estressantes, como incêndios, ressuscitações, prisões, etc., muitos dos quais podem ser traumáticos ou prejudiciais à saúde (*American Psychiatric Association*, 2013). O emprego na segurança pública

normalmente envolve períodos regulares de estresse físico substancial, bem como longos períodos de potencial inatividade, como o tempo entre chamadas de serviço (Parsons, 2004), resultando no aumento do risco de lesões físicas (Corbeil *et al.*, 2017) e dor crônica (*International Association For The Study Of Pain*, 1994). Tais exposições parecem aumentar o risco de vários transtornos mentais (Carleton *et al.*, 2019) sendo um deles o transtorno depressivo maior (APA, 2013). Existem evidências crescentes de que os PSP experimentam uma gama diversificada de ansiedade e sintomas depressivos potencialmente problemáticos (Paulus *et al.*, 2018). Além disso, Ricciardelli *et al.* (2018b), afirmam que a cultura das organizações dos PSPs pode ser influenciada pelo estigma da saúde mental, que pode impactar negativamente os comportamentos de busca de ajuda nesses profissionais.

Para identificar e entender sobre fatores psicossociais presentes no trabalho dos profissionais de segurança pública é necessário caracterizar o contexto de trabalho desta categoria profissional, bem como os fatores psicossociais protetivos e de risco.

Contexto de trabalho

O contexto de trabalho envolve três dimensões, a organização do trabalho (OT), que é constituída por elementos que expressam as concepções e as práticas de gestão de pessoas e do trabalho presentes no local de produção, como divisão e tempo do trabalho, metas e qualidades, regras formais, entre outros. A segunda dimensão se refere às condições de trabalho (CT), constituída pelos elementos estruturais que caracterizam as condições de trabalho, a infraestrutura e o apoio institucional, são eles: ambiente físico, ferramentas e máquinas, equipamentos, matéria prima e suporte organizacional. Por fim, a dimensão das relações socioprofissionais (RS) abrange as interações hierárquicas, coletivas, entre membros da equipe e interações externas.

Tais dimensões fornecem as bases para compreender a atividade de trabalho dos indivíduos (Ferreira; Mendes, 2008).

Profissionais que atuam no contexto de trabalho que tem como atividades atendimento de urgência e emergência podem sofrer mais estresse do que os trabalhadores não emergenciais, isso porque suas funções e responsabilidades de trabalho estão dentre as mais perigosas, além de serem psicológica e fisicamente exigentes (Setti; Argentero, 2015; Smith *et al.*, 2018).

O trabalho dos PSPs é repleto de tensão e risco pela exposição ao sofrimento e à morte de outras pessoas (Regehr, 2009). Dentre as particularidades do trabalho destes profissionais também está a pressão do tempo e a limitação quanto a possibilidade de controlar as demandas de trabalho, uma vez que estas estão principalmente associadas a desastres e emergências de tarefas de resgate (Ângelo; Chambel, 2013).

O bombeiro é o profissional que protege a vida e o patrimônio das pessoas, prevenindo ou reprimindo incêndios, resgatando indivíduos e prestando primeiros socorros. Muitas vezes sofrem de falta de sono devido à natureza de seu trabalho que requer uma prontidão de 24 horas (Barger; Lockley; Rajaratnam; Landrigan, 2009). Por serem trabalhadores de emergência estão repetidamente expostos a eventos traumáticos durante o curso de seus serviços, e seus papéis são caracterizados por altos níveis de exigência de trabalho e exposição rotineira a estressores físicos e psicológicos (Benedek; Fullerton; Ursano, 2007). Carleton *et al.*, (2019) relatam que a carga e o tipo de estresse potencialmente traumático estão associados a transtornos mentais, como acidentes graves de transporte, morte súbita violenta e morte súbita acidental, classificados como os “piores” eventos mais prevalentes para os bombeiros. Outra pesquisa apresenta resultados semelhantes revelando que os bombeiros expressam uma variedade de problemas de saúde mental (Corneil *et al.*, 1999; Murphy *et al.*, 1999) com risco elevado de depressão (Tak *et al.*, 2007; Martin; Tran; Buser,

2017) em comparação com a população em geral. Estudos evidenciaram que 11% dos bombeiros sofrem de depressão (Carey *et al.*, 2011) por estarem em exposição ocupacional elevada a eventos potencialmente traumáticos (PTEs) e distúrbios relacionados. Além disso, maior sensibilidade à ansiedade e menor tolerância ao sofrimento estão associados a maiores sintomas de TEPT e maiores sintomas de depressão em bombeiros (Bartlett *et al.*, 2018). Trauma a exposição está associada a muitos resultados negativos de saúde mental, incluindo depressão e TEPT (Sinclair; Wallston; Strachan, 2016; Overstreet *et al.*, 2017). Com o aumento da incidência de exposição ao trauma, os bombeiros demonstram taxas altas de depressão (5% em bombeiros) (Carey *et al.*, 2011) em comparação com 3% na população em geral identificado por Koivumaa-Honkanen *et al.*, em 2004.

A categoria profissional dos policiais caracteriza-se como uma força que atua de maneira organizada para proteger a sociedade e é considerada uma força protetiva do estado sobre as atividades do cidadão com o intuito de assegurar a ordem pública, é o que afirma Cretella Júnior (1985) sobre as atribuições e conceitualizações que caracterizam a profissão do policial. A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) caracteriza as atividades profissionais do policial com a possibilidade de horários irregulares, com uma variedade de escalas, com ou sem troca de turnos, podendo permanecer longos períodos em pé. No que tange às especificidades da tarefa, o CBO informa que os policiais podem se submeter a situações de pressão, exposição a materiais tóxicos e o possível risco de morte. A *International Association of Chiefs of Police* (2017) afirma que as atividades trabalhistas exercidas pelos policiais dispõem de cenários propícios a estressores recorrentes, mostrando-se de alto risco (Milner *et al.*, 2013; Stanley; Hom; Joiner, 2016) e dispendo segundo a *International Association of Chiefs of Police* (IACP, 2017) de cenários propícios a estressores recorrentes.

De acordo com os dados apresentados do que é uma profissão que atua em situações de riscos diversos, é importante caracterizar os fatores psicossociais de risco e de proteção presentes nesse contexto.

Fatores psicossociais protetivos e de risco

Os fatores psicossociais para a *International Labour Organization* (1986) são considerados a interação que ocorre entre as características da organização, como o desenho do trabalho e as condições laborais, e os atributos individuais do sujeito, como a sua bagagem cultural, seus costumes e suas necessidades. De acordo com Zanelli e Kanan (2019), os fatores psicossociais podem ser de proteção e de riscos às pessoas.

Os fatores de proteção são aqueles que resultam em situações benéficas ao bem-estar das pessoas e conseqüentemente da organização, eles fortalecem características positivas e se referem a situações, eventos, contextos ou recursos que atuam na diminuição ou supressão das possibilidades de ocorrência de resultados indesejados e de uma evolução bem-sucedida e adaptada. Estão associados à ideia de apoio, ajuda ou fortalecimento (Zanelli; Kanan, 2019). Os fatores de risco são considerados por Zanelli e Kanan (2019) estímulos, podendo ser condições, circunstâncias ou acontecimentos que acometem os indivíduos, externos ao trabalhador, empresa ou grupo, que afetem sua integridade e bem-estar ou da organização. Geram efeitos negativos no trabalhador, organização e grupos, produzindo estresse, que tem efeitos nos níveis emocional, cognitivo, fisiológico, no comportamento social e laboral (Villalobos, 2004).

Trabalhar em um emprego de alta tensão parece estar associado a um contexto de exposição a fatores psicossociais de risco que podem ocasionar menor bem-estar psicológico, menor satisfação no trabalho, índice de *burnout* e sofrimento psicológico relacionado ao trabalho (Van Der Doef; Maes, 1999), agravos

nessas condições podem resultar em depressão e risco de suicídio (Carro; Nunes, 2021). Para Silva e Vieira (2008) o que gera os fatores de risco a esses profissionais é a presença do risco constante, da precarização do trabalho e do aumento da violência. A junção desses fatores acaba por culminar o sofrimento psíquico nesses trabalhadores, podendo levá-los a depressão, ao abuso de substâncias e ao suicídio.

O estigma pode ser uma barreira para o comportamento de procura de tratamentos para os PSP. Ter um transtorno mental está frequentemente associado a ser visto como incapaz, incompetente, fraco e fracasso (Caputo; Rouner, 2011). A pressão para manter uma personalidade forte é muitas vezes maior entre as organizações PSP (Corsianos, 2011), o que pode levar a evitar o acesso a serviços profissionais por medo de represálias por parte dos pares ou da administração (Blum, 2000; Wheeler *et al.*, 2018). Lesões por estresse operacional muitas vezes não são reconhecidas até que os impactos sobre os PSPs sejam significativos (Ricciardelli *et al.*, 2018a). Pedir ajuda pode ser considerado um sinal de fraqueza entre os PSP e pode ser acompanhado por receios de potenciais consequências, como ser afastado do trabalho, limites para promoções ou perda de identidade profissional (Wester *et al.*, 2010). O estigma da saúde mental também pode influenciar a notificação de sintomas de saúde mental, limitando a disponibilidade de recursos (Henderson *et al.*, 2016) e criando um ciclo que impede ainda mais o comportamento de procura de tratamento.

Pesquisas sugerem que o apoio social, que é considerado um fator psicossocial protetivo, é um aspecto crítico para a saúde mental dos profissionais. Ele é descrito como a assistência emocional ou prática que alguém recebe de seus grupos sociais, como familiares, amigos ou colegas, em momentos de crise e angústia, podendo proporcionar qualidade de vida e proteção contra eventos adversos da vida (Prati; Pietrantonio, 2010; Setti; Lourel; Argentero, 2016; Guilaran *et al.*, 2018). É ampla-

mente considerado um fator de proteção para a saúde mental (Mildenhall, 2012; Brooks *et al.*, 2016), especialmente contra o impacto de situações estressantes (Scully, 2011). Os efeitos negativos de eventos potencialmente traumáticos e do estresse ocupacional parecem ser atenuados pela percepção de uma boa rede de apoio social (Oginka-Bulik, 2015). Outro fator ligado à proteção contra o estresse é a resiliência, reduzindo o risco de desenvolver transtornos psiquiátricos (Edwards *et al.*, 2014; Green *et al.*, 2014) e definida por Lutha e Cicchetti (2000) como o curso dinâmico no qual os indivíduos apresentam uma adaptação eficaz apesar das experiências adversas anteriores.

Método

O presente estudo é uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e exploratória, realizada na base de dados SCOPUS e *Web of Science* através do portal de periódicos da CAPES. Foram realizadas duas buscas no dia vinte e seis de junho de 2023. A primeira com as palavras-chaves “*psychosocial factors*” or “*depression*” and “*public security professionals*” or “*firefighters*” e a segunda busca com as palavras-chaves “*psychosocial factors*” or “*depression*” and “*public security professionals*” or “*police*”. Definiu-se como critérios de seleção artigos em língua portuguesa, inglesa, espanhola com abrangência no filtro ano de publicação: 2018-2023; áreas de estudo: psicologia; e, como tema principal: depressão. Foram encontrados 203 artigos na primeira busca e 109 artigos na segunda busca, que atenderam aos critérios de seleção. Foi realizada a primeira análise dos artigos a partir dos títulos e resumos, resultando em 44 artigos na primeira busca e 27 artigos na segunda busca. Após efetuou-se uma segunda análise, fazendo a leitura dos artigos na íntegra, revertendo em 15 artigos na primeira busca e 7 artigos na segunda busca. Posteriormente foram extraídos conteúdos de interesse ao estudo a partir dos escolhidos. Os resultados da apuração serão descritos a seguir.

Resultados

Os estudos identificados na pesquisa, apresentados na Quadro 1, contribuíram para a compreensão das diferentes variáveis psicossociais relacionadas aos riscos de depressão em profissionais da segurança pública. Essas variáveis foram categorizadas como Fatores de Risco e Fatores Protetivos e suas especificidades estão detalhadas a seguir.

Quadro 1 – Caracterização das fontes.

Autor e ano de publicação	Título
Anum; Acquah; Osein-Tutu (2020)	Police Mental Health in Ghana: Examining the Effects of Personality and Police Rank
Barlett <i>et al.</i> (2018)	Post-traumatic stress and suicidality among firefighters: The moderating role of distress tolerance
Bryant <i>et al.</i> (2019)	Efficacy of exposure-based cognitive behavior therapy for post-traumatic stress disorder in emergency service personnel: A randomized clinical trial
Burke (2020)	Democratic Policing and Officer Well-Being
Carleton <i>et al.</i> (2018)	Anxiety-related psychopathology and chronic pain comorbidity among public safety personnel
Chen <i>et al.</i> (2020)	Factors influencing the mental health of firefighters in Shantou city, China
Galovski; Peterson; Fox-Galalis (2018)	Trajectories of Post-traumatic Stress and Depression in Police and Community Members Following the Violence during Civil Unrest in Ferguson, Missouri
Gambin; Sekowski; Marchewka (2020)	Relations between multidimensional attitude toward death and psychological distress in firefighters
Goh <i>et al.</i> (2021)	Younger, more senior, and most vulnerable? Interaction effects of age and job seniority on psychological distress and quality of life among firefighters

Husain (2020)	Depression, Anxiety and Stress among Urban and Rural Police Officers
Kaurin; Schonfelder; Wessa (2018)	Self-compassion buffers the link between self-criticism and depression in trauma-exposed firefighters
Kim; Park; Kim (2018)	The mediation effect of PTSD, perceived job stress and resilience on the relationship between trauma exposure and the development of depression and alcohol use problems in Korean firefighters: A cross-sectional study
Krishnan <i>et al.</i> (2022)	A Systematic Review of Risk Factors Implicated in the Suicide of Police Officers
Kshtriya <i>et al.</i> (2020)	Social support as a mediator of occupational stressors and mental health outcomes in first responders
Kyron <i>et al.</i> (2022)	Work-related and Nonwork Stressors, PTSD and Psychological Distress: Prevalence and Attributable Burden Among Australian Police and Emergency Services Employees
Lim <i>et al.</i> (2020)	Depression, anxiety, stress and social support had a significant effect on the sleep quality of pre-employed firefighters
Majani <i>et al.</i> (2023)	Marital conflict, trauma exposure, post-traumatic stress disorder and depressive symptoms among Malaysian firefighters
Ranney <i>et al.</i> (2020)	Cardiovascular risk as a moderator of associations among anxiety sensitivity, distress tolerance, PTSD and depression symptoms among trauma-exposed firefighters
Richardson Robb; O'Connor (2021)	Psychosocial factors that distinguish between men and women who have suicidal thoughts and attempt suicide: findings from a national probability sample of adults
Sandrin <i>et al.</i> (2019)	Effects of motivation and workload on firefighters' perceived health, stress and performance
Sherwood <i>et al.</i> (2019)	Identifying the Key Risk Factors for Adverse Psychological Outcomes Among Police Officers: A Systematic Literature Review

Tommasi; Conte; Saggino (2021)	Stress, psychological disease, psychological well-being and personality in Italian firefighters compared to other working categories
--------------------------------	--

Fonte: Elaborado pelos autores.

No Quadro 1 estão apresentados os 22 artigos selecionados com a descrição do título e autores. A seguir será apresentado sobre os fatores psicossociais de risco, presentes nos estudos analisados.

Fatores psicossociais de risco

Explorar os fatores psicossociais de risco envolvidos na apresentação de depressão em profissionais da segurança pública é essencial para compreender as condições que impactam diretamente a saúde mental desses trabalhadores. No tocante aos profissionais de segurança pública que trabalham especificamente como bombeiros, os estudos apontam para uma relação entre motivação e bem-estar psicológico. Conforme evidenciado por Sandrin *et al.* (2019), a motivação autônoma entre esses profissionais está inversamente associada ao estresse percebido, apresentando uma correlação positiva com a percepção de saúde e desempenho. Em contrapartida, a motivação controlada exibe uma relação positiva com o estresse percebido e uma conexão negativa tanto com a saúde percebida quanto com o desempenho. Essas descobertas ressaltam a importância da autonomia no ambiente de trabalho, sugerindo que uma motivação intrínseca pode desempenhar um papel crucial na promoção do bem-estar psicológico dos bombeiros.

Além disso, os autores destacam a carga de trabalho excessiva como um fator de risco para os trabalhadores. Sandrin *et al.* (2019) observam que a carga de trabalho está negativamente relacionada com a percepção de saúde e desempenho, indicando que uma carga excessiva de responsabilidades pode contribuir para a deterioração do estado psicológico dos profissionais.

Associada a níveis elevados de estresse percebido, a sobrecarga de trabalho emerge como um componente crítico na manutenção da saúde mental desses profissionais, predispondo os funcionários a níveis acentuados de esgotamento. A carga de trabalho excessiva, principalmente para os bombeiros, exige um esforço considerável dos funcionários, pois eles precisam realizar várias tarefas simultaneamente, levando assim a níveis mais baixos de desempenho (Sandrin *et al.*, 2019).

Entre os estudos analisados, há o destaque para a interligação entre a apresentação de sintomas do Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) e o risco de suicídio, o que se configura como um fator de risco importante a ser observado no contexto da saúde mental dos profissionais da segurança pública. Bartlett *et al.* (2018) sugerem que a gravidade dos sintomas de TEPT está significativamente associada não apenas à ideação ou tentativa de suicídio, mas também à probabilidade da ocorrência de futuras tentativas. Além disso, a pesquisa conduzida por Goh *et al.* (2021) destaca uma vulnerabilidade particular entre bombeiros jovens ou aqueles que iniciaram suas carreiras precocemente e permaneceram no serviço por longos períodos. Esses indivíduos mostram uma maior prevalência de prováveis sintomas de TEPT, depressão e ansiedade em comparação com outros grupos de bombeiros.

Outro aspecto importante identificado como um fator de risco, diz respeito à relação entre o medo da morte, a aceitação da fuga e os desafios psicológicos enfrentados pelos bombeiros. Gambin, Sekowski e Marchewka (2020) revelam que esses fatores aparecem como positivamente relacionados à ocorrência de depressão grave e ansiedade/insônia. Essa associação evidencia a necessidade de estratégias de apoio psicológico que considerem não apenas as demandas operacionais, mas também abordem as preocupações fundamentais relacionadas à saúde mental desses profissionais, especialmente diante das circunstâncias desafiadoras que enfrentam regularmente.

No contexto dos profissionais da segurança pública que atuam como policiais, diversos fatores psicossociais de risco têm sido identificados, apontando para a complexidade dos desafios enfrentados por essa população específica. A falta de apoio social emerge como um elemento crucial, sendo associada a impactos negativos na saúde mental. Sherwood *et al.* (2019) destacam que a ausência de apoio social, tanto por parte dos colegas de trabalho quanto do círculo familiar e de amigos, representa uma variável significativa que impacta diretamente a saúde mental desses profissionais. Essa carência de suporte social pode ser considerada como um risco presente nas organizações, realçando a necessidade de estratégias que fortaleçam e preservem as conexões sociais dos trabalhadores.

Além disso, os dados encontrados nos estudos permitem identificar outros fatores que contribuem para os desafios psicológicos enfrentados pelos policiais. Altos níveis de esforço no trabalho, combinados com baixos níveis de recompensa, emergem como indicadores que predizem a manifestação de ansiedade, depressão e *burnout*. Sherwood *et al.* (2019) apontam que o reconhecimento da atitude de decisão e a mitigação da solidão são igualmente cruciais, pois se mostram como preditores de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). Isso pode ocorrer porque os policiais estão cientes dos riscos associados à ocupação, mas muitas vezes não estão preparados para os estressores presentes no contexto de trabalho que podem, assim, impactar mais profundamente sua saúde mental (Sherwood *et al.*, 2019).

No âmbito dos profissionais de segurança pública (PSP), a exposição a eventos estressantes no ambiente de trabalho demonstra uma associação marcante com a ocorrência de sintomas de estresse pós-traumático (TEPT) e sofrimento psicológico, conforme evidenciado por Kyron *et al.* (2022). Um fator adicional que emerge como significativo na saúde mental dos profissionais de segurança pública é a presença de dor crônica

(Carleton *et al.* 2018). A pesquisa conduzida por Carleton *et al.* (2018) revela que os PSP que relatam experiências de dor crônica apresentam uma maior propensão a uma série de transtornos psicológicos, incluindo TEPT, transtorno depressivo maior, transtorno de ansiedade social, transtorno de pânico e transtorno por uso de álcool. Essa interconexão entre dor física persistente e sintomas psicológicos acentua a importância de abordagens integradas que levem em consideração tanto o bem-estar físico quanto o mental dos profissionais de segurança pública.

A relação entre risco cardiovascular e saúde mental é destacada em estudos que analisam especificamente bombeiros. Ranney *et al.* (2020) identificam uma associação mais robusta entre TEPT e sintomas de depressão em bombeiros com alto risco cardiovascular. Esses resultados destacam, mais uma vez, que a saúde física desempenha um papel importante no agravamento ou atenuação dos sintomas de saúde mental. A melhoria da saúde física, incluindo a promoção da atividade física, emerge como uma estratégia potencial para reduzir os impactos negativos do TEPT e sintomas depressivos entre bombeiros e, por extensão, em outros profissionais de segurança pública.

Além desses fatores, o consumo de álcool emerge como uma variável significativa ao considerar o risco de suicídio, especialmente entre os profissionais do sexo masculino (Richardson; Robb; O'Connor, 2021). Os autores apontam uma predisposição mais elevada de homens ao suicídio em comparação com mulheres, e diversos elementos, como o uso ou dependência de álcool e drogas, estado civil, depressão, nível de escolaridade e tentativas anteriores de suicídio, são identificados como fatores de risco específicos referentes a essa população. Outro aspecto relevante é a influência do estado civil na saúde mental, particularmente observada em estudos relacionados a bombeiros. Majani *et al.* (2023) destacam que profissionais viúvos dentro dessa categoria apresentam uma maior incidência de Transtorno

de Estresse Pós-Traumático (TEPT) e sintomas depressivos em comparação com os grupos casados e solteiros. Essa associação sugere que o estado civil pode desempenhar um papel significativo na resiliência psicológica desses profissionais, com impactos diretos em sua saúde mental.

Em relação ao ambiente em que exercem suas atividades, as diferenças entre os policiais que atuam em áreas urbanas e rurais revelam impactos significativos em relação ao estresse ocupacional e seus impactos na saúde mental (Husain, 2020). O ambiente de trabalho em áreas urbanas impõe tarefas notavelmente mais estressantes aos policiais, tendo em mente a intensidade e a complexidade das operações em delegacias urbanas. A natureza agitada e desafiadora desses cenários urbanos contribui para níveis mais elevados de sofrimento psicológico, conforme evidenciado pelos policiais desse contexto que apresentaram níveis “severos” de depressão, ansiedade e estresse. Em contraste, os trabalhadores que atuam em delegacias rurais, onde a população é percebida como mais cooperativa com o trabalho da polícia, enfrentam um ambiente profissional que, segundo o estudo, correlaciona-se com níveis “moderados” desses sintomas psicológicos. Esses achados apontam para a importância de se considerar o contexto de inserção dos PSP ao realizar a proposição de intervenções que sejam adequadas para a realidade desses profissionais, visto que a localidade de atuação pode se configurar como um fator de risco para a saúde mental dos que ali trabalham (Husain, 2020).

Outro fator de risco identificado diz respeito às dimensões da personalidade, visto que estas emergem como fatores moduladores que influenciam o impacto da classificação ocupacional na saúde mental dos profissionais da segurança pública (Anum; Acquah; Osei-Tutu, 2023). Essa descoberta destaca a importância de considerar não apenas as demandas inerentes ao trabalho, mas também as características individuais que moldam a resposta psicológica às pressões ocupacionais. O reconhecimento do

papel significativo das dimensões da personalidade pode proporcionar que as estratégias de intervenção e apoio psicossocial sejam adaptadas às necessidades específicas de cada profissional, tanto de policiais quanto de bombeiros.

Por fim, é preciso considerar os impactos comportamentais e sociais que a apresentação de sintomas ligados a alterações psicopatológicas pode causar na vida desses indivíduos. O estudo de Majani *et al.* (2023) sugere que os bombeiros que apresentam Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) e sintomas depressivos relataram uma gama mais ampla de problemas, incluindo agressividade, histórico familiar de angústia, insatisfação sexual e dificuldades na resolução de problemas de comunicação, em comparação com seus colegas sem esses sintomas. Dessa forma, é importante considerar que a apresentação de tais fatores considerados de risco não se restringem a impactos no estado emocional, mas também na vida pessoal e profissional dos PSP, se constituindo como um campo de possibilidades interventivas a serem consideradas. Existem também fatores psicossociais que podem ser considerados protetivos.

Fatores de proteção

Identificar os fatores de risco para o desenvolvimento de depressão em profissionais da segurança pública é de extrema importância para aperfeiçoar as práticas direcionadas a esses profissionais. Porém, é preciso que possamos compreender, também, os fatores de proteção que resguardam a saúde mental desses trabalhadores. Dentre os estudos analisados, são citados diferentes fatores considerados como protetivos. No estudo realizado por Chen *et al.* (2020), a necessidade de treinamento constante para aprimorar a saúde mental de bombeiros de carreira é apontada como um elemento imprescindível dentro da realidade da profissão, devendo ser implementada de maneira rotineira. Este treinamento não apenas visa a capacitação técnica, mas também concentra-se em estratégias de enfrentamento

e resiliência específicas para o contexto desafiador enfrentado pelos bombeiros. Além disso, a pesquisa destaca que o apoio social e o acompanhamento psicológico são fatores de proteção capazes de fornecer um suporte para ajudar os bombeiros a lidar com os impactos emocionais e psicológicos vividos em seu cotidiano.

No caso de bombeiros expostos a traumas intensos, a autocompaixão surge como um elemento fundamental na promoção da resiliência e na prevenção de sintomas depressivos (Kaurin; Schönfelder; Wessa, 2018). A autocompaixão aparece como fator de proteção ao reconhecer as adversidades e tratar a si mesmo com bondade, proporcionando o desenvolvimento da capacidade de enfrentar experiências traumáticas sem comprometer significativamente sua saúde mental. Essa abordagem reforça a importância de integrar estratégias que promovam a autocompaixão nos programas de apoio psicológico, visto seu potencial para contribuir com a saúde e o bem estar dos profissionais quando aplicada ao campo da segurança pública (Kaurin; Schönfelder; Wessa, 2018).

Assim como no estudo de Chen *et al.* (2020), o apoio social aparece em diversos outros como um fator extremamente positivo, destacando sua importância para os PSP e sua frequente associação com outros fatores de proteção. Pesquisas realizadas por Kshtriya *et al.* (2020) sugerem a importância de práticas para fortalecer redes de apoio social dos socorristas dentro e fora do trabalho, mitigando o impacto na saúde mental dos estressores, muitas vezes inerentes ao seu trabalho, além de fomentar a resiliência psicológica. Em outro estudo, treinamento, engajamento no trabalho, apoio social e motivação são apresentados como fatores que determinam o bem-estar psicológico e o estresse em trabalhadores que enfrentam situações de perigo (Tommasi; Conte; Saggino, 2021). Além disso, o maior apoio aos policiais está associado à diminuição do estresse no trabalho, depressão,

ansiedade e afeto negativo, implicando em sua importância como alicerce para a saúde dos profissionais (Burke, 2020).

Para além do suporte social, um perfil de renda mais elevada emerge como um fator fundamental na proteção mais consistente contra TEPT e sintomas depressivos (Galovski; Peterson; Fox-galalis, 2018). Não obstante, o estudo de Kim, Park e Kim (2018) sugere que a prevenção do TEPT, a gestão do estresse no trabalho e o fortalecimento da resiliência podem ser considerados fatores-chave na prevenção de depressão e uso de álcool em populações de alto risco, como bombeiros.

A partir da análise dos dados encontrados nos estudos, foram identificados alguns achados pertinentes em relação a possíveis intervenções no tocante à quadros depressivos apresentados por esses profissionais. Dada a natureza intensamente de exigência física e mental das carreiras PSP, o tratamento precoce para sintomas de dor ou transtorno mental pode ser particularmente benéfico para reduzir a incapacidade a longo prazo e melhorar a qualidade de vida (Carleton *et al.*, 2018). Além disso, Bryant *et al.* (2019) destacam que a Terapia Cognitiva Comportamental (TCC) é uma alternativa eficaz na redução do TEPT e depressão em pessoas que trabalham em serviços de emergência, o que pode contribuir para a diminuição dos fatores de risco e fortalecimento dos fatores que protegem a saúde desses profissionais.

A participação em programas proativos focados na proteção da saúde mental da PSP pode contribuir na redução do risco e incentivar a procura precoce de ajuda. O programa *Before Operational Stress* (BOS) foi projetado para melhorar o autoconhecimento e relacionamentos saudáveis, além de mitigar os impactos do estresse operacional, com um ano de duração, sendo derivado da terapia cognitivo-comportamental e técnicas terapêuticas em grupo (Lim *et al.*, 2020).

Em consonância com esses fatores, a participação em programas proativos voltados para a proteção da saúde mental no âmbito da segurança pública é apontada como um fator positivo na redução de riscos e no estímulo à busca precoce de ajuda. Um exemplo notável é o programa *Before Operational Stress* (BOS). Fundamentado em princípios da terapia cognitivo-comportamental e em técnicas terapêuticas em grupo, o BOS é um programa de um ano de duração desenvolvido para aprimorar o autoconhecimento e promover relacionamentos saudáveis, enquanto simultaneamente mitiga os impactos do estresse operacional (Lim *et al.*, 2020). Para Majani *et al.* (2023), o planejamento adequado do tratamento e da intervenção para a melhoria do bem-estar psicológico é considerado como indispensável para as profissões atuantes no contexto da segurança pública. No decorrer deste livro, serão explicitados maiores detalhes sobre demais intervenções voltadas para a população estudada.

Diante do exposto, os fatores de proteção são aspectos considerados primordiais para a manutenção de um estado mental saudável e equilibrado perante a realidade enfrentada pelos profissionais da segurança pública, proporcionando que esses trabalhadores vivam bem apesar das adversidades que encontram em sua profissão. A partir deles, é possível desenvolver estratégias e intervenções capazes de beneficiar grandemente tanto bombeiros quanto policiais, propiciando melhores condições de trabalho e desenvolvimento pessoal a esses indivíduos.

Considerações finais

A natureza do trabalho exercido pelos Profissionais de Segurança Pública viabiliza que esses profissionais estejam expostos a diversos fatores de risco associados à saúde mental, como a depressão, além do estresse, o esgotamento e o desenvolvimento de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). Outrossim, é necessário realizar o delineamento entre as

peculiaridades de cada profissão, considerando os contextos específicos pertencentes ao fazer dos profissionais bombeiros militares e dos profissionais policiais militares. Essa distinção permite considerar todas as nuances que constituem os fatores psicossociais

Diante disso, a discussão sobre o desenvolvimento de diferentes estratégias e intervenções. Os resultados apontam que o fator apoio social e resiliência são fatores protetores para esses profissionais.

Os fatores de risco associados a essa população, aliado ao alto risco de desenvolver depressão, destacam a necessidade da polícia e organizações de serviços de emergência revisarem suas políticas e programas para apoiar a saúde mental e o bem-estar dos trabalhadores.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5. ed. Washington, DC: Autor, 2013.

ÂNGELO, R.-P.; CHAMBEL, M.-J. An intervention with firefighters to promote psychological occupational health according to the Job Demands-Resources Model. **Revista de Psicologia Social**, v. 28, n. 2, p. 197-210, jan. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1174/021347413806196753>.

ANUM, A.; ACQUAH, B.; OSEI-TUTU, A. Saúde Mental Policial em Gana: Examinando os Efeitos da Personalidade e da Posição Policial. **Tendências em Psicologia**, p. 1-15, 2023.

BARGER, L. K.; LOCKLEY, S. W.; RAJARATNAM, S. M.; LANDRIGAN, C. P. Impact of sleep deprivation and fatigue on the risk of accidents in the workplace and public environments. **Curr. Neurol. Neurosci. Rep.**, v. 9, n. 2, p. 155-164, 2009.

BARTLETT, B. A. *et al.* Posttraumatic stress and suicidality among firefighters: the moderating role of distress tolerance. **Cogn. Ther. Res.**, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10608-018-9892-y>.

BENEDEK, D. M.; FULLERTON, C.; URSANO, R. J. First Responders: Mental Health Consequences of Natural and Human-Made

Disasters for Public Health and Public Safety Workers. **Annual Review of Public Health**, v. 28, n. 1, p. 55-68, abr. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev.publhealth.28.021406.144037>.

BLUM, L. N. **Força sob pressão**: como os policiais vivem e por que morrem. Nova York: Lantern Books, 2000.

BURKE, K. C. Democratic Policing and Officer Well-Being. **Front. Psychol.**, v. may 26, n. 11, p. 874. DOI: 10.3389/fpsyg.2020.00874. PMID: 32528350; PMCID: PMC7264487.

BROOKS, S. K. *et al.* Social and occupational factors associated with psychological distress and disorder among disaster responders: a systematic review. **BMC Psychology**, v. 4, n. 1, 26 abr. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s40359-016-0120-9>.

BRYANT, R. A.; KENNY, L.; RAWSON, N.; CAHILL, C.; JOSCELYNE, A.; GARBER, B.; TOCKAR, J.; DAWSON, K.; NICKERSON, A. Efficacy of exposure-based cognitive behaviour therapy for post-traumatic stress disorder in emergency service personnel: a randomised clinical trial. **Psychol. Med.**, v. 49, n. 9, p. 1565-1573, 2019. DOI: 10.1017/S0033291718002234. Epub 2018. PMID: 30149825.

CAPUTO, N. M.; ROUNER, D. Narrative Processing of Entertainment Media and Mental Illness Stigma. **Health Communication**, v. 26, n. 7, p. 595-604, out. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10410236.2011.560787>.

CAREY, M. G. *et al.* Sleep problems, depression, substance use, social bonding, and quality of life in professional firefighters. **Journal of Occupational and Environmental Medicine**, v. 53, n. 8, p. 928-933, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/JOM.0b013e318225898f>.

CARLETON, R. N. *et al.* Exposures to potentially traumatic events among public safety personnel in Canada. **Canadian Journal of Behavioural Science/Revue Canadienne des Sciences du Comportement**, v. 51, n. 1, p. 37-52, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/cbs0000115>.

CARLETON, R. N. *et al.* Mental Disorder Symptoms among Public Safety Personnel in Canada. **Can. J. Psychiatry**, v. 63, p. 54-64, 2018. DOI: 10.1177/0706743717723825.

CARRO, A. C.; NUNES, R. D. Ideação suicida como fator associado à síndrome de Burnout em estudantes de Medicina. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 70, p. 91-98, 16 abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000302>.

CORBEIL, P. *et al.* **Mesure de l'exposition du technicien ambulancier paramédical aux facteurs de risque de troubles musculosquelettiques.**

Bibliothèque et Archives ontolai du Québec: l'Institut de recherche Robert-Sauvé há santé et há sécurité du travail (IRSST), 2017.

CHEN, X.; ZHANG, L.; PENG, Z.; CHEN, S. Factors Influencing the Mental Health of Firefighters in Shantou City, China. **Psychol. Res. Behav. Manag.**, v. 1, n. 13, p. 529-536, 2020. DOI: 10.2147/PRBM.S249650. PMID: 32753981; PMCID: PMC7342484.

CORNEIL, W. *et al.* Exposure to traumatic incidents and prevalence of posttraumatic stress symptomatology in urban firefighters in two countries. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 4, n. 2, p. 131-141, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/1076-8998.4.2.131>.

CORSIANOS, M. Responding to officers' gendered experiences through community policing and improving police accountability to citizens. **Contemporary Justice Review**, v. 14, n. 1, p. 7-20, 2011. DOI: 10.1080/10282580.2011.541074.

CRETTELA JÚNIOR, J. Polícia e poder de polícia. **Revista de Direito Administrativo**, n. 162, p. 10-34, 1985.

EDWARDS, K. M. *et al.* Multiplicity of Child Maltreatment and Biopsychosocial Outcomes in Young Adulthood. **Child Maltreatment**, v. 19, n. 3-4, p. 188-198, 16 jul. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1077559514543354>.

FERREIRA, M. C.; MENDES, A. M. B. Contexto de Trabalho. *In*: SIQUEIRA, M. M. M. **Medidas do Comportamento Organizacional**: ferramentas de diagnóstico e de gestão. São Paulo: Artmed, 2008.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**: 2021. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wpcontent/uploads/2021/07/anuario-2021-completo-v4-bx.pdf>.

GALOVSKI, T. E.; PETERSON, Z. D.; FOX-GALALIS, A. Trajectories of Posttraumatic Stress and Depression in Police and Community Members Following the Violence during Civil Unrest in Ferguson, Missouri. **Am. J. Community Psychol.**, v. 62, n. 3-4, p. 433-448, 2018. DOI: 10.1002/ajcp.12273. Epub 2018. PMID: 30222868.

GAMBIN, M.; SEKOWSKI, M.; MARCHEWKA, A. Relações entre atitude multidimensional frente à morte e sofrimento psíquico em bombeiros. **Estudos da Morte**, v. 46, n. 7, p. 1768-1772, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1080/07481187.2020.1825297>.

GOH, K. K.; JOU, S.; LU, M.-L.; YEH, L.-C.; KAO, Y.-F.; LIU, C.-M.; KAN, B.-L. Mais jovens, mais idosos e mais vulneráveis? Efeitos da interação da idade e da antiguidade no sofrimento psicológico e na qualidade de vida dos bombeiros. **Trauma Psicológico: Teoria**,

Pesquisa, Prática e Política, v. 13, n. 1, p. 56-65, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1037/tra0000662>.

GREEN, K. T. *et al.* Alcohol misuse and psychological resilience among U.S. Iraq and Afghanistan era veterans. **Addictive Behaviors**, v. 39, n. 2, p. 406-413, fev. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2013.08.024>.

GUILARAN, J. *et al.* Psychological Outcomes in Disaster Responders: A Systematic Review and Meta-Analysis on the Effect of Social Support. **International Journal of Disaster Risk Science**, v. 9, n. 3, p. 344-358, set. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s13753-018-0184-7>.

HENDERSON, S. N. *et al.* Firefighter suicide: understanding cultural challenges for mental health professionals. **Profess. Psychol.**, v. 47, p. 224-230, 2016. DOI: 10.1037/pro0000072.

HUSAIN, W.; ASHKANANI, F. Does COVID-19 change dietary habits and lifestyle behaviours in Kuwait: a community-based cross-sectional study. **Environ Health Prev Med**, v. 12, n. 25, p. 61, 2020. DOI: 10.1186/s12199-020-00901-5. PMID: 33045996; PMCID: PMC7548533.

INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR THE STUDY OF PAIN. Classification of chronic pain: Descriptions of chronic pain syndromes and definitions of pain terms. **Pain**, v. 3, Suppl., 1994, p. 1-226.

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF CHIEFS OF POLICE (IACP). **Breaking the Silence on Law Enforcement Suicides: IACP National Symposium on Law Enforcement Officer Suicide and Mental Health**. Washington, DC: Office of Community Oriented Policing Services, 2017.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. Les facteurs psychosociaux au travail. Nature, incidences et ontrolai. **Rapport du Comité mixte OIT-OMS de la médecine du travail**. Genève, sep., 1984.

KAURIN, A.; SCHÖNFELDER, S.; WESSA, M. Self-compassion buffers the link between self-criticism and depression in trauma-exposed firefighters. **J. Couns. Psychol.**, v. 65, n. 4, p. 453-462, 2018. DOI: 10.1037/cou0000275. Epub 2018. PMID: 29927259.

KIM, J. I.; PARK, H.; KIM, J. H. The mediation effect of PTSD, perceived job stress and resilience on the relationship between trauma exposure and the development of depression and alcohol use problems in Korean firefighters: A cross-sectional study. **J. Affect. Disord.**, v. 15, n. 229, p. 450-455, 2018. DOI: 10.1016/j.jad.2017.12.055. Epub 2017. PMID: 29331707.

KOIVUMAA-HONKANEN, H. *et al.* Life satisfaction and depression in a 15-year follow-up of healthy adults. **Soc. Psychiatr. Epidemiol.**, v. 39, n. 12, p. 994-999, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00127-004-0833-6>.

KSHTRIYA, S.; KOBEZAK, H. M.; POPOK, P.; LAWRENCE, J.; LOWE, S. R. Social support as a mediator of occupational stressors and mental health outcomes in first responders. **J. Community Psychol.**, v. 48, n. 7, p. 2252-2263, 2020. DOI: 10.1002/jcop.22403. PMID: 32841385.

KYRON, M. J.; RIKKERS, W.; LAMONTAGNE, A.; BARTLETT, J.; LAWRENCE, D. Work-related and nonwork stressors, PTSD, and psychological distress: Prevalence and attributable burden among Australian police and emergency services employees. **Psychol Trauma**, v. 14, n. 7, p. 1124-1133, 2022. DOI: 10.1037/tra0000536. Epub 2019. PMID: 31789534.

LIM, M.; LEE, S.; SEO, K.; OH, H. J.; SHIN, J. S.; KIM, S. K.; KANG, H. T.; JEONG, K. S.; OH, S. S.; KOH, S. B.; AHN, Y. S. Psychosocial factors affecting sleep quality of pre-employed firefighters: a cross-sectional study. **Ann. Occup. Environ. Med.**, v. 8, n. 32, p. 12, 2020. DOI: 10.35371/aoem.2020.32.e12. PMID: 32528689; PMCID: PMC7272383.

LUTHAR, S. S.; CICCETTI, D. The construct of resilience: implications for interventions and social policies. **Development and psychopathology**, v. 12, n. 4, p. 857-885, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1017%2Fs0954579400004156>.

MAJANI, A. F.; GHAZALI, S. R.; YOKE YONG, C.; PAUZI, N.; ADENAN, F.; MANOGARAN, K. Marital conflict, trauma exposure, posttraumatic stress disorder, and depressive symptoms among Malaysian firefighters. **Psychol. Rep.**, v. 126, n. 4, p. 1605-1619, 2023. DOI: 10.1177/003329412211075246. Epub 2022. PMID: 35084251.

MARTIN, C. E.; TRAN, J. K.; BUSER, S. J. Correlates of suicidality in firefighter/EMS personnel. **Journal of Affective Disorders**, v. 208, p. 177-183, jan. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jad.2016.08.078>.

MILDENHALL, J. Occupational stress, paramedic informal coping strategies: a review of the literature. **Journal of Paramedic Practice**, v. 4, n. 6, p. 318-328, jun. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.12968/jpar.2012.4.6.318>.

MILNER, A. *et al.* Suicide by occupation: systematic review and meta-analysis. **Br. J. Psychiatry**, v. 203, p. 409-416, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1192/bjp.bp.113.128405>.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). [entre 2007 e 2017]. Disponível em: <https://cbo.mte.gov.br/cbsite/pages/home.jsf>.

MURPHY, S. A. *et al.* Occupational stressors, stress responses, and alcohol consumption among professional firefighters: A prospective, longitudinal analysis. **International Journal of Stress Management**, v. 6, n. 3, p. 179-196, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1023/A:1021934725246>.

OGIŃSKA-BULIK, N. Social support and negative and positive outcomes of experienced traumatic events in a group of male emergency service workers. **International Journal of Occupational Safety and Ergonomics**, v. 21, n. 2, p. 119-127, 3 abr. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10803548.2015.1028232>.

OVERSTREET, C. *et al.* Resilience to interpersonal trauma and decreased risk for psychopathology in an epidemiologic sample. **J. Psychopathol Behav. Assess.**, v. 39, n. 3, p. 506-513, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10862-017-9601-2>.

PARSONS, J. R. L. **Occupational Health and Safety Issues of Police Officers in Canada, the United States and Europe: A Review Essay.** Trabalho de Conclusão de Curso (Honours), Memorial University Newfoundland, 2004.

PAULUS, D. J. *et al.* The unique and interactive effects of anxiety sensitivity and emotion dysregulation in relation to posttraumatic stress, depressive, and anxiety symptoms among trauma-exposed firefighters. **Comprehensive Psychiatry**, v. 84, p. 54-61, 2018. DOI: 10.1016/j.compsych.2018.03.012.

PRATI, G.; PIETRANTONI, L. The relation of perceived and received social support to mental health among first responders: a meta-analytic review. **Journal of Community Psychology**, v. 38, n. 3, p. 403-417, abr. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/jcop.20371>.

RANNEY R. M.; BING-CANAR H.; PALTELL K. C.; TRAN J. K.; BERENZ E. C.; VUJANOVIC A. A. Cardiovascular risk as a moderator of associations among anxiety sensitivity, distress tolerance, PTSD and depression symptoms among trauma-exposed firefighters. **J. Psychosom. Res.**, p. 139, dec. 2020. DOI: 10.1016/j.jpsychores.2020.110269.

REGEHR, C. Social support as a mediator of psychological distress in firefighters. **The Irish Journal of Psychology**, v. 30, n. 1-2, p. 87-98, jan. 2009.

RICCIARDELLI, R. *et al.* "Playing the system": Structural factors potentiating mental health stigma, challenging awareness, and creating barriers to care for Canadian public safety personnel.

Saúde, v. 24, p. 259-278, 2018b. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1363459318800167>.

RICCIARDELLI, R. *et al.* Qualitatively unpacking Canadian public safety personnel experiences of trauma and their well-being. **Cân. J. Criminol.**, v. 60, p. 566-577, 2018a. Disponível em: <https://doi.org/10.3138/cjccj.2017-0053.r2>.

Richardson, C.; Robb, K. A.; McManus, S.; O'Connor, R. C. Psychosocial factors that distinguish between men and women who have suicidal thoughts and attempt suicide: findings from a national probability sample of adults. **Psychol. Med.**, v. 53, n. 7, p. 3133-3141, 2023. DOI: 10.1017/S0033291721005195. Epub 2022. PMID: 35012702; PMCID: PMC10235670.

SANDRIN, E; GILLET, N; FERNET, C; LELOUP, M; DEPIN-ROUAULT, C. Efeitos da motivação e da carga de trabalho na percepção da saúde, estresse e desempenho dos bombeiros. **Estresse e Saúde**, v. 35, p. 447-456, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1002/smi.2873>.

SCULLY, P. J. Taking care of staff: A comprehensive model of support for paramedics and emergency medical dispatchers. **Traumatology**, v. 17, n. 4, p. 35-42, dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1534765611430129>

SETTI, I.; ARGENTERO, P. Well-being among volunteer firefighters: Mindfulness as psychological resource. **Psicologia della Salute**, n. 2, p. 101-121, 2015.

SETTI, I.; LOUREL, M.; ARGENTERO, P. The role of affective commitment and perceived social support in protecting emergency workers against burnout and vicarious traumatization. **Traumatology**, v. 22, n. 4, p. 261-270, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/trm0000072>.

SHERWOOD, L.; HEGARTY, S.; VALLIÈRES, F.; HYLAND, P.; MURPHY, J.; FITZGERALD, G.; REID, T. Identifying the Key Risk Factors for Adverse Psychological Outcomes Among Police Officers: A Systematic Literature Review. **J. Trauma Stress**, v. 32, n. 5, p. 688-700, 2019. DOI: 10.1002/jts.22431. Epub 2019. PMID: 31553502

SILVA, M. B. da; VIEIRA, S. B. O processo de trabalho do militar estadual e a saúde mental. **Saúde e Sociedade**, v. 17, n. 4, p. 161-170, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-12902008000400016>.

SINCLAIR, V. G.; WALLSTON, K. A.; STRACHAN, E. Resilient coping moderates the effect of trauma exposure on depression. **Res. Nurs. Health**, v. 39, n. 4, p. 244-252, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/nur.21723>.

SMITH, T. D. *et al.* Assessment of relationships between work stress, work-family conflict, burnout and firefighter safety behavior outcomes. **Safety Science**, v. 103, p. 287-292, mar. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ssci.2017.12.005>

STANLEY, I. H.; HOM, M. A.; JOINER, T. E. A systematic review of suicidal thoughts and behaviors among police officers, firefighters, EMTs, and paramedics. **Clin. Psychol. Ha.**, v. 44, p. 25-44, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2015.12.002>.

TAK, S. *et al.* Depressive symptoms among firefighters and related factors after the response to Hurricane Katrina. **Journal of Urban Health**, v. 84, n. 2, p. 153-161, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11524-006-9155-1>.

TOMMASI, M.; CONTE, M. M.; SAGGINO, A.; MARTINO, G. Estresse, doença psicológica, bem-estar psicológico e personalidade nos bombeiros italianos em comparação com outras categorias de trabalho. **Psicologia Cogente**, v. 8, n. 1, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/23311908.2021.1912249>.

VAN DER DOEFL, M.; MAES, S. The Job Demand-Control (-Support) Model and psychological well-being: A review of 20 years of empirical research. **Work & Stress**, v. 13, n. 2, p. 87-114, abr. 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/026783799296084>.

VILLALOBOS, G. **Diseño de há sistema de controla epidemiológica de factores de riesgo ontrola ial há el trabajo**. La Habana: Instituto Superior de Ciencias Médicas de La Habana/Instituto Nacional de Salud de los Trabajadores., 2004.

WESTER, S. R. *et al.* Male police officers and stigma associated with counseling: the role of anticipated risks, anticipated benefits and gender role conflict. **Psychology of Man & Masculinity**, v. 11, p. 286-302, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/a0019108>.

WHEELER, C. *et al.* Stigmatizing Attitudes Toward Police Officers Seeking Psychological Services. **Journal of Police and Criminal Psychology**, 27 set. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11896-018-9293-x>

ZANELLI, J. C.; KANAN, L. A. **Fatores de Risco, Proteção Psicossocial e Trabalho**: organizações que emancipam ou que matam. Lages: Uniplac, 2019.

FATORES PSICOSSOCIAIS *envolvidos no suicídio de policiais*

*Cristine Boff Sartor
João Ignacio Pires Lucas
Manoela Todeschini Ferreira*

Introdução

Em um mundo onde as questões de segurança pública estão cada vez mais em evidência, os policiais entram no cerne da discussão por serem uma força organizada que tem a responsabilidade de proteger os cidadãos visando garantir a ordem pública (Cretella Júnior, 1985), constituindo-se como uma profissão desafiadora e, ao mesmo tempo, fundamental para a sociedade. Os policiais são considerados Profissionais de Segurança Pública, essa categoria também inclui agentes penitenciários, paramédicos, operadores de emergência e bombeiros (Carleton *et al.*, 2018). Muito se fala da violência policial e da descrença por parte da população em relação ao trabalho policial (Machado; Noronha, 2002). Atualmente, outro aspecto vem tomando visibilidade: o crescente número de problemas de saúde mental presentes na população policial.

De acordo com a Organização Mundial do Trabalho (ILO, 1984) os fatores psicossociais no trabalho referem-se às interações entre o ambiente de trabalho, conteúdo do trabalho, condições organizacionais e as capacidades, necessidades, cultura e considerações pessoais fora do ambiente de trabalho, que

podem, por meio de percepções e experiências, influenciar a saúde, desempenho no trabalho e satisfação profissional.

Møller *et al.* (2023) destacam a inevitabilidade da exposição a incidentes críticos e traumáticos na vida de um policial. Esses incidentes, que incluem confrontos violentos, acidentes graves e situações de crise, são uma parte intrínseca do trabalho policial, essa exposição constante a situações traumáticas aumenta significativamente o risco de desenvolver problemas de saúde mental (Møller *et al.*, 2023). Os dados obtidos por Syed *et al.*, (2020), sugerem que a prevalência de problemas de saúde mental entre os policiais excede mais do que o dobro do que é relatado em comparação a população em geral.

Nesse cenário, o estresse é uma constante na vida dos policiais, devido à natureza intensa e emergencial de seu trabalho (Chan; Lui; Mak; Lau, 2022). O estresse relacionado ao trabalho, nesse sentido, desempenha um papel significativo no desenvolvimento de problemas de saúde mental (Garbarino *et al.*, 2013). Além do estresse no ambiente de trabalho, os policiais enfrentam influências de vários fatores negativos que geram estresse extremo. O cansaço físico e a falta de equilíbrio emocional podem levar esses profissionais a assumirem atitudes disfuncionais durante crises e situações de alta pressão. A pressão é intensa e constante, e as consequências são profundas (Oliveira; Santos, 2010).

Uma meta análise com base em dados de 272.463 policiais em 24 países identificou que cerca de um em cada quatro policiais teve resultados positivos para consumo de álcool prejudicial, um em cada sete atendeu aos critérios para TEPT e depressão, e um em cada dez atendeu aos critérios para um dos transtornos de ansiedade ou ideação suicida (Syed *et al.*, 2020).

Na esfera dos problemas psicológicos e também do suicídio, os estudos sugerem que membros das forças policiais, no Brasil, enfrentam um risco mais elevado em comparação com a

população em geral e, ainda, que o sofrimento psicológico é uma realidade para muitos policiais (Botega, 2022; Miranda, 2016). Este capítulo tem como objetivo identificar fatores psicossociais relacionados ao comportamento suicida entre policiais. A compreensão desses fatores faz-se necessária para a implementação de estratégias eficazes de prevenção e apoio à saúde mental desses profissionais.

Suicídio

O suicídio é uma das principais causas de morte em nível global, com mais de 700 mil vidas perdidas anualmente (Organização Mundial da Saúde, 2023). Essa estatística equivale a uma pessoa tirando a vida a cada 100 mortes oficialmente registradas. Ainda pela OMS, as taxas de suicídio estão diminuindo em todo o mundo, com uma redução de 36% no período de 2000 a 2019. No entanto, essa tendência positiva não se aplica à região das Américas, onde as taxas de suicídio aumentaram em 17% durante o mesmo período (Ministério da Saúde, 2022).

De acordo com o Boletim Epidemiológico apurado pela Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde (2021), no Brasil, durante o período de 2010 a 2019, houve 112.230 casos de suicídio, representando um aumento de 43% no número anual de mortes, passando de 9.454 em 2010 para 13.523 em 2019. A análise das taxas de mortalidade ajustadas nesse intervalo de tempo revelou um aumento do risco de suicídio em todas as regiões do Brasil. Destacam-se as Regiões Sul e Centro-Oeste, com as maiores taxas de suicídio entre as regiões brasileiras.

No contexto brasileiro, o suicídio ocupa o terceiro lugar entre as principais causas de morte por fatores externos, contribuindo com 6,8% do total de óbitos, ficando atrás somente de homicídios (36,4%) e óbitos relacionados a acidentes de trânsito (29,3%). Entretanto, devido à subnotificação da mortalidade em

decorrência do tabu que envolve essa questão, e considerando que sua extensão pode variar de acordo com a região e a cultura, é plausível que o número de óbitos por suicídio no Brasil seja ainda maior do que o registrado oficialmente (Meneghel *et al.*, 2004).

Considera-se o suicídio, não como um evento isolado, mas sim como o desfecho de um processo influenciado por fatores psicológicos, biológicos, sociais e culturais. Park *et al* (2020) identificaram que a maioria das pessoas que consideraram possível o suicídio apresenta transtornos psiquiátricos diagnosticáveis, e, adicionalmente, questões psicossociais e anormalidades neurobiológicas, como desregulação nos sistemas de resposta ao estresse, fatores estes que desempenham um papel significativo no comportamento suicida. Nesse contexto, os indivíduos que realizaram múltiplas tentativas de suicídio apresentavam outras características distintivas, como uma maior probabilidade de histórico familiar de suicídio e vivência de abuso emocional na infância. Além disso, esses indivíduos evidenciam características psicopatológicas mais acentuadas, incluindo uma intensificação na ideação suicida e uma proporção mais elevada de transtornos psiquiátricos (Liu; Zhang; Sun, 2017).

Uma revisão de literatura realizada por Schlösser, Rosa e More (2014), identificou que (os) principais fatores de risco para condutas suicidas na idade adulta são o consumo abusivo de álcool e outras substâncias psicoativas; problemas familiares e/ou parentais; transtornos mentais severos; enfermidades terminais; impulsividade; não possuir parentes ou vínculos sociais; rompimento de relações interpessoais significativas; problemas financeiros; histórico familiar de suicídio; abuso na infância, tentativas prévias e ideação suicida; isolamento social; perdas afetivas; histórico familiar de suicídio; transtornos mentais severos, principalmente os transtornos depressivos e doenças terminais; bem como variáveis demográficas e socioeconômicas.

Mundialmente, observa-se uma prevalência significativa do suicídio no sexo masculino (Machado; Dos Santos, 2015), sendo essa tendência também evidente no contexto brasileiro, alinhando-se à observação global de que os homens têm aproximadamente três vezes mais probabilidade de suicidarem-se do que as mulheres (Marín-León; Barros, 2003; Mello-Santos; Bertolote; Wang, 2005).

Contudo, é crucial ressaltar a tendência ascendente dos suicídios femininos em diversas faixas etárias entre 1997 e 2015 (Dantas; Meira; Bredemeier; Amorim, 2023). Além dessa evolução preocupante nos óbitos por suicídio entre mulheres, destaca-se o fenômeno conhecido como “paradoxo do suicídio”. Este conceito refere-se ao fato de que, embora os homens tenham uma taxa mais elevada de mortes por suicídio, as mulheres apresentam uma maior incidência de (tentativas frustradas) e ideação suicida (Beautrais, 2006; Meneghel *et al.*, 2012). No cenário brasileiro, dados revelam que, entre 2010 e 2018, 68% das 338,569 notificações de tentativas de suicídio foram registradas em mulheres, destacando as diferentes manifestações de gênero do comportamento suicida (Dantas; Meira; Bredemeier; Amorim, 2023).

Estudos populacionais têm destacado a influência de fatores como desigualdade social, baixa renda, desemprego e níveis educacionais na ocorrência do suicídio (Sampson, 2003). A explicação para essa relação pode residir na maneira como o status socioeconômico molda diferentes padrões de vida, resultando em diversos graus de exposição a fatores ambientais de risco e variados níveis de acesso a recursos (Robert, 1999). Essas disparidades, por sua vez, reverberam em aspectos comportamentais e psicossociais, incluindo a percepção de violência, sentimentos de privação e níveis de estresse (Sampson, 2003).

Assim, ao explorar a interseção entre os fatores antes descritos e saúde mental, torna-se clara a necessidade de examinar

o impacto dessas variáveis no contexto dos profissionais de segurança.

Suicídio em policiais

Na literatura, os policiais são identificados como pertencentes a um grupo de alto risco de suicídio (Miranda; Guimarães, 2016). No Brasil, na Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ), Miranda (2016) conduziu uma investigação sobre as possíveis relações entre o comportamento suicida e fatores sociais, organizacionais e interpessoais. A autora analisou 72 casos de ideação suicida e 152 controles, que eram policiais militares que não tinham pensado tampouco tentado o suicídio. Os resultados do estudo incluem a identificação de que a ausência de filhos e a falta de afiliação religiosa foram fatores que tornaram os policiais mais suscetíveis à ideação suicida, e que policiais que foram vítimas de agressões verbais e físicas não letais, como perseguições, xingamentos, insultos e humilhações por pessoas do seu convívio, apresentaram um risco mais elevado de ideias e tentativas de suicídio. Além disso, a insatisfação com o trabalho na PMERJ mostrou uma forte associação com ideias e tentativas de suicídio, enquanto a falta de sociabilidade informal entre colegas de turma da PMERJ e na família correlacionou-se com ideias suicidas e tentativas de suicídio. Os dados desse estudo sugerem que policiais que se encontram social e profissionalmente isolados, que foram vítimas de vitimização e estão insatisfeitos com seu trabalho apresentam uma maior susceptibilidade ao comportamento suicida.

Mohandie e Hatcher (1999) verificaram que a taxa de suicídio entre o pessoal de segurança pública é estimada em ser de duas a três vezes maior do que a da população geral. Os autores teorizam que as profissões relacionadas à aplicação da lei têm vários fatores específicos da subcultura da organização que podem estar relacionados ao aumento do risco de suicídio e potencial de violência, sendo eles: 1) crenças centrais relacio-

nadas à violência e exposição à violência como uma forma de resolver problemas, 2) grande valor atribuído à autossuficiência e força interior, 3) reatividade, 4) taxas de abuso e dependência de álcool mais altas do que a população em geral e 5) forte necessidade de aprovação social.

De acordo com Mohandie e Hatcher (1999), dentro da população de agentes de segurança pública, essas estimativas podem ser subestimadas, uma vez que algumas mortes são classificadas de acordo com outras causas, usualmente como acidente ou como causa indeterminada (Miranda; Guimarães, 2016). Ademais, historicamente, os departamentos de polícia não coletaram e mantiveram dados abrangentes sobre suicídios ou suspeitas de suicídios (Loo, 2003).

Ao revisar os resultados das pesquisas, emerge uma controvérsia no que se refere à validação e confiabilidade das taxas de suicídio entre policiais (O'hara; Violanti, 2009; Miranda; Guimarães, 2016). As taxas de mortes por suicídios entre agentes policiais variam em momentos e contextos específicos além de apresentarem mudanças de acordo com o país, estado ou cidade. As disparidades entre as estatísticas de suicídio policial devem-se, com frequência, a problemas metodológicos, como o difícil acesso ou a inexistência de informações, pois estes dados não são coletados pelas organizações policiais, e, quando o são, não são trabalhados de forma sistemática (Miranda; Guimarães, 2016).

Apesar de o comportamento suicida entre policiais apresentar aspectos particulares devido ao ambiente e condições de trabalho dessa população, alguns fatores semelhantes entre o suicídio policial e geral surgem como, por exemplo, fatores sociodemográficos e socioeconômicos. Ressalta-se a importância da disponibilização dos dados por parte das instituições policiais para a comunidade acadêmica a fim de que seja possível estabelecer taxas concretas e corretas acerca do suicídio nesta população.

Método

O presente capítulo foi elaborado a partir de uma pesquisa bibliográfica exploratória realizada em 2023 nas bases de dados *Scopus* e *Web of Science* acessadas a partir do Portal Periódicos Capes. Na primeira busca foram utilizadas as palavras chaves “*Psychosocial Factors*” and “*Police*” e na segunda busca “*Suicide*” and “*Police*”. Definiu-se como critério de seleção (os) artigos de língua portuguesa e inglesa com abrangência no filtro ano de publicação 2018-2023 e Psicologia. Foram encontrados na primeira busca 14 artigos (SCOPUS) e 23 artigos (*Web Of Science*), e na segunda busca 61 artigos (SCOPUS) e 46 artigos (*Web Of Science*), resultando em um total de 144 artigos, destes 57 artigos atenderam aos critérios de seleção. Foi realizada análise dos artigos através da leitura na íntegra, sendo selecionados 24 artigos e extraídos conteúdos de interesse ao estudo. Os resultados da apuração serão descritos a seguir.

Resultados e discussão

Os resultados obtidos a partir da análise dos dados dos artigos pesquisados nas bases de dados conforme descrito no método estão demonstrados no Quadro 1, contendo autores, ano de publicação, título e objetivos de cada artigo selecionado para o estudo.

Quadro 1: Artigos analisados com seus respectivos autores e objetivo descritos.

Autor (es)/Ano	Título	Objetivo
Kyron, M. J.; Rikkers, W.; Bartlett, J.; Renehan, E.; Hafekost, K.; Baigent, M.; Cunneen, R.; Lawrence, D. (2021)	Mental health and wellbeing of Australian police and emergency services employees	Fornecer informações para apoiar o desenvolvimento de políticas e programas para melhorar a saúde mental e o bem-estar dos profissionais de polícia e serviços de emergência.
Queirós, C.; Passos, F.; Bártoło, A.; Marques, A. J.; da Silva, C. F.; Pereira, A. (2020)	Burnout and Stress Measurement in Police Officers: Literature Review and a Study With the Operational Police Stress Questionnaire	Identificar os níveis de estresse operacional, exaustão e angústia entre policiais portugueses.
Gomes, D. A. R.; de Araújo, R. M. F.; Gomes, M. S. (2018)	Incidence of suicide among military police officers in South Brazil: An 11-year retrospective cohort study	Identificar a incidência e o perfil sociodemográfico de suicídio em uma subpopulação de policiais militares no sul do Brasil.
Craddock, T. B.; Tesesco, G. (2022)	Police Stress and Deleterious Outcomes: Efforts Towards Improving Police Mental Health	Apresentar um resumo da literatura sobre os estressores mais prevalentes na polícia, o impacto que esses estressores têm na saúde física e emocional de um policial, e estratégias de assistência.

<p>Di Nota, P. M.; Anderson, G. S.; Ricciardelli, R.; Carleton, R. N.; Groll, D. (2020)</p>	<p>Mental disorders, suicidal ideation, plans and attempts among Canadian police</p>	<p>Examinar a relação entre ideação suicida, planos e tentativas, e resultados positivos para depressão, ansiedade, transtorno do pânico, abuso de álcool e Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) entre funcionários policiais no Canadá.</p>
<p>Lai, K.; Jameson, J.T.; Russell, D.W. (2023)</p>	<p>Prevalence and correlates of destructive behaviors in the US Naval Surface Forces from 2010-2020</p>	<p>Estimar a prevalência de violência doméstica, agressão sexual e suicídio entre o pessoal da Marinha dos Estados Unidos no período de 2010 a 2020 e identificar possíveis fatores associados.</p>
<p>Carleton, R. N.; Affi, T. O.; Turner, S.; Taillieu, T.; LeBouthillier, D. M.; Duranceau, S.; Sareen, J.; Ricciardelli, R.; MacPhee, R. S.; Groll, D.; Hozempa, K.; Brunet, A.; Weekes, J. R.; Griffiths, C. T.; Abrams, K. J.; Jones, N. A.; Beshai, S.; Cramm, H. A.; Dobson, K. S.; Hatcher, S.; Keane, T. M.; Stewart, S. H.; Asmundson, G. J. G. (2018)</p>	<p>Suicidal ideation, plans, and attempts among public safety personnel in Canada</p>	<p>Avaliar ideação suicida, planos e tentativas no último ano e ao longo da vida em uma amostra ampla e diversificada de profissionais de serviços de segurança pública (PSP) no Canadá.</p>

<p>Krishnan, N.; Steene, L. M. B.; Lewis, M.; Marshall, D.; Ireland, J. L. (2022)</p>	<p>A Systematic Review of Risk Factors Implicated in the Suicide of Police Officers</p>	<p>Examinar sistematicamente a base de evidências para esclarecer os fatores de risco ou preditores envolvidos nos comportamentos suicidas de policiais.</p>
<p>Deschênes, A.-A.; Desjardins, C.; Dussault, M. (2018)</p>	<p>Psychosocial factors linked to the occupational psychological health of police officers: Preliminary study</p>	<p>Compreender os fatores que preveem a saúde psicológica dos policiais.</p>
<p>Carlson-Johnson, O.; Grant, H.; Lavery, C.F. (2020)</p>	<p>Caring for the Guardians-Exploring Needed Directions and Best Practices for Police Resilience Practice and Research</p>	<p>Fornecer uma compreensão mais aprofundada do suicídio entre a populações de socorristas.</p>
<p>Gibson, R.; Whealin, J. M.; Dasaro, C. R.; Udasin, I. G.; Crane, M.; Moline, J. M.; Harrison, D. J.; Luft, B. J.; Todd, A. C.; Schechter, C.; Lowe, S. M.; Feder, A.; Pietrzak, R. H. (2022)</p>	<p>Prevalence and correlates of suicidal ideation in World Trade Center responders: Results from a population-based health monitoring cohort</p>	<p>Caracterizar a prevalência de ideação suicida em policiais e socorristas não tradicionais que responderam aos eventos do World Trade Center e identificar fatores de risco e protetores associados à ideação suicida nesses grupos.</p>
<p>Frazer, H.; Hansen, C.; Searle, A.; Lawrence-Wood, E.; Van Hooff, M. (2022)</p>	<p>Exploration of potential indicators of burnout, psychological distress and post-traumatic stress disorder, among Australian female first responders</p>	<p>Explorar possíveis indicadores de burnout, angústia psicológica e transtorno de estresse pós-traumático entre primeiras socorristas australianas.</p>

<p>Lucia, D.G.; Halloran, M. J. (2020)</p>	<p>An Investigation of the Efficacy of Programs to Prevent Stress in Law Enforcement Officers: a Program manager's Perspective</p>	<p>Investigar as percepções de gestores experientes de programas de saúde mental sobre a eficácia de programas de saúde mental projetados para lidar com o estresse e questões de saúde mental enfrentadas por Agentes de Aplicação da Lei.</p>
<p>Grant, H. B.; Lavery, C. F.; Decarlo, J (2019).</p>	<p>An exploratory study of police officers: Low compassion satisfaction and compassion fatigue</p>	<p>Documentar os resultados de um estudo em andamento sobre fadiga por compaixão em uma amostra de policiais urbanos dos EUA, indicando a possibilidade de um risco futuro de burnout elevado.</p>
<p>Gupta, V.; Upadhyay, S. K.; Malik, C. (2023)</p>	<p>Rescuers Need To Be Rescued: Multi-pronged Strategies to Ensure Mental Well-Being Among Police Personnel</p>	<p>Investigar soluções abrangentes, incluindo intervenções nos níveis organizacional e individual, visando abordar e aprofundar a compreensão dessas intervenções.</p>
<p>Tatebe, L. C.; Siva, N. R.; Pekarek, S.; Liesen, E.; Wheeler, A.; Reese, C.; Schlanser, V.; Kaminsky, M.; Messer, T.; Starr, F.; Mis, J.; Bokhari, F.; Dennis, A. (2020)</p>	<p>Heroes in crisis: Trauma centers should be screening for and intervening on posttraumatic stress in our emergency responders</p>	<p>Definir as taxas de crescimento de Estresse Pós Traumático, determinar se os “centros de trauma” são locais efetivos para o diagnóstico de EPT em PSP e identificar barreiras para buscar cuidado.</p>

Horswill, S.C.; Jones, N. A.; Carleton, R. N. (2021)	Psychosocial Factors Associated with Canadian Police Officers' Susceptibility to Posttraumatic Stress and Growth	Investigar a relação entre variáveis psicossociais e resultados traumáticos em uma amostra de 500 policiais da Real Polícia Montada do Canadá.
Currie, D. W.; Schwab-Reese, L. M.; Runyan, C. W. (2021)	Psychiatric diagnoses are associated with means selection in united states suicide deaths	Examinar se a escolha dos meios de cometer suicídio está associada a um diagnóstico psiquiátrico anterior.
Cerel, J.; Jones, B.; Brown, M.; Weisenhorn, D. A.; Patel, K. (2019)	Suicide Exposure in Law Enforcement Officers	Examinar a exposição ocupacional e pessoal ao suicídio entre Agentes de Aplicação da Lei e os resultados relacionados à saúde mental.
Ribeiro, S.P.; LaCroix, J.M.; De Oliveira, F.; Novak, L. A.; Lee-Tauler, S. Y.; Darmour, C. A.; Perera, KU; Goldston, D. B.; Weaver, J.; Soumoff, A.; Ghahramanlou-Holloway, M. (2018)	The Link between Posttraumatic Stress Disorder and Functionality among United States Military Service Members Psychiatrically Hospitalized Following a Suicide Crisis	Examinar a associação entre o status de TÉPT e o comprometimento funcional entre pacientes psiquiátricos militares internados por risco agudo de suicídio com história de vida de pelo menos uma tentativa de suicídio.
Sørengaard, T.A.; Langvik, E.; Olsen, A.; Saksvik-Lehouillier, I. (2022)	Predictors of insomnia symptoms in police employees: a longitudinal investigation and comparison of personality and psychosocial work factors	Investigar e comparar o valor preditivo de traços de personalidade e fatores psicossociais associados a sintomas de insônia.

Ramchand, R.; Saunders, J.; Osilla, K. C.; Ebener, P.; Kotzias, V.; Thornton, E.; Strang, L.; Cahill, M. (2019)	Suicide Prevention in U.S. Law Enforcement Agencies: a National Survey of Current Practices	Apresentar os resultados de uma pesquisa nacional sobre as estratégias adotadas por agências de aplicação da lei nos Estados Unidos para prevenir o suicídio entre policiais.
Navarrete, J.; García- Salvador, M. Á.; Cebolla, A.; Baños, R. (2022)	Impact of Mindfulness Training on Spanish Police Officers' Mental and Emotional Health: a Non-Randomized Pilot Study	Determinar a aceitação e eficácia de uma intervenção baseada em mindfulness (MBI) de 8 semanas, co-projetada por um policial.
Thompson, J.; Drew, J. M. (2020)	Warr or 21: A 21-Day Program to Enhance First Responder Resilience and Mental Health	Avaliar e delinear uma abordagem específica para promover a resiliência e a saúde mental de socorristas.

Fonte: Autores.

Os objetivos listados no Quadro 1 revelam diferentes tipos de abordagens nos estudos sobre o suicídio entre os policiais e demais agentes da segurança pública e de emergência. Várias causas são apontadas como preditivas para o aumento do suicídio, como os relacionados aos fatores de risco produzidos pelo estresse, bem como às diferentes estratégias de enfrentamento (institucionais e individuais).

Comparativamente à população em geral, os funcionários das organizações policiais e de serviços de emergência enfrentam taxas mais elevadas de problemas de saúde mental (Kyron *et al.*, 2021). De maneira semelhante, os resultados encontrados por Queirós *et al.* (2020), indicam que de uma amostra de 2057 policiais, 55% deles estavam em risco de desenvolver um transtorno psicológico, 85% apresentaram níveis elevados de estresse operacional, 11% atingiram valores críticos para esgotamento e 28% demonstraram níveis elevados de angústia. Em relação ao

suicídio, resultados do estudo de Gomes, de Araújo e Gomes (2018) revelam que a incidência de suicídio entre policiais militares no sul do Brasil foi alta em comparação com a taxa nacional de suicídio, constatando que a população policial está em maior risco de suicídio, os autores apontam as particularidades dessa profissão, o acesso permanente a armas de fogo e a frequente exposição a combates, como possíveis explicações para esta predisposição.

Os efeitos adversos da exposição crônica e prolongada a incidentes críticos e traumáticos no contexto das atividades policiais afetam tanto o bem-estar físico quanto o mental dos policiais (Craddock; Telesco, 2021). Os sintomas podem se refletir em um aumento de problemas de saúde física, como um maior número de lesões relacionadas ao trabalho e diagnósticos associados ao estresse além de mudanças significativas na personalidade e no comportamento, incluindo um aumento de confrontos físicos com cidadãos, aumento nas ocorrências de conflitos domésticos, aumento no abuso de álcool ou drogas prescritas, manifestação de sintomas depressivos e até mesmo casos de suicídio (Craddock; Telesco, 2021).

Nesse sentido, a interseção entre as considerações sobre suicídio mencionadas por Park *et al.* (2020) e os desafios enfrentados pelos profissionais de organizações policiais e serviços de emergência delineados nos resultados citados acima, revelam uma relação intrincada e preocupante. O suicídio, entendido como o desfecho de um processo influenciado por fatores psicológicos, biológicos, sociais e culturais (Park *et al.*, 2020) parece encontrar uma expressão exacerbada entre os policiais. As taxas mais elevadas de problemas de saúde mental nesse grupo, conforme evidenciado pelos estudos de Craddock e Telesco (2021), Gomes, de Araújo e Gomes (2018), Kyron *et al.* (2021), Queirós *et al.* (2020), corroboram a ideia de que transtornos psiquiátricos diagnosticáveis, desregulações neurológicas e fatores ambientais podem convergir, tornando

esses profissionais mais suscetíveis ao comportamento suicida. A exposição crônica a incidentes traumáticos no contexto das atividades policiais, conforme observado, não apenas afeta o bem-estar físico, mas também desencadeia manifestações no âmbito mental (Craddock; Telesco, 2021; Gomes; Araújo; Gomes, 2018; Kyron *et al.*, 2021; Queirós *et al.*, 2020).

Em conformidade, os resultados obtidos por Nota *et al.* (2020) revelam diferenças nos sintomas de transtornos de saúde mental, ideação e tentativas de suicídio entre profissionais de segurança pública, com policiais relatando maiores índices de ideação suicida. Além disso, os profissionais de segurança pública exibiram taxas consideravelmente mais altas de transtornos de estresse pós-traumático, depressão e ansiedade, revelando associações significativas entre a gravidade dos sintomas e o risco de ideação e tentativas de suicídio. Também foi constatado que há um aumento significativo no risco de ideação suicida para aqueles com resultados positivos em testes de transtornos mentais e uso abusivo de álcool.

Algumas disparidades entre gêneros também foram encontradas. De acordo com a pesquisa conduzida por Lai, Jameson e Russell (2023), observou-se que as mulheres apresentavam uma maior inclinação para manifestar ideação suicida e realizar tentativas de suicídio, enquanto que, em relação aos suicídios efetivos, os homens representaram a maioria dos suicídios consumados. De maneira semelhante, Carleton *et al.* (2018) constataram que, quando comparadas aos homens, as mulheres que trabalham no setor de segurança pública relataram significativamente mais ideias, planos e tentativas de suicídio ao longo da vida.

No que diz respeito a idade, as ideias suicidas e as tentativas de suicídio foram maiores entre os Fuzileiros Navais dos Estados Unidos com 25 anos ou menos, enquanto pessoas com mais de 30 anos de idade eram menos propensas a relatar planos e tentativa de suicídio ao longo da vida (Carleton *et al.*, 2018).

Os autores também identificaram que pessoas com 10 anos de serviço ou mais na área de segurança pública eram significativamente menos propensas a relatar tentativas de suicídio ao longo da vida do que aquelas com menos de 10 anos de serviço. Em concordância, Gomes, de Araújo e Gomes (2018) identificaram que idade mais jovem e patente militar mais baixa foram preditores independentes de suicídio na subpopulação policial. Kyron *et al.* (2021) diferem, relatando que os funcionários em estágios iniciais da carreira demonstram taxas relativamente baixas de problemas de saúde mental, e que essas taxas aumentam significativamente com a prolongação do tempo de serviço.

Krishnan *et al.* (2022) identificaram cinco fatores cruciais relacionados aos riscos associados ao comportamento suicida entre policiais: uso problemático de substâncias próximo ao momento do suicídio; presença de depressão e tentativas prévias de suicídio; reação individual ao trauma; exposição a estresse prolongado e excessivo relacionado ao trabalho; e a ausência de um relacionamento íntimo estável foi ressaltada como um fator de risco adicional. Os autores enfatizam que a combinação de fatores de risco individuais e ocupacionais podem criar uma “massa crítica” capaz de reduzir o limiar de suicídio, destacando a importância de abordagens de prevenção do suicídio entre os profissionais da aplicação da lei.

Fatores socioeconômicos que levam a cortes orçamentários que por sua vez acarretam a horas extras e operações com falta de pessoal, assim como a imagem social negativa (pressão social) com a qual os policiais precisam lidar, foram identificados como prejudiciais à saúde psicológica ocupacional dos policiais (Deschênes; Desjardins; Dussault, 2018), em concordância Carlson-Johnson, Grant, e Lavery (2020) afirmam que falta de interações positivas com a comunidade também pode desempenhar um papel importante no estabelecimento de uma base tóxica para o bem-estar geral dos oficiais.

Os fatores organizacionais identificados como impactando negativamente a saúde psicológica estão relacionados à cultura policial em geral, estilos de gestão autocráticos (liderança autocrática), instabilidade dos comandantes e falta de reconhecimento por parte da administração e da organização policial (Deschênes; Desjardins; Dussault, 2018). O último fator identificado está relacionado às características pessoais dos policiais, como confiança em suas habilidades durante as intervenções (senso de autoeficácia), domínio de suas emoções (gerenciamento emocional) e desilusão com o trabalho. Carlson-Johnson, Grant e Lavery (2020) afirmam que a maioria dos oficiais chega à profissão com uma forte orientação para o serviço, para fazer a diferença, porém, na maioria das vezes, os agentes vêem apenas o lado negativo dos incidentes em que estão envolvidos, não sendo informados dos resultados positivos posteriores das situações às quais responderam, dessa maneira, os policiais estão perdendo a ligação com os aspectos positivos e motivadores do trabalho que os levaram a ingressar na profissão em primeiro lugar.

Os resultados de um estudo que buscou analisar a ideiação suicida presente nos respondentes do ataque terrorista no *World Trade Center* (WTC) em 11 de novembro de 2001, identificou que entre os respondentes policiais, as variáveis que foram significativamente associadas à ideiação suicida incluíram: estado civil, renda, histórico de transtorno de saúde mental, fatores estressantes da vida antes e depois do 11 de setembro, condições médicas relacionadas ao WTC, depressão, sintomas de TEPT relacionados ao WTC, comprometimento funcional, e uso problemático de álcool (Gibson *et al.*, 2020).

A pesquisa de Frazer *et al.* (2022) investigou indicadores de bem-estar psicológico entre socorristas australianos. Os resultados apontam que os fatores possivelmente associados ao esgotamento incluem: 1) o retorno ao trabalho com menos de 12 horas de intervalo, 2) a exposição a fofocas, 3) a falta de tempo

para cumprir as tarefas, 4) situações de estupro/assédio sexual e 5) a ausência de confiança, justiça e respeito no ambiente de trabalho. De maneira congruente ao último tópico, Kyron *et al.* (2021) destaca que há relutância por parte de muitos funcionários em buscar ajuda quando necessário, frequentemente devido a preocupações com potenciais impactos em suas carreiras, tratamento diferenciado e a preservação da confidencialidade. Os sintomas causados pelo sofrimento psicológico se agravam quando os policiais percebem que buscar ajuda para lidar com esses problemas não é respaldado pela hierarquia policial e, ao contrário, pode resultar em sua consideração como inadequado para o serviço (Craddock; Telesco, 2021).

Indo de acordo, os resultados de Lucia e Halloran (2020) revelaram que estigmas associados à saúde mental, falta de confiança e o medo de possíveis repercussões no ambiente de trabalho representam obstáculos que dificultam o acesso aos programas de apoio disponíveis e a coleta de dados de avaliação essenciais. Segundo os participantes desse estudo, tais estigmas e o medo de buscar ajuda são prevalentes dentro da comunidade de aplicação da lei. Os participantes do estudo de Grant, Lavery e Decarlo (2019) destacaram uma atitude ambivalente e complacente por parte da administração policial, que muitas vezes era percebida como cumprindo requisitos regulamentares, em vez de demonstrar um verdadeiro comprometimento com a saúde mental dos policiais. De maneira semelhante, Lucia e Halloran (2020) afirmam que a liderança na aplicação da lei deve se envolver em uma discussão séria e colaborativa sobre saúde mental, reconhecendo a importância de superar estigmas, promover a confiança e garantir que os programas de prevenção do estresse sejam eficazes e amplamente acessíveis.

Os policiais frequentemente são incentivados a restringir as suas emoções, tanto em campo quanto com seus colegas policiais (Grant; Lavery; Decarlo, 2019), esse distanciamento está relacionado à níveis mais baixos de empatia que por sua vez, está

correlacionada com maiores níveis de esgotamento profissional e estresse, sugerindo que a empatia e a satisfação com a compaixão podem funcionar como recursos de resiliência para os profissionais da polícia. Segundo os resultados do estudo, para mitigar esse problema e sua potencial relação com a fadiga de compaixão subsequente, as organizações podem considerar ampliar as oportunidades para que os policiais compartilhem suas experiências no campo. De maneira semelhante, Deschênes, Desjardins e Dussault (2018) identificaram que as relações interpessoais com colegas e o apoio de colegas e supervisores parecem estar associados ao componente positivo da saúde psicológica ocupacional dos policiais. Gupta, Upadhyay e Malik (2023) também identificaram que o estresse psicológico e a liderança solidária estão negativamente correlacionados, portanto, se a força policial tiver líderes que os apoiem, isso pode reduzir o sofrimento psicológico.

Carlson-Johnson, Grant e Lavery (2020) defendem que ao invés de uma perspectiva negativa para a compreensão do bem-estar dos agentes, é importante reconhecer o que faz com que a maioria dos agentes seja capaz de desempenhar eficazmente (ou recuperar após) os muitos incidentes estressantes e traumáticos que enfrentam ao longo das suas carreiras. A evitação experiencial está positivamente relacionada ao sofrimento psicológico e negativamente ao bem-estar mental, enquanto que o bem-estar psicológico dos policiais é influenciado pela sua aceitação de estímulos positivos e negativos e por graus mais elevados de atenção plena (Gupta; Upadhyay; Malik, 2023).

Os achados da pesquisa de Tatebe *et al.* (2020), revelaram que quando se trata de estresse pós-traumático a partir de uma amostra de socorristas, aproximadamente 20% dos participantes mostraram sintomas preocupantes, e 24,7% preencheram os critérios para diagnóstico de TEPT. Horswill, Jones e Carleton (2021) afirmam que os policiais estão em alto risco de desenvolver TEPT. A maioria dos participantes da pesquisa de Tatebe

et al. (2020) dependia de familiares e amigos para apoio em situações de estresse relacionadas ao trabalho, e uma parcela significativa recorria ao uso de álcool ou substâncias para lidar com o estresse. De maneira complementar, Horswill, Jones e Carleton (2021) identificaram que policiais com dificuldades para tolerar ansiedade e incerteza, além de baixo apoio social e otimismo, parecem estar mais em risco de desenvolver TEPT.

Apesar de preencher os critérios de diagnóstico para TEPT, muitos policiais não procuram tratamento para TEPT, o que aponta para uma relutância em buscar ajuda, sendo que a carreira é apontada como a barreira mais significativa para buscar tratamento (Tatebe *et al.*, 2020). Nesse sentido, a pesquisa também revelou a preocupação de oficiais de segurança pública em relação à revogação de certificados de propriedade de armas de fogo em relação ao tratamento. Em muitos casos em que se identifica o risco de comportamentos ou ideações suicidas, o protocolo é a retirada das armas de fogo (especialmente dos policiais que possuem porte fora do trabalho). A medida é válida, pois armas de fogo foram mais comumente utilizadas em suicídios de membros atuais ou antigos das Forças Armadas do que em outros suicídios (69,4% dos suicídios de militares atuais/antigos e 47,6% dos demais) (Currie; Schwab-Reese; Runyan, 2021).

Os policiais estão expostos a casos de suicídios ao longo da sua carreira. Cerel *et al.* (2018) identificaram uma associação estatisticamente significativa entre altos níveis de exposição ocupacional ao suicídio e consequências para a saúde comportamental, incluindo TEPT, pensamentos persistentes sobre cenas de suicídio e a incapacidade de se livrar ou esquecer uma cena, a persistência da memória dessa cena foram associadas estatisticamente a uma diminuição na sensação de pertencimento e ao aumento dos sintomas de sentimento de ônus, depressão, ansiedade, TEPT e ideação suicida. Os resultados obtidos por Ribeiro *et al.* (2018) esclarecem que indivíduos internados em

unidades psiquiátricas com histórico de tentativa de suicídio que preenchem critérios para TEPT relataram distúrbios do sono e maior dificuldade em trabalhar e realizar atividades diárias de forma eficaz. Em relação aos distúrbios de sono em específico, Sørengaard *et al.* (2022) destacam a importância de considerar as características de personalidade ao examinar os fatores predisponentes da insônia entre os trabalhadores e reconhece que as diferenças individuais podem ter implicações significativas para a prevenção e tratamento da insônia.

Uma pesquisa realizada por Ramchand *et al.* (2018) buscou identificar as estratégias adotadas pelas agências policiais nos Estados Unidos para prevenir o suicídio de policiais, as categorias desenvolvidas foram agências que oferecem serviços mínimos, serviços básicos, serviços proativos e serviços integrados. Os serviços considerados mínimos consistem em serviços de saúde mental prestados por meio de um Programa de Assistência ao Empregado (EAP) ou seguro saúde disponível para todos os funcionários municipais ou estaduais e, portanto, não específicos para policiais. Os serviços básicos geralmente possuem alguns serviços de saúde mental disponíveis para o pessoal e quase todos tinham algum protocolo para responder a incidentes críticos. Muitos também ofereceram algum tipo de treinamento ao pessoal sobre temas como redução do estresse, bem-estar ou recursos disponíveis. As agências com serviços proativos ofereciam um ou uma combinação de seis tipos de abordagens proativas: ter cuidados de saúde mental internos disponíveis para os policiais, ter capelães integrados dentro da agência, criar programas especiais para lidar com o uso indevido de substâncias, estabelecer um programa de apoio de pares, procedimentos de triagem para identificar pessoal de alto risco ou ter um programa oficial de saúde e bem-estar. Por último, as agências com serviços integrados ofereciam serviços nos quais a prevenção do suicídio e os serviços de promoção da saúde mental eram integrados nas operações do dia a dia.

Queirós *et al.* (2020) ressaltam que, antes de implementar uma intervenção, é necessário identificar os níveis de esgotamento e estresse, tanto nas fases iniciais quanto nas fases posteriores da carreira, além disso, a fim de garantir o bem-estar mental do pessoal policial são necessários tratamentos tanto a nível individual como organizacional (Gupta; Upadhyay; Malik, 2023). A aprimoração do treinamento em literacia de saúde mental, ênfase na importância de buscar apoio ou tratamento precoces e adequados, e programas culturais para reduzir o estigma em relação à divulgação de problemas de saúde mental (Kyron *et al.*, 2021).

Um dos exemplos de intervenções bem-sucedidas é a intervenção baseada em *mindfulness* (IBM). Em um estudo desenvolvido por Navarrete *et al.*, (2022), foi observado que os policiais que passaram pelo programa de intervenção baseado em *mindfulness* (IBM) experimentaram aumentos significativos na atenção plena, autocompaixão e qualidade do sono, ao mesmo tempo em que reduziram suas dificuldades na regulação emocional, sintomas de depressão, ansiedade, estresse e esgotamento. Foram identificadas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos no que diz respeito à atenção plena, sintomas de depressão, angústia geral e esgotamento pessoal dos participantes do IBM em comparação com o grupo de controle. Quanto à frequência de ideação suicida, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas dentro ou entre os grupos, embora os níveis iniciais de ideação suicida fossem baixos em ambos os grupos, sugerindo um impacto mínimo.

O programa *Warr;OR21* é um conjunto de 21 dias de várias práticas desenvolvidas com base em pesquisas anteriores que buscam alcançar resultados positivos de aumento da força interior dos socorristas, aumentando sua resiliência e, por sua vez, aumentando sua saúde mental positiva (Thompson; Drew, 2020). Os resultados da avaliação de uma amostra inicial de indivíduos que participaram do programa *Warr; OR21* desen-

volvida por Thompson e Drew (2020), mostram resultados promissores. No geral, o curso foi bem recebido pelos participantes, e a maioria deles ficou satisfeita com o curso, sentiu que ele atendeu ou superou suas expectativas e recomendaria o curso a outras pessoas.

Considerações finais

Este capítulo buscou identificar os fatores psicossociais envolvidos no comportamento suicida entre policiais. A partir da análise dos conteúdos encontrados é possível verificar que os policiais (e outros profissionais de segurança pública) estão em maior vulnerabilidade de desenvolver transtornos mentais como depressão, ansiedade e TEPT e que esta predisposição parece estar relacionada a aspectos inerentes do trabalho policial (exposição crônica e prolongada à incidentes críticos). O Transtorno do Estresse Pós-Traumático foi o transtorno mental com maior recorrência entre os resultados, sendo um campo importante dentro das pesquisas sobre profissionais de segurança pública.

Os principais fatores de risco identificados dizem respeito a seis esferas: a demográfica, a pessoal, a organizacional, a econômica, a ocupacional e a social. Dentro dos aspectos demográficos foi possível verificar que mulheres apresentam maior ideiação suicida, enquanto os homens apresentam maior suicídios efetivos. Em relação à idade, indivíduos mais jovens parecem estar mais propensos ao comportamento suicida, assim como indivíduos com menor tempo de serviço, apesar de um estudo apontar o contrário. Estado civil e renda também apareceram como fatores. Os aspectos pessoais citados dizem respeito ao uso problemático de substâncias, senso de autoeficácia, gerenciamento emocional e desilusão/desconexão com o trabalho. Os fatores organizacionais referem-se à cultura policial em geral, liderança autocrática, instabilidade dos comandantes e falta de reconhecimento por parte da administração e da organização policial. Em relação aos fatores econômicos, os cortes orçamentários são

citados, já que acarretam a horas extras e operações com falta de pessoal, afetando inclusive a esfera ocupacional que compreende a exposição a estresse prolongado e excessivo relacionado ao trabalho. Por último, a pressão social e as interações negativas entre policiais e a população compreendem os fatores sociais.

Os resultados apontam que o apoio social e apoio organizacional desempenham um papel fundamental na atenuação dos efeitos adversos na saúde mental dos policiais, inclusive como parte de estratégias preventivas. Os resultados revelaram que o estigma em torno das questões psicológicas e a percepção de possíveis repercussões no ambiente de trabalho representam barreiras significativas para a busca de assistência por parte dos policiais. Este fenômeno, evidenciado pelos estudos revisados, ressalta a importância de abordar não apenas os fatores intrínsecos à profissão, mas também as influências sociais e culturais que podem contribuir para a relutância em lidar proativamente com problemas de saúde mental. Nesse sentido, cultivar um ambiente de trabalho que fomente a colaboração entre colegas, uma liderança comprometida com a saúde mental e a aplicação de programas eficazes de redução do estresse emergem como elementos fundamentais.

Por fim, diante das altas taxas de problemas de saúde mental e do risco de suicídio e constante exposição a traumas é de extrema importância que as organizações policiais e de segurança pública reavaliem suas políticas e programas de apoio à saúde mental de seus funcionários.

Referências

BEAUTRAIS, A. L. Women and Suicidal Behavior. **Crisis**, v. 27, n. 4, p. 153-156, jul. 2006.

BOTEGA, N. J. **Crise Suicida: Avaliação e Manejo**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde mental. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/anualmente-mais-de-700-mil-pessoas-cometem-suicidio-segundo-oms>.

CARLETON, R. N.; AFIFI, T. O.; TURNER, S.; TAILLIEU, T.; LEBOUTHILLIER, D. M.; DURANCEAU, S.; SAREEN, J.; RICCIARDELLI, R.; MACPHEE, R. S.; GROLL, D. Suicidal ideation, plans, and attempts among public safety personnel in Canada. **Canadian Psychology/Psychologie Canadienne**, [s.l.], v. 59, n. 3, p. 220-231, ago. 2018. American Psychological Association (APA). DOI: <http://dx.doi.org/10.1037/cap0000136>.

CARLSON-JOHNSON, O.; GRANT, H.; LAVERY, C. F. Caring for the Guardians—Exploring Needed Directions and Best Practices for Police Resilience Practice and Research. **Frontiers in Psychology**, [s.l.], v. 11, n. 1874, p. 1-5, 21 ago. 2020. Frontiers Media S./A. DOI: <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01874>.

CEREL, J.; JONES, B.; BROWN, M.; WEISENHORN, D. A.; PATEL, K. Suicide Exposure in Law Enforcement Officers. **Suicide and Life-Threatening Behavior**, [s.l.], v. 49, n. 5, p. 1281-1289, 9 out. 2018. Wiley. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/sltb.12516>.

CHAN, E. Y. L.; LUI, J. T. T.; MAK, A. L. P.; LAU, E. K. L. “Decoding MH”—A de-stigmatization campaign in the Hong Kong Police Force. **Behavioral Sciences & The Law**, [s.l.], v. 41, n. 1, p. 30-40, 20 set. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.1002/bsl.2594>.

CRADDOCK, T. B.; TELESCO, G. Police Stress and Deleterious Outcomes: efforts towards improving police mental health. **Journal of Police and Criminal Psychology**, [s.l.], v. 37, n. 1, p. 173-182, 9 nov. 2021. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s11896-021-09488-1>.

CRETELLA JÚNIOR, J. Polícia e poder de polícia. **Revista de Direito Administrativo**, [s. l.], v. 22, n. 88, p. 105-128, 1985.

CURRIE, D. W.; SCHWAB-REESE, L. M.; RUNYAN, C. W. Psychiatric diagnoses are associated with means selection in united states suicide deaths. **Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology**, [s.l.], v. 56, n. 10, p. 1791-1799, 3 jan. 2021. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s00127-020-01999-2>.

DANTAS, E. S. O.; MEIRA, K. C.; BREDEMEIER, J.; AMORIM, K. P. C. Suicídio de mulheres no Brasil: necessária discussão sob a perspectiva de gênero. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 28, n. 5, p. 1469-1477, maio 2023. FapUNIFESP (SciELO). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232023285.16212022>.

DESCHÊNES, A.-A.; DESJARDINS, C.; DUSSAULT, M. Psychosocial factors linked to the occupational psychological health of police officers: preliminary study. **Cogent Psychology**, [s.l.], v. 5, n. 1, p. 1426271, 24 jan. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/23311908.2018.1426271>.

FRAZER, H.; HANSEN, C.; SEARLE, A.; LAWRENCE-WOOD, E.; VAN HOOFF, M. Exploration of potential indicators of burnout, psychological distress and post-traumatic stress disorder, among Australian female first responders. **Psychiatry Research**, [s.l.], v. 316, p. 114771, out. 2022. Elsevier BV. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.psychres.2022.114771>.

GARBARINO, S.; CUOMO, G.; CHIORRI, C.; MAGNAVITA, N.. Association of work-related stress with mental health problems in a special police force unit. **Bmj Open**, [s.l.], v. 3, n. 7, p. 1-12, jul. 2013. BMJ. DOI: <http://dx.doi.org/10.1136/bmjopen-2013-002791>.

GIBSON, R.; WHEALIN, J. M.; DASARO, C. R.; UDASIN, I. G.; CRANE, M.; MOLINE, J. M.; HARRISON, D. J.; LUFT, B. J.; TODD, A. C.; SCHECHTER, C. Prevalence and correlates of suicidal ideation in World Trade Center responders: results from a population-based health monitoring cohort. **Journal Of Affective Disorders**, [s.l.], v. 306, p. 62-70, jun. 2022. Elsevier BV. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jad.2022.03.011>.

GOMES, D. A. R.; ARAÚJO, R. M. F. de; GOMES, M. S. Incidence of suicide among military police officers in South Brazil: an 11-year retrospective cohort study. **Comprehensive Psychiatry**, [s.l.], v. 85, p. 61-66, ago. 2018. Elsevier BV. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.comppsy.2018.06.006>.

GRANT, H. B.; LAVERY, C. F.; DECARLO, J. An Exploratory Study of Police Officers: low compassion satisfaction and compassion fatigue. **Frontiers In Psychology**, [s.l.], v. 9, n. 2793, p. 1-5, 25 jan. 2019. Frontiers Media SA. DOI : <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2018.02793>.

GUPTA, V.; UPADHYAY, S. K.; MALIK, C. Rescuers Need To Be Rescued: multi-pronged strategies to ensure mental well-being among police personnel. **Journal of Police and Criminal Psychology**, [s.l.], v. 38, n. 3, p. 643-665, 2 maio 2023. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s11896-023-09590-6>.

HORSWILL, S. C.; JONES, N. A.; CARLETON, R. N. Psychosocial factors associated with Canadian police officers' susceptibility to posttraumatic stress and growth. **Canadian Journal of Behavioural Science/Revue Canadienne des Sciences du Comportement**, [s.l.], v. 53, n. 3, p. 285-295, jul. 2021. American Psychological Association (APA). DOI : <http://dx.doi.org/10.1037/cbs0000221>.

KRISHNAN, N.; STEENE, L. M. B.; LEWIS, M.; MARSHALL, D.; IRELAND, J. L. A Systematic Review of Risk Factors Implicated in the Suicide of Police Officers. **Journal of Police and Criminal Psychology**, [s.l.], v. 37, n. 4, p. 939-951, 26 jul. 2022. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s11896-022-09539-1>.

KYRON, M. J.; RIKKERS, W.; BARTLETT, J.; RENEHAN, E.; HAFEKOST, K.; BAIGENT, M.; CUNNEEN, R.; LAWRENCE, D. Mental health and wellbeing of Australian police and emergency services employees. **Archives of Environmental & Occupational Health**, [s.l.], v. 77, n. 4, p. 282-292, 3 mar. 2021. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/19338244.2021.1893631>.

LAI, K.; JAMESON, J. T.; RUSSELL, D. W. Prevalence and correlates of destructive behaviors in the US Naval Surface Forces from 2010-2020. **Bmc Psychology**, [s.l.], v. 11, n. 1, p. 1-18, 7 abr. 2023. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1186/s40359-023-01134-1>.

LIU, Y.; ZHANG, J.; SUN, L. Who are likely to attempt suicide again? A comparative study between the first and multiple timers. **Comprehensive Psychiatry**, [s.l.], v. 78, p. 54-60, out. 2017. Elsevier BV. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.comppsy.2017.07.007>.

LOO, R. A Meta-Analysis of Police Suicide Rates: findings and issues. **Suicide and Life-Threatening Behavior**, [s.l.], v. 33, n. 3, p. 313-325, set. 2003. DOI: <http://dx.doi.org/10.1521/suli.33.3.313.23209>.

LUCIA, D. G.; HALLORAN, M. J. An Investigation of the Efficacy of Programs to Prevent Stress in Law Enforcement Officers: a program manager's perspective. **Journal of Police and Criminal Psychology**, [s.l.], v. 35, n. 1, p. 35-47, 30 jul. 2019. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s11896-019-09341-6>.

MACHADO, D. B.; SANTOS, D. N. Suicídio no Brasil, de 2000 a 2012. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 64, n. 1, p. 45-54, 2015. DOI: 10.1590/0047-2085000000056

MARÍN-LEÓN, L.; BARROS, B. A. Mortes por suicídio: Diferenças de gênero e nível socioeconômico. **Revista de Saúde Pública**, v. 37, n. 3, p. 357-363, 2003.

MACHADO, E. P.; NORONHA, C. V. A polícia dos pobres: violência policial em classes populares urbanas. **Sociologias**, [s.l.], n. 7, p. 188-221, jun. 2002.

MELLO-SANTOS, C. de; BERTOLOTE, J. M.; WANG, Y.-P. Epidemiology of suicide in Brazil (1980-2000): characterization of age and gender rates of suicide. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, [s.l.], v.

27, n. 2, p. 131-134, jun. 2005. Editora científica. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1516-44462005000200011>.

MENEGHEL, S. N.; VICTORA, C. G.; FARIA, N. M. X.; CARVALHO, L. A. de; FALK, J. W. Características epidemiológicas do suicídio no Rio Grande do Sul. **Revista de Saúde Pública**, [s.l.], v. 38, n. 6, p. 804-810, dez. 2004. FapUNIFESP (SciELO). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-89102004000600008>.

MENEGHEL, S. N.; GUTIERREZ, D. M. D.; SILVA, R. M. da; GRUBITS, S.; HESLER, L. Z.; CECCON, R. F. Suicídio de idosos sob a perspectiva de gênero. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 17, n. 8, p. 1983-1992, ago. 2012. FapUNIFESP (SciELO). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-81232012000800009>.

MINAYO, M. C. de S.; SOUZA, E. R. de; CONSTANTINO, P. Riscos percebidos e vitimização de policiais civis e militares na (in)segurança pública. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 23, n. 11, p. 2767-2779, nov. 2007.

MIRANDA, D. **Diagnóstico e prevenção do comportamento suicida na polícia militar do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2016.

MIRANDA, D.; GUIMARÃES, T. O suicídio policial: O que sabemos? **Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 9, n. 1, p. 1-18, 2016.

MOHANDIE, K.; HATCHER, C. Suicide and violence risk in law enforcement: practical guidelines for risk assessment, prevention, and intervention. **Behav Sci Law**, [s. l.], v. 3, n. 17, p. 357-376, 1999.

MØLLER, S. R.; HANSEN, A. S. F.; PIHL-THINGVAD, J.; ELKLIT, A.; HANSEN, N. B. Critical Incidents in Police Work: what incidents with danish police officers?. **Journal of Police and Criminal Psychology**, [s.l.], v. 38, n. 3, p. 678-690, 17 maio 2023. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s11896-023-09593-3>.

NAVARRETE, J.; GARCÍA-SALVADOR, M. Á.; CEBOLLA, A.; BAÑOS, R. Impact of Mindfulness Training on Spanish Police Officers' Mental and Emotional Health: a non-randomized pilot study. **Mindfulness**, [s.l.], v. 13, n. 3, p. 695-711, 14 jan. 2022. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s12671-022-01827-5>.

NOTA, P. M.; ANDERSON, G. S.; RICCIARDELLI, R.; CARLETON, R. N.; GROLL, D. Mental disorders, suicidal ideation, plans and attempts among Canadian police. **Occupational Medicine**, [s.l.], v. 70, n. 3, p. 183-190, 10 mar. 2020. Oxford University Press (OUP). DOI: <http://dx.doi.org/10.1093/occmed/kqaa026>.

O'HARA, A. F.; VIOLANTI, J. M. Police suicide – a Web surveillance of national data. **International Journal of Emergency Mental**, v. 11, n. 1, p. 17-23, 2009.

OLIVEIRA, K. L. de; SANTOS, L. M. dos. Percepção da saúde mental em policiais militares da força tática e de rua. **Sociologias**, [s.l.], v. 12, n. 25, p. 224-250, dez. 2010. FapUNIFESP (SciELO). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-45222010000300009>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Suicide. 2023. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>.

PARK, C.; HYUNG, K.; LEE, Jae Won; LEE, Sang Yeol; MOON, Jungjoon; JEON, Dong-Wook; SHIM, Se-Hoon; CHO, Seong-Jin; KIM, Shin Gyeom; LEE, Jeewon; PAIK, Jong-Woo. Suicide risk factors across suicidal ideators, single suicide attempters, and multiple suicide attempters. **Journal of Psychiatric Research**, [s.l.], v. 131, p. 1-8, dez. 2020. Elsevier BV. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jpsychires.2020.08.018>.

QUEIRÓS, C.; PASSOS, F.; BÁRTOLO, A.; MARQUES, A. J.; SILVA, C. F. da; PEREIRA, A. Burnout and Stress Measurement in Police Officers: literature review and a study with the operational police stress questionnaire. **Frontiers in Psychology**, [s.l.], v. 11, n. 587, p. 1-23, 7 maio 2020. Frontiers Media SA. DOI: <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2020.00587>.

RAMCHAND, R.; SAUNDERS, J.; OSILLA, K. C.; EBENER, P.; KOTZIAS, V.; THORNTON, E.; STRANG, L.; CAHILL, M. Suicide Prevention in U.S. Law Enforcement Agencies: a national survey of current practices. **Journal of Police and Criminal Psychology**, [s.l.], v. 34, n. 1, p. 55-66, 12 abr. 2018. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s11896-018-9269-x>.

RIBEIRO, S.; LACROIX, J.; OLIVEIRA, F. de; NOVAK, L.; LEE-TAULER, S.; DARMOUR, C.; PERERA, K.; GOLDSTON, D.; WEAVER, J.; SOUMOFF, A. The Link between Posttraumatic Stress Disorder and Functionality among United States Military Service Members Psychiatrically Hospitalized Following a Suicide Crisis. **Healthcare**, [s.l.], v. 6, n. 3, p. 95, 7 ago. 2018. MDPI AG. DOI: <http://dx.doi.org/10.3390/healthcare6030095>.

ROBERT, S. A. Socioeconomic Position and Health: The Independent Contribution of Community Socioeconomic Context. **Annual Review of Sociology**, [s. l.], v. 25, p. 489-516, 1999.

SAMPSON, R. J. The neighborhood context of well-being. **Perspectives in Biology and Medicine**, [s. l.], v. 3, n. 46, p. 53-64, 2003.

SCHLÖSSER, A.; ROSA, G. F. C.; MORE, C. L. O. O. Revisão: comportamento suicida ao longo do ciclo vital. **Temas em Psicologia**, [s.l.], v. 22, n. 1, p. 133-145, set. 2014. Associação Brasileira de Psicologia. DOI: <http://dx.doi.org/10.9788/tp2014.1-11>.

SØRENGAARD, T. A.; LANGVIK, E.; OLSEN, A.; SAKSVIK-LEHOULLIER, I. Predictors of insomnia symptoms in police employees: a longitudinal investigation and comparison of personality and psychosocial work factors. **Cogent Psychology**, [s.l.], v. 9, n. 1, p. 1-19, 28 out. 2022. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/23311908.2022.2137246>.

SYED, S.; ASHWICK, R.; SCHLOSSER, M.; JONES, R.; ROWE, S.; BILLINGS, J. Global prevalence and risk factors for mental health problems in police personnel: a systematic review and meta-analysis. **Occupational and Environmental Medicine**, [s.l.], v. 77, n. 11, p. 737-747, 21 maio 2020. BMJ. DOI: <http://dx.doi.org/10.1136/oemed-2020-106498>.

TATEBE, L. C.; SIVA, N. R.; PEKAREK, S.; LIESEN, E.; WHEELER, A.; REESE, C.; SCHLANSER, V.; KAMINSKY, M.; MESSER, T.; STARR, F. Heroes in crisis: trauma centers should be screening for and intervening on posttraumatic stress in our emergency responders. **Journal of Trauma and Acute Care Surgery**, [s.l.], v. 89, n. 1, p. 132-139, 17 mar. 2020. Ovid Technologies (Wolters Kluwer Health). DOI: <http://dx.doi.org/10.1097/ta.0000000000002671>.

THOMPSON, J.; DREW, J. M. Warrior 21: a 21-day program to enhance first responder resilience and mental health. **Frontiers in Psychology**, [s.l.], v. 11, n. 2078, p. 1-8, 8 set. 2020. Frontiers Media SA. DOI: <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2020.02078>.

ESTRATÉGIAS DE COPING *como fatores de risco ou de proteção psicossocial para bombeiros*

*Eder Leonardo de Vitte Horn
Morgana Menegat Cavalheiro
Magda Macedo Madalozzo*

Introdução

Saúde mental, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022) vai além da ausência de distúrbios, configurando-se como um estado de bem-estar mental que permite aos indivíduos enfrentar e lidar com estressores da vida, reconhecer suas habilidades, aprender e trabalhar bem, de forma a contribuir com a sua comunidade. Essa condição pode ser afetada por determinantes individuais, sociais e estruturais, que podem ser protetivos ou tornar o sujeito vulnerável ao desenvolvimento de doenças mentais.

Esses determinantes, segundo a OMS (2021), incluem características pessoais, como a capacidade de administrar pensamentos, emoções, comportamentos e interações com os outros, assim como atributos sociais, culturais, econômicos, políticos e fatores ambientais como políticas nacionais, de proteção social, padrões de vida, condições de trabalho e suporte social. Conforme dados do Institute of Health Metrics and Evaluation (2019), no ano de 2019, uma em cada oito pessoas, ou 970 milhões de pessoas ao redor do mundo conviviam com algum distúrbio mental, sendo que destes, 280 milhões relataram viver

com depressão, 301 milhões com um distúrbio de ansiedade, 40 milhões com transtorno bipolar, 40 milhões com comportamentos disruptivos ou transtornos dissociativos, 24 milhões com esquizofrenia, 14 milhões com distúrbios alimentares e 270 milhões com outras patologias não especificadas.

A profissão de bombeiro possui como principal objetivo proteger as vidas dos cidadãos em situações de emergência. Na atualidade, sua atuação requer participação em diversos contextos como incêndios, acidentes, desastres e crises médicas e epidemiológicas, dentre outras situações (Straud *et al.*, 2018). Em seu trabalho, experienciam uma exposição cumulativa a condições ameaçadoras que influenciam o seu bem-estar (Sliter *et al.*, 2014; Chamberlin; Green, 2010) tais como a vivência de incidentes que envolvem ferimentos graves, experiências de morte e risco de morrer, os quais são eventos potencialmente traumáticos (Straud *et al.*, 2018; Meyer *et al.*, 2012; Halpern *et al.*, 2009).

Diversas pesquisas registram que a intensidade dos treinamentos e do trabalho desenvolvido por estes profissionais resultam em diversas consequências negativas, tais como dores crônicas e lesões físicas (Poplin *et al.*, 2012; Sterud; Ekeberg; Hem, 2006; Katsavouni *et al.*, 2014, Chen *et al.* 2014; Smith *et al.*, 2011), bem como *burnout* (Jo *et al.*, 2018; Peng; Li, 2010; Xiong *et al.*, 2014), depressão (Hom *et al.*, 2016; Lee *et al.*, 2019; Pennington *et al.*, 2018), uso abusivo de álcool (Arbona; Schwartz, 2016; Martin *et al.*, 2017), baixa qualidade de vida (Jang *et al.*, 2016; Yip *et al.*, 2016), e transtorno de estresse pós-traumático (Beaton *et al.*, 1999; Bryant; Harvey, 1995; Wang *et al.*, 2014).

O estudo de Boffa *et al.* (2018), desenvolvido com 214 bombeiros de uma cidade metropolitana no sul dos Estados Unidos, indicou que aproximadamente entre 7% e 30% dos participantes se enquadravam nos critérios diagnósticos de transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). Esses dados

confirmam as pesquisas de Beaton *et al.* (1999), Bryant e Harvey (1995), e Wang *et al.* (2014). No entanto, são questionados em outras investigações, as quais indicam que a prevalência desse distúrbio é baixa, entre 5% e 13%, em comparação com a população que não atua como profissional da segurança pública, a qual possui 6,8% de prevalência (Chen *et al.*, 2015; Del Ben *et al.*, 2006; Haslam; Mallon, 2003). Ademais, estudos indicam que estes profissionais possuem uma taxa de transtornos por uso abusivo de álcool ao longo da vida (Carey *et al.*, 2011; Haddock *et al.*, 2017), e uma prevalência de *burnout* de 57%, em decorrência de sua atividade laborativa (Chatzea *et al.*, 2017).

Nesse cenário, entende-se como necessário investigar fatores psicossociais de risco e proteção presentes no cotidiano laboral dos bombeiros, bem como as estratégias de *coping* utilizadas por estes profissionais, a fim de eliminar e/ou reduzir os efeitos destes estressores. Destarte, no presente capítulo discorre-se sobre estes tópicos a partir de pesquisa bibliográfica realizada no mês de julho de 2023 com os descritores “*psychosocial factors*”, “ *coping* ” e “*firefighters*”.

Para iniciar, apresentam-se os conceitos de “fatores psicossociais no trabalho” e “ *coping* ”, que irão fundamentar as análises e discussões derivadas da revisão integrativa de literatura, relatada na sequência.

Fatores psicossociais no trabalho

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (1986), fatores psicossociais consistem na interação entre aspectos relacionados ao ambiente laboral, como a natureza e as condições de trabalho, e as características do trabalhador, suas capacidades, necessidades, cultura e condições de vida, que podem influenciar sua saúde, rendimento e satisfação no exercício de sua atividade profissional.

Em concordância com esta conceituação, a OMS (1981) define estes como fatores que são derivados de aspectos psíquicos do indivíduo, bem como da estruturação e da função desempenhada pela organização do trabalho, e que influenciam a saúde e bem-estar do trabalhador e do grupo. Nesse ínterim, estão presentes os aspectos sociais, os quais decorrem das interações com o grupo, aspectos culturais, que abarcam ferramentas tradicionais de enfrentamento e resolução de adversidades e conflitos, e componentes psicológicos de cada sujeito, como suas crenças, atitudes e elementos de sua personalidade. A interação entre estes elementos delinea o conceito de Fatores Psicossociais no Trabalho (Cox; Cox, 1993; Sauter *et al.*, 2003; Benavides; Ruiz-Frutos; Garcia, 2004; Zanelli; Kanan, 2019).

Zanelli e Kanan (2019), afirmam que os fatores psicossociais abarcam três âmbitos de condições: **fatores inerentes ao indivíduo**, que incluem características demográficas, autoestima e autoconhecimento, *locus* de controle, capacidade de enfrentamento e adaptação, habilidades sociais, estilo de vida, significado ou sentido da vida e espiritualidade e transcendência; **fatores internos ao trabalho**, que referem-se às condições do ambiente de trabalho, das tarefas, do grupo de trabalho e da organização; e **fatores externos ao trabalho**, que abrangem a situação econômica familiar, os relacionamentos interpessoais, qualidade de assistência à saúde, acesso à educação, rede de apoio social, entre outros.

Ainda segundo estes autores, os fatores psicossociais podem ser fatores de risco ou de proteção. Os fatores de risco são aqueles que ocasionam prejuízos físicos, biológicos, psicológicos e sociais aos indivíduos, à comunidade e ao grupo. De acordo com Izquierdo (2002), esses se referem às características das condições de trabalho que possuem a capacidade de afetar tanto a saúde do trabalhador, quanto seu desempenho laboral. O autor classifica os fatores psicossociais de risco no trabalho em **fatores relacionados ao ambiente de trabalho**, os quais

englobam as condições ambientais (agentes físicos, químicos e biológicos) e o desenho do posto de trabalho (condições ergonômicas), e em **fatores relacionados com a organização e a gestão do trabalho**, os quais incluem a existência ou não de pausas e descansos, o horário de trabalho, o trabalho por turnos ou o trabalho noturno, a divisão de funções e tarefas, o ritmo de trabalho, a monotonia, a autonomia, a carga mental do trabalho, a formação do trabalhador, a responsabilidade do cargo, o desempenho de seu papel na organização, a comunicação no ambiente laborativo, o estilo de comando, a participação nas decisões, as relações interpessoais no trabalho, as condições de emprego, e o desenvolvimento da carreira profissional.

Segundo o *Instituto Nacional de Seguridad y Salud en el Trabajo* – INSST (2022) a exposição aos fatores de risco psicossociais no trabalho aumenta a probabilidade da ocorrência de efeitos negativos para a segurança e para a saúde física (com o desenvolvimento de hipertensão, transtornos, gastrointestinais, respiratórios e/ou dermatológicos), cognitiva (como dificuldade de concentração, diminuição da capacidade de resolução de problemas e déficits de memória), emocional (como irritabilidade, desconfiança e ansiedade) e social (como isolamento, conflitos interpessoais e agressividade) das pessoas, das organizações e da sociedade. Essa exposição acentua a possibilidade do aparecimento de situações de estresse ou de violência em qualquer uma de suas formas, as quais podem ocasionar alguns desvios de conduta, como vícios ou abuso de substâncias tóxicas e padrões de sono inadequados.

Já os fatores psicossociais de proteção, conforme Zanelli e Kanan (2019, p. 42), são “situações, eventos, contextos ou recursos que atuam na diminuição ou supressão das possibilidades de ocorrência de resultados indesejados e de uma evolução bem-sucedida e adaptada” e oferecem amparo e interações favoráveis que possibilitam o estabelecimento de relações de confiança e respeito, resiliência e aprendizagens compartilhadas. Consoante

a Rutter (1987), estes se configuram como recursos que visam a promoção da resiliência, e a melhora ou modificação de repertórios pessoais a determinados riscos desadaptativos. Segundo o autor, eles podem ser constituídos de características pessoais, de rede de suporte social positiva e de coesão familiar.

O INSSST (2022) destaca que realizar o gerenciamento adequado dos fatores psicossociais no trabalho favorece o aprimoramento da segurança, da saúde e do bem-estar das pessoas, contribui para a melhora da qualidade de vida e potencializa a contribuição para os resultados organizacionais. Em consequência, tende a otimizar o desenvolvimento pessoal e profissional das equipes e o desenvolvimento social e ético das empresas. A gestão adequada dos fatores psicossociais no trabalho implica em diagnósticos adequados desses fatores no contexto, bem como o monitoramento, intervenções e acompanhamento das respostas das pessoas às situações estressoras, também denominadas de *coping*.

Coping

O conceito de *coping* tem sido estudado ao longo dos anos e diferentes conceituações teóricas e metodológicas. É entendido como um conjunto de estratégias utilizadas pelos indivíduos para se adaptarem a situações adversas. Antoniazzi, Dell’Aglio e Bandeira (1998) realizaram uma revisão da literatura e identificaram diferentes abordagens utilizadas para descrever o construto, sendo os seus achados organizados no Quadro 1, em ordem cronológica.

A tradução do termo *coping* para a língua portuguesa não será empregada ao longo deste capítulo, apesar de ser amplamente utilizada nas produções científicas brasileiras. Sua compreensão como “enfrentamento” pode, de acordo com Lisboa *et al.* (2002), provocar confusão, visto que esta palavra pressupõe executar uma ação direcionada a um alvo, enquanto

que, a ideia de *inação* pode ser uma estratégia de *coping* comum para as crianças. No Quadro 1, no período de 1980 a 1996, é possível visualizar os conceitos considerados em diferentes estudos sobre *coping*.

Quadro 1 – Conceitos de *coping* na perspectiva de diferentes estudos.

Estudos	<i>Coping</i>
Folkman; Lazarus, 1980	Enfatizam o papel das estratégias de <i>coping</i> como comportamentos utilizados para enfrentar situações de estresse. Categorizam <i>coping</i> focalizado no problema (tentativa de alterar a situação estressora) e focalizado na emoção (o qual tem por objetivo regular o estado emocional associado ao estresse e reduzir a sensação física causada por ele).
Miller, 1981	Apresenta dois estilos de <i>coping</i> : monitorador (alerta e sensibilizado a aspectos negativos de uma experiência, buscando controlá-la) e desatento (afasta-se da ameaça, distrai-se e evita informar-se, postergando a ação).
Folkman; Lazarus, 1984	Conceituam como um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais utilizados pelo sujeito, a fim de lidar com demandas internas ou externas, que surgem frente a situações estressoras e excedem seus recursos pessoais. Estas são ações que podem ser aprendidas, desconsiderando-se, nesse sentido, mecanismos de defesa.
Band; Weisz, 1988	Dividem o <i>coping</i> em primário (com objetivo de lidar com situações objetivas) e secundário (que envolve a capacidade de adaptação da pessoa aos estressores).
Billings; Moss, 1984; Holahan; Moss, 1985	Dividem o <i>coping</i> em ativo (com esforços de aproximação do estressor) e passivo (onde há evitação do estressor).
Carver; Scheier, 1994	Referem que as pessoas têm uma tendência a desenvolver estilos de <i>coping</i> em maior ou menor grau, frente a situações estressoras. Estes podem influenciar suas reações em novas situações, uma vez que configuram uma propensão a responder de maneira específica a circunstâncias particulares.

Vaillant, 1994	Apresenta o <i> coping </i> relacionado aos mecanismos de defesa, vinculado à psicologia do ego, sendo este uma motivação inconsciente para lidar com os conflitos sexuais e agressivos.
Rudolph <i> et al. </i> , 1995	Entendido como um episódio, que sofre a influência de múltiplas variáveis, onde ocorre uma resposta de <i> coping </i> , a qual deve ser diferenciada de resposta de estresse, um objetivo subjacente a essa resposta e um resultado.
O'Brien; DeLongis, 1996	Apresentaram uma terceira estratégia de <i> coping </i> na qual o indivíduo busca apoio em suas relações interpessoais a fim de solucionar uma circunstância estressora.

Fonte: Adaptado de Antoniazzi, Dell'Aglio e Bandeira (1998).

Observa-se que, nas décadas de 1980 e 1990, identificam-se predominantemente três abordagens sobre *coping* , a de Folkman e Lazarus (1980, 1984), a de Vaillant (1994) e a de Rudolph *et al.* (1995), as quais se diferenciam por suas concepções teóricas e metodológicas. Ao observar as concepções de Miller (1981), Band e Weisz (1988), Billings e Moss (1984), Holahan e Moss (1985) é possível notar uma aproximação com a noção desenvolvida por Folkman e Lazarus, utilizando-se, no entanto, de terminologias diferentes para referir-se a eventos similares. O'Brien e DeLongis (1996), por sua vez, inovam ao considerar, pela primeira vez, um novo tipo de *coping* .

Verifica-se, a partir dos anos 2000, atualizações reduzidas quanto ao conceito de *coping* , sendo a conceituação mais utilizada nas produções científicas atuais a proposta por Folkman e Lazarus (1980; 1984), que referem este como as estratégias utilizadas pelos indivíduos para se adaptar às adversidades decorridas ao longo da vida, as quais possuem capacidade de modificar a evolução do estresse, seja evitando a situação estressora ou confrontando-a.

Método

O presente capítulo deriva da pesquisa “Fatores Psicossociais do Trabalho e Estratégias de Enfrentamento para Promoção da Saúde e Prevenção ao Suicídio em Profissionais de Segurança Pública” realizada na região sul do Brasil, no ano de 2023. O estudo pode ser caracterizado como revisão integrativa da literatura realizada nas bases de dados SCOPUS e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), delimitada a artigos publicados entre 2018 e 2023, na língua inglesa, com foco em profissionais bombeiros. Foram utilizados os descritores “*psychosocial factors*”, “*coping*” e “*firefighters*”. Como resultado, foram identificados 74 artigos e, após análise, selecionadas 44 produções que enquadravam-se em um dos objetivos específicos da pesquisa, que consistia em investigar os fatores psicossociais de risco e proteção presentes no cotidiano laboral dos bombeiros, bem como as estratégias de *coping* utilizadas por estes profissionais. Em seguida efetivou-se a leitura integral de todos os artigos e excluiu-se os documentos que não compreendiam a população analisada, ou que não possuíam acesso aberto, bem como aqueles que não retratavam a temática referente a fatores psicossociais e estratégias de *coping* utilizadas por bombeiros. Restaram para posterior apreciação 27 estudos, dos quais foram analisadas as informações mais relevantes, com base nas categorias “Transtorno de Estresse Pós-Traumático”, “Incidentes Críticos”, “Crescimento Pós-Traumático”, “*Burnout*” e “Características Sociodemográficas”, assim delimitadas em função da maior frequência de recorrências nos estudos.

Resultados e discussão

A análise dos artigos selecionados na íntegra possibilitou a identificação das temáticas recorrentes e foram importantes para ampliar a compreensão dos fatores psicossociais presentes e as respectivas estratégias de *coping* referidas na população in-

vestigada. Os artigos selecionados para análise foram dispostos no Quadro 2.

Quadro 2 – Artigos analisados

Autor(es)	Título do artigo
Casas; Benuto (2022)	Breaking the silence: A qualitative analysis of trauma narratives submitted online by first responders
Chen <i>et al.</i> (2021)	Enhancement from being present: Dispositional mindfulness moderates the longitudinal relationship between perceived social support and posttraumatic growth in Chinese firefighters
Chen <i>et al.</i> (2022)	Influence of Avoidant Coping on Posttraumatic Stress Symptoms and Job Burnout Among Firefighters: The Mediating Role of Perceived Social Support
Dangermond <i>et al.</i> (2022a)	“The problem hasn’t changed, but you’re no longer left to deal with it on your own” – the role of informal peer support in helping firefighters cope with critical incidents
Dangermond <i>et al.</i> (2022b)	“If it stops, then I’ll start worrying”: Humor as part of the fire service culture, specifically as part of coping with critical incidents
Henson; Truchot; Canevello (2022)	PTSD and PTG in French and American Firefighters: A Comparative Study
Huang; Li; An (2021)	The mediating role of coping in the relationship of posttraumatic stress disorder symptoms (PTSS) and job burnout among Chinese firefighters
Huang; Li; An (2022)	Coping strategies as mediators in the relation between perceived social support and job burnout among Chinese firefighters
Jakubowski; Sitko-Dominik (2021)	The impact of the traditional male role norms on the posttraumatic stress disorder among Polish male firefighters
Karnick <i>et al.</i> (2022)	Alcohol use in firefighters: A network model of behaviors and transdiagnostic risk

Köhler <i>et al.</i> (2018)	The role of disclosure attitudes in the relationship between posttraumatic stress disorder symptom severity and perceived social support among emergency service workers
Kyron <i>et al.</i> (2021)	Prospective risk and protective factors for psychopathology and wellbeing in civilian emergency services personnel: a systematic review
Lebeaut; Tran; Vujanovic (2020)	Posttraumatic stress, alcohol use severity, and alcohol use motives among firefighters: The role of anxiety sensitivity
Llorens <i>et al.</i> (2022)	Organizational Drivers of Burnout and Work Engagement: A Multilevel Study in Portuguese Firefighter Brigades
Maiorano <i>et al.</i> (2020)	COVID-19: Risk Factors and Protective Role of Resilience and Coping Strategies for Emergency Stress and Secondary Trauma in Medical Staff and Emergency Workers—An Online-Based Inquiry
Piñar-Navarro <i>et al.</i> (2020)	Anxiety and strategies for coping with stress used by first responders and out-of-hospital emergency health care staff before the COVID-19 pandemic
Price <i>et al.</i> (2022)	Assessing the Perceptions and Impact of Critical Incident Stress Management Peer Support among Firefighters and Paramedics in Canada
Ras; Leach (2022)	Alcohol Consumption, Physical Activity and CAD Risk Factors in Firefighters
Rogers <i>et al.</i> (2020)	Pain intensity, alcohol use motives, and alcohol use among firefighters: The moderating role of pain-related anxiety
Smith <i>et al.</i> (2018)	Posttraumatic stress, alcohol use, and alcohol use reasons in firefighters: The role of sleep disturbance
Soravia <i>et al.</i> (2021)	Rescuers at Risk: Posttraumatic Stress Symptoms Among Police Officers, Fire Fighters, Ambulance Personnel, and Emergency and Psychiatric Nurses

Theleritis <i>et al.</i> (2020)	Coping and Its Relation to PTSD in Greek Firefighters
Tjin <i>et al.</i> (2022)	Turning to ‘Trusted Others’: A Narrative Review of Providing Social Support to First Responders
Vagni <i>et al.</i> (2022)	Emergency Stress, Hardiness, Coping Strategies and Burnout in Health Care and Emergency Response Workers During the COVID-19 Pandemic
Witt; Stelcer; Czarnecka-Iwańczuk (2018)	Stress coping styles in firemen exposed to severe stress
Yang; Ha (2019)	Predicting Posttraumatic Growth among Firefighters: The Role of Deliberate Rumination and Problem-Focused Coping
Zegel; Tran; Vujanovic (2019)	Posttraumatic stress, alcohol use, and alcohol use motives among firefighters: The role of distress tolerance

Fonte: Os autores, 2023.

A partir da análise dos artigos, os resultados foram organizados em categorias, levando-se em consideração os 6 fatores psicossociais mais recorrentes, quais sejam: Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT), Incidentes Críticos, Crescimento Pós-traumático (CPT), Suporte Social, *Burnout* e características sociodemográficas. A ordem de apresentação de cada categoria foi disposta de maneira decrescente, da categoria com maior número de estudos acerca da temática para a categoria com menor número.

Transtorno de Estresse Pós-traumático

O TEPT foi o fator psicossocial mais recorrente na literatura analisada, com 12 estudos acerca do transtorno (Smith *et al.*, 2018; Köhler *et al.*, 2018; Zegel; Tran; Vujanovic, 2019; Yang; Ha, 2019; Theleritis *et al.*, 2020; Lebeaut; Tran; Vujanovic, 2020; Kyron *et al.*, 2021; Soravia *et al.*, 2021; Huang; Li; An, 2021; Jakubowski; Sitko-Dominik, 2021; Karnick *et al.*, 2022;

Chen *et al.*, 2022). As principais estratégias de *coping* encontradas para lidar com o TEPT foram o uso de álcool (Smith *et al.*, 2018; Zegel; Tran; Vujanovic, 2019; Lebeaut; Tran; Vujanovic, 2020; Karnick *et al.*, 2022), estratégias de evitação (Thelertis *et al.*, 2020; Huang; Li; An, 2021; Chen *et al.*, 2022), busca por suporte social (Köhler *et al.*, 2018; Jakubowski; Sitko-Dominik, 2021), ruminação (Kyron *et al.*, 2021) e outras estratégias (Soravia *et al.*, 2021).

Estratégia de *coping*: uso de álcool

A categoria dos bombeiros é reconhecida na literatura pela presença recorrente de psicopatologias relacionadas a experiência de eventos traumáticos, como é o caso do TEPT (Beaton *et al.*, 1999; Bryant; Harvey, 1995; Wang *et al.*, 2014). Karnick *et al.*, (2022) identificaram em uma população de 685 bombeiros dos Estados Unidos o uso de álcool como estratégia de *coping* recorrente frente aos sintomas de evitação presentes no TEPT. Além disso, os autores investigaram padrões e comportamentos relacionados ao uso de álcool entre a população de bombeiros e descobriram que estavam relacionados a depressão e sintomas de evitação e reatividade encontrados no TEPT. O estudo identificou o fracasso em atingir expectativas, sentimentos de culpa e a necessidade de realizar a ingestão de bebida alcoólica pela manhã como fatores centrais entre os bombeiros com probabilidade de desenvolver doenças relacionadas ao uso de álcool. Outros estudos enfatizaram a interação do TEPT com outras variáveis, como os distúrbios do sono (Smith *et al.*, 2018) e o baixo nível de tolerância ao mal-estar (Zegel; Tran; Vujanovic, 2019), que potencializam o uso abusivo de álcool em bombeiros com TEPT.

Outros motivos para o uso de álcool em bombeiros com TEPT esteve ligado ao comportamento de evitar rejeição em grupos sociais e de socialização (Zegel; Tran; Vujanovic, 2019; Lebeaut; Tran; Vujanovic, 2020). Ao considerar o conceito

de *coping* de Folkman e Lazarus (1980), os estudos acerca do uso de álcool como forma de enfrentar os sintomas do TEPT demonstraram um possível esforço da população de bombeiros analisada em regular o estado emocional resultante dos sintomas do transtorno, o que reflete em uma predominância na utilização de estratégias de *coping* focalizadas na emoção. Segundo os autores, essa estratégia visa regular o estado emocional e as sensações físicas causadas pela situação enfrentada.

Estratégia de *coping*: evitação

A presente categoria inclui os estudos de Theleritis *et al.* (2020), Huang, Li e An (2021) e Chen *et al.* (2022) acerca da estratégia de *coping* baseada na evitação. De acordo com Theleritis *et al.* (2020), a evitação indica um esforço do sujeito em reduzir o real problema e a importância de um fator estressante, indicando uma dificuldade do indivíduo em lidar com a situação. Theleritis *et al.* (2020), por meio de entrevistas conduzidas com uma população de 102 bombeiros homens da Grécia, identificaram naqueles com TEPT um uso maior de estratégias de *coping* baseadas em minimização e culpabilidade, em comparação com aqueles sem a presença do transtorno. Nesse sentido, a minimização se refere a uma tendência pessoal do indivíduo em não enfatizar a carga e a importância de um evento estressante percebido. O fato de os bombeiros utilizarem este estilo de *coping* específico sugere que são incapazes de amortecer e neutralizar o impacto dos fatores de estresse. Isso pode contribuir para sua reação exagerada a situações estressantes e para o desenvolvimento de TEPT. No que diz respeito ao estilo de lidar com a culpa, há um esforço do indivíduo em evitar ou contornar o problema real e, a longo prazo, esta abordagem é mal adaptativa e o seu “uso excessivo” prolongado pode levar à acumulação de problemas emocionais não resolvidos e ao desenvolvimento do TEPT.

Além da relação entre TEPT e evitação, Huang, Li e An (2021) e Chen *et al.* (2022) identificaram a presença do *burnout* nessa interação. Huang, Li e An (2021) evidenciaram que estratégias positivas e negativas de *coping* são, ambas, parcialmente, mediadoras da relação entre os sintomas de TEPT e o *burnout* pelo trabalho. De acordo com os achados, bombeiros com altos níveis de sintomas de TEPT possuem menor probabilidade de escolher a resolução de problemas como estratégia positiva de *coping*, focando-se em utilizar a evitação como instrumento de *coping*, o que aumenta as chances de desencadear um *burnout* pelo trabalho. O estudo de Chen *et al.* (2022), conduzido na China com 431 bombeiros, corrobora com esse achado, indicando que a evitação como estratégia de *coping* está relacionada com sintomas pós-traumáticos e o *burnout* por trabalho, uma vez que, ao evitar lidar com a situação traumática, o profissional não elabora seus sentimentos e angústias, o que potencializa os estressores. Da mesma forma, este mecanismo pode afetar estas patologias por meio do suporte social, visto que está associado com a relutância em buscar auxílio dos pares e de profissionais.

Estratégia de *coping*: busca por suporte social

A presente categoria inclui os artigos de Köhler *et al.* (2018) e Jakubowski e Sitko-Dominik (2021), que abordam a temática da busca por suporte social em relação ao TEPT. Em um estudo realizado na Polônia com 135 policiais homens para avaliar a relação entre normas associadas ao papel masculino e sintomas de TEPT em bombeiros, Jakubowski e Sitko-Dominik (2021) observaram que muitos destes profissionais utilizam a reclusão como estratégia de *coping* frente aos sintomas experienciados. Essa estratégia está relacionada à relutância do indivíduo em expressar as suas emoções e demonstrar necessidade de apoio, o que corrobora com os achados de Köhler *et al.* (2018). A partir dos resultados obtidos com uma população de 131 bombeiros e médicos de emergência da Alemanha, os autores identifica-

ram uma interferência dos sintomas do TEPT (pensamentos e emoções relacionadas à situação traumática e sentimento de deslocamento) na capacidade dos bombeiros analisados em relatarem as situações traumáticas experienciadas, provocando uma diminuição no nível de suporte social percebido e diminuindo a chance do ambiente social identificar a necessidade de ajuda.

Estratégia de *coping*: ruminação

A categoria da ruminação como estratégia de *coping* ficou evidenciada na revisão sistemática da literatura desenvolvida por Kyron *et al.* (2021) para avaliar os fatores de risco e proteção da saúde mental e do bem-estar de profissionais de serviços de emergência. Os autores constataram que o principal mecanismo de *coping* utilizado pelos profissionais analisados é a ruminação de eventos estressores, fator significativamente associado com sintomas de TEPT.

Outras estratégias

Essa categoria inclui o estudo de Soravia *et al.* (2021), conduzido na Suíça com uma população total de 1002 profissionais de salvamento, que consistia em 499 oficiais de polícia, 239 bombeiros, 97 operadores de ambulância, 85 profissionais de emergência e 82 profissionais qualificados de duas enfermarias de cuidados intensivos em psiquiatria da Universidade de Berna. O estudo centrou-se na identificação de variáveis que influenciam os sintomas de estresse pós-traumático, o bem-estar e a ideação suicida em uma população de profissionais de equipes de resgate e de emergência. Os autores identificaram as estratégias de *coping* disfuncionais (uso de substância, evitação e auto-distração) como um dos preditores dos sintomas de TEPT na população analisada. Além dos mecanismos disfuncionais, Soravia *et al.* (2021) observaram que as estratégias de *coping* focadas no problema (suporte psicológico, reuniões em equipe para discussão das situações traumáticas e conversar com

colegas e supervisores) não se mostraram tão protetivas quanto o esperado.

Levando em consideração as categorias com maior número de estudos identificados, apresenta-se, em seguida, a categoria Incidentes Críticos, com um total de 9 estudos acerca do tema.

Incidentes Críticos

A segunda categoria identificada refere-se aos incidentes críticos, que é conceituado como um evento traumático experienciado pelo profissional, que ocorre de maneira repentina, podendo afetar a forma que o indivíduo reage a situação, o que resulta em consequências negativas à saúde mental (Monnier; Cameron; Hobfoll, 2002). Foram incluídos nessa categoria artigos acerca de temas como eventos traumáticos, situações traumáticas, traumas laborais, estressores laborais e outros incidentes relacionados à profissão dos bombeiros. Essa forma de organizar os incidentes críticos foi escolhida devido ao número de recorrências em que apareceram nos estudos.

No total, foram identificados 9 estudos relacionados ao tema (Witt; Stelcer; Czarnecka-Iwańczuk, 2018; Maiorano *et al.*, 2020; Rogers *et al.*, 2020; Piñar-Navarro *et al.*, 2020; Dangermond *et al.*, 2022a; Dangermond *et al.*, 2022b; Price *et al.*, 2022; Casas; Benuto, 2022; Vagni *et al.*, 2022). Os principais mecanismos de *coping* identificados para lidar com os incidentes críticos foram: evitação (Witt; Stelcer; Czarnecka-Iwańczuk, 2018; Maiorano *et al.*, 2020), estratégias ativas (Witt; Stelcer; Czarnecka-Iwańczuk, 2018; Piñar-Navarro *et al.*, 2020), uso de humor (Dangermond *et al.*, 2022a; Dangermond *et al.*, 2022b), busca por suporte informal de pares (Dangermond *et al.*, 2022b), uso de álcool (Rogers *et al.*, 2020), autculpa (Piñar-Navarro *et al.*, 2020), estratégias adaptativas e desadaptativas (Casas; Benuto, 2022), estratégias focadas no problema (Vagni *et al.*, 2022), estratégias focadas na emoção (Witt; Stelcer;

Czarnecka-Iwańczuk, 2018) e respiração tática (Price *et al.*, 2022).

Estratégia de *coping*: evitação

Essa categoria inclui estudos acerca da estratégia de *coping* baseada na evitação, como os de Witt, Stelcer e Czarnecka-Iwańczuk (2018), aplicado em uma população de 147 bombeiros da Polônia, e de Maiorano *et al.* (2020), conduzido na Itália com 240 profissionais de emergência, que identificaram a utilização dessa estratégia para enfrentar eventos traumáticos. Maiorano *et al.* (2020) observaram uma redução nos sentimentos de incapacidade e desamparo nos profissionais que utilizavam a evitação como estratégia de *coping*. Além disso, a evitação esteve relacionada a uma melhora na resiliência e em comportamentos proativos, proporcionando uma atenuação dos sintomas de excitação, estresse e pensamentos intrusivos, que são característicos de experienciar um evento traumático. Já Witt, Stelcer e Czarnecka-Iwańczuk (2018) identificaram as estratégias de *coping* baseadas em evitação como as mais utilizadas por bombeiros sofrendo com estresse severo.

Estratégia de *coping*: estratégias ativas

A categoria das estratégias de *coping* ativas inclui os artigos de Piñar-Navarro *et al.* (2020) e Witt, Stelcer e Czarnecka-Iwańczuk (2018), que buscaram identificar as estratégias de *coping* empregadas por bombeiros frente a situações traumáticas. Em relação aos resultados, Piñar-Navarro *et al.* (2020) observaram uma predominância das estratégias ativas de *coping*, que são consideradas para os autores como estratégias positivas e opostas aos mecanismos de *coping* baseados em esquiva emocional. Em relação aos achados de Witt, Stelcer e Czarnecka-Iwańczuk (2018), os autores identificaram um uso recorrente das estratégias ativas de *coping* por bombeiros mais velhos.

Estratégia de *coping*: uso de humor

Essa categoria inclui os artigos de Dangermond *et al.* (2022a) e Dangermond *et al.* (2022b), com ambos os estudos conduzidos com 72 bombeiros dos Países-Baixos. Dangermond *et al.* (2022a) investigaram o papel do humor na cultura de bombeiros e sua importância para estes profissionais como estratégia de *coping* a situações críticas. Os autores observaram que a maioria dos bombeiros entrevistados descreveram o “humor ácido” como principal ferramenta de *coping* utilizada, tanto individualmente, quanto coletivamente. Este lhes permitia iniciar um diálogo sobre o incidente crítico vivenciado e discutir, indiretamente, as emoções suscitadas por essa experiência que, se expressadas em outro contexto, poderiam ser desmerecidas por seus pares. Entretanto, existem fatores que podem inibir a utilização dessa estratégia de *coping*, como a presença de um profissional substituto, que não estará presente no próximo turno, o estigma relacionado a demonstração de vulnerabilidade e a abertura ou não para apoiar os colegas (Dangermond *et al.*, 2022b).

Estratégia de *coping*: busca por suporte informal de pares

Esta categoria inclui o estudo de Dangermond *et al.* (2022b), com o objetivo de identificar o papel desenvolvido pelo suporte informal de pares no auxílio para superação de situações críticas vivenciadas por bombeiros. Os autores identificaram que os profissionais tendem a preferir o suporte informal de pares como estratégia de *coping*, em detrimento de ferramentas formais disponibilizadas pelas organizações, desde que haja circunstâncias facilitadoras e a adesão a certas regras. Isto lhes permite compartilhar memórias, processar as experiências vivenciadas e cria um sentimento de coesão, cumplicidade e unidade, uma vez que, entre os pares, eles podem conversar abertamente sobre o que ocorreu e utilizar-se de instrumentos

como o “humor ácido”, por exemplo, o que poderia ser mal interpretado por pessoas fora de seu contexto.

Estratégia de coping: uso de álcool

O uso de álcool como estratégia de *coping* inclui o estudo de Rogers *et al.* (2020) conduzido em uma população de 189 bombeiros de carreira (88,4%) e voluntários (11,6%) dos Estados Unidos. O objetivo da pesquisa foi avaliar a interação entre ansiedade relacionada à dor e o uso de álcool. Os resultados indicaram que bombeiros com maior nível de ansiedade relacionada à dor tendem a fazer uso de álcool como forma de lidar com as situações estressantes da profissão.

Estratégia de coping: autculpa

A presente categoria inclui o estudo de Piñar-Navarro *et al.* (2020), que buscou identificar quais as características relacionadas à ansiedade envolvida no ato de lidar com situações ameaçadoras e as estratégias de *coping* empregadas por bombeiros, forças da segurança e socorristas da saúde a partir de uma população de 145 bombeiros e profissionais da segurança da Espanha. Os achados indicam que profissionais com maior nível de escolaridade e treinamento profissional tendem a utilizar a estratégia de auto culpa como forma de lidar com as situações ameaçadoras. Para os autores, esse achado indica uma associação entre respostas emocionais mais intensas com o grau de responsabilidade exigido para o profissional.

Estratégia de coping: estratégias adaptativas e desadaptativas

As estratégias adaptativas e desadaptativas fazem parte do estudo de Casas e Benuto (2022) acerca da análise do discurso de profissionais socorristas em relação a experiências traumáticas vivenciadas, a partir de 30 publicações em um *website* dedicado a este público. Os autores identificaram que, com o passar do tempo de serviço, a exposição cumulativa ao trauma tende a fazer

com que os profissionais se desiludam com o trabalho prestado, desenvolvam psicopatologias e adotem estratégias de *coping* ao trauma que podem ser adaptativas ou desadaptativas. Os autores incluem a inserção em grupos de suporte, a utilização de ferramentas de *mindfulness* ou habilidades de *grounding*, busca por apoio social e serviços de saúde mental como exemplos de estratégias adaptativas de *coping*. Como estratégias desadaptativas, os autores incluem o uso de álcool e substâncias, o abuso de prescrições médicas e alimentação, automutilação, ideação ou tentativas de suicídio e retraimento social.

Estratégia de coping: estratégias focadas no problema

A categoria das estratégias focadas no problema inclui o estudo de Vagni *et al.* (2022), realizado na Itália, que examinaram o estresse e *burnout* em profissionais da saúde e socorristas durante a terceira onda da pandemia do Covid-19, bem como o papel da resistência psicológica e estratégias positivas de *coping* como fatores de proteção contra os efeitos patológicos do estresse. Os autores identificaram que as estratégias positivas de *coping* de foco no problema, isto é, estratégias que visam modificar o evento estressor (Folkman; Lazarus, 1980), apresentaram maior incidência nos profissionais analisados do que na população em geral durante a pandemia do Covid-19. Esse achado pode estar relacionado com o sentimento de realização desses trabalhadores, de estarem contribuindo de maneira a amenizar a crise vivenciada, o que, possivelmente, ajudou a reduzir os altos níveis de estresse vivenciados pelos profissionais.

Estratégia de coping: estratégias focadas na emoção

De acordo com Folkman e Lazarus (1980), as estratégias focadas na emoção possuem o objetivo de regular as alterações emocionais e físicas causadas pelo evento estressor. A categoria das estratégias focadas na emoção inclui o estudo de Witt, Stelcer e Czarnecka-Iwańczuk (2018), que identificou em bombeiros

sofrendo com estresse severo uma predominância das estratégias de *coping* focadas na emoção como forma de lidar com eventos aversivos.

Estratégia de *coping*: respiração tática

O estudo conduzido por Price *et al.* (2022) no Canadá com 91 bombeiros está incluído nessa categoria. Os autores abordaram o impacto de um programa de suporte promovido pelos pares no gerenciamento de estresse em incidentes críticos em bombeiros e paramédicos no Canadá. Os participantes da pesquisa demonstraram que estratégias de *coping* aprendidas durante o programa, como a técnica da respiração tática, utilizada para regular os estados emocionais e físicos por meio da respiração, passou a auxiliá-los na manutenção de sua saúde mental e no enfrentamento de incidentes críticos. Outros achados indicam que fatores como idade, gênero e anos de serviço não impactam significativamente na aquisição de habilidades percebidas, no uso de estratégias de *coping* e no gerenciamento de estresse em incidentes críticos.

A seguir discorre-se sobre a categoria denominada ‘Crescimento Pós-Traumático’, desdobrada em subcategorias identificadas na análise dos artigos selecionados.

Crescimento Pós-Traumático

O Crescimento Pós-Traumático (CPT) está relacionado a uma mudança positiva que ocorre após o indivíduo vivenciar um evento traumático (Tedeschi; Calhoun, 2004). A reação positiva experienciada pode provocar um aumento nos níveis de resiliência e auto-eficácia do sujeito (Henson; Truchot; Canevello, 2020). Nesse sentido, foram identificados 3 estudos acerca da temática (Yang; Ha, 2019; Chen *et al.*, 2021; Henson; Truchot; Canevello, 2022). As principais estratégias de *coping* identificadas foram: *coping* focado no problema e ruminação

deliberada (Yang; Ha, 2019), apoio social (Chen *et al.*, 2021) e religião (Henson; Truchot; Canevello, 2022).

Estratégia de *coping*: *coping* focado no problema e ruminação deliberada

O *coping* focado no problema inclui o estudo de Yang e Ha (2019), realizado na Coréia do Sul com 226 bombeiros, que propôs examinar a relação entre CPT e bombeiros. Como fatores que auxiliam o CPT, a ruminação deliberada, isto é, pensar sobre a experiência traumática, e a utilização de estratégias de *coping* focadas no problema (*coping* ativo e reinterpretação positiva) após eventos traumáticos, demonstraram uma importância significativa no CPT. Além disso, os achados indicam que os traços de personalidade como a extroversão e otimismo estão presentes com maior frequência em indivíduos que utilizam estratégias de *coping* focadas no problema, o que também auxilia no CPT.

Estratégia de *coping*: apoio social

A categoria da busca por suporte social inclui o estudo de Chen *et al.* (2021) realizado em 340 bombeiros da China, e que analisaram a relação entre o apoio social percebido pelos bombeiros e o CPT com a moderação da técnica de *mindfulness*. De acordo com os autores, houve uma forte correlação entre o suporte social fora da família e o CPT, enquanto esta correlação com o suporte social familiar não foi significativa. No entanto, ao se considerar o papel moderador do *mindfulness*, o estudo identificou que bombeiros com altos níveis deste poderiam utilizar o suporte de suas famílias para promover CPT, uma vez que possuem mais probabilidade de desenvolver habilidades de buscar por significados em eventos traumáticos e de se apoiar em seu suporte familiar.

Estratégia de *coping* : religião

O papel da religião como estratégia de *coping* foi abordada no estudo de Henson, Truchot e Canevello (2022), realizado com 409 bombeiros dos Estados Unidos e 407 bombeiros da França, com o objetivo de oferecer um entendimento acerca do estresse pós-traumático e do crescimento em socorristas, principalmente, bombeiros. Também testaram a solidez do processo de CPT, a partir da avaliação de dois grupos culturais distintos, bombeiros estadunidenses e franceses. Os autores identificaram uma prevalência maior de crescimento pós-traumático nos bombeiros americanos, em comparação com os profissionais franceses, e atribuíram este resultado ao uso primário da religião como estratégia de *coping* por estes trabalhadores, que lhes proporciona ser parte de uma comunidade unida e incentiva a conexão entre colegas, permitindo, também, o desenvolvimento de uma confiança frente às adversidades e auxilia na identificação de sentido para as experiências vivenciadas.

A seguinte categoria refere-se ao “Suporte Social”, e inclui o estudo de Tjin *et al.* (2022).

Suporte social

A quarta categoria identificada compreende a revisão narrativa da literatura de Tjin *et al.* (2022) acerca do papel de pessoas de confiança no suporte disponibilizado para socorristas, identificando características que possibilitam este apoio, como o preparo destas pessoas, suas estratégias de *coping* e recursos disponíveis, e analisam as possíveis melhorias nessa dinâmica. Os principais resultados do estudo indicaram que, além de proporcionar suporte aos profissionais, estes indivíduos precisavam de suporte para si, a fim de lidar com este estressor em suas vidas. Nesse sentido, três categorias foram criadas: “fornecendo apoio”, “encontrando apoio” e “suporte necessário”.

Na categoria “fornecendo apoio”, as pessoas de confiança eram responsáveis por, dentre outras coisas, auxiliar no desenvolvimento de estratégias positivas de *coping* como buscar ajuda profissional, praticar atividades religiosas e realizar conversas construtivas. A categoria “encontrando apoio” refere-se à busca, por parte das pessoas de confiança, por desenvolver estratégias de *coping* e a utilização de recursos para se preparar para o seu papel como parceiro de apoio. Já a categoria “suporte necessário” identifica os desafios encontrados pelas pessoas de confiança em seu estabelecimento como parceiro de apoio, enfrentando habilidades comunicativas inadequadas, as quais dificultavam o diálogo após incidentes críticos, bem como estratégias de *coping* negativas utilizadas pelos bombeiros, dentre elas, hiper-masculinidade, evitação, retraimento, compartimentalização, crenças incapacitantes e abuso de substâncias.

A quinta categoria identificada (*Burnout*) é disposta a seguir, e integra o estudo de Llorens *et al.* (2020).

Burnout

Essa categoria inclui o estudo de Llorens *et al.* (2020) realizado com uma amostra de 1487 bombeiros portugueses, que apresenta achados acerca de *burnout* e estratégias de *coping*. Os autores analisaram a relação entre as demandas e recursos do nível organizacional e o bem-estar individual, examinando questões de *burnout* e engajamento no trabalho, com aspectos individuais, como demandas agudas e estratégias de *coping* positivas. Da mesma forma, investigaram o papel moderador de estratégias de *coping* proativas na dinâmica entre demandas agudas e o bem-estar individual. Em relação a definição das estratégias de *coping* proativas, Schwarzer (2001) as define como uma estratégia focada em canalizar recursos que irão auxiliar o indivíduo em tarefas e eventos futuros.

Os resultados do estudo indicaram que estratégias de *coping* proativas estavam relacionadas com menor índice de *burnout*

e com alto vigor no engajamento no trabalho, bem como que estes mecanismos moderavam a relação entre demandas agudas e vigor. Já as demandas da organização configuravam um fator de alto risco para o *burnout* e estavam associadas com o baixo engajamento no trabalho, enquanto o suporte social dos pares não foi relacionado com o bem-estar dos bombeiros.

A próxima categoria aborda o artigo de Ras e Leach (2022), referente às características sociodemográficas.

Características sociodemográficas

Essa categoria inclui o estudo de Ras e Leach (2022) realizado na África do Sul com 124 bombeiros, acerca das características sociodemográficas e o uso de álcool como estratégia de *coping*. Os autores identificaram que bombeiros homens jovens consomem mais bebidas alcoólicas que mulheres nessa mesma profissão, e possuíam maior probabilidade de realizar a ingestão em grande quantidade. Além disso, o volume e os padrões de álcool consumidos estavam significativamente relacionados à hipertensão e a quantidade de ocupações e de atividades físicas de baixa intensidade.

Considerações finais

O objetivo deste capítulo foi apresentar e analisar as estratégias de *coping* utilizadas por profissionais bombeiros para lidarem com as demandas psicológicas e emocionais presentes em seu cotidiano de trabalho, a partir de revisão integrativa de literatura. O propósito foi também identificar os efeitos dessas estratégias como fatores psicossociais de risco e/ou de proteção à saúde mental desses trabalhadores, tendo em vista o planejamento de futuras intervenções com foco na prevenção de adoecimento nesse contexto. Os dados foram refinados e aglutinados em seis categorias finais considerados como fatores psicossociais mais recorrentes na literatura analisada. São eles: Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT), Incidentes

Críticos, Crescimento Pós-traumático (CPT), Suporte Social, *Burnout* e Características Sociodemográficas.

Pode-se perceber que o TEPT, observado em 12 estudos, foi o fator de risco psicossocial mais recorrente nos artigos analisados. Quando presente, a estratégia de *coping* mais utilizada por estes profissionais na tentativa de eliminar ou reduzir seus efeitos foi o uso de álcool (4 estudos), o que corrobora com o dado de que esta categoria profissional possui uma taxa de 50% para desenvolver transtornos por uso abusivo de álcool ao longo da vida (Carey *et al.*, 2011; Haddock *et al.*, 2017). O segundo fator de risco psicossocial relatado com maior recorrência nos artigos foram os Incidentes Críticos (9 estudos), com a evitação sendo a estratégia de *coping* mais identificada (5 estudos).

Em relação à essas duas categorias, foi possível observar uma predominância de estratégias de *coping* utilizadas para regular os impactos emocionais e psicológicos causados pelos sintomas do TEPT e pelos incidentes críticos, o que sugere que ambas as categorias podem atuar como fatores de risco psicossocial e se tornar potencializadores de adoecimento mental. Ao interferirem nos mecanismos de *coping* utilizados, levam ao emprego de estratégias desadaptativas, como o uso de álcool (Casas; Benuto, 2022), e estratégias que visam reduzir o estresse presente no ambiente, como a evitação (Theleritis *et al.*, 2020).

Por outro lado, os relatos indicam que algumas estratégias podem atuar como fatores de proteção psicossocial, como a busca por suporte social, o *mindfulness*, a respiração táctica e o *coping* focado no problema, proporcionando bem-estar ao indivíduo e auxiliando no enfrentamento de fatores como os sintomas do TEPT e dos incidentes críticos.

Outras categorias, como o Crescimento Pós-Traumático (CPT), suporte social, *burnout* e características sociodemográficas, também incluem achados importantes para o estudo. Nesse sentido, as estratégias identificadas no CPT como o

coping focado no problema, a ruminação deliberada, o apoio social e a religião foram responsáveis por auxiliar na recuperação e favorecer o crescimento de indivíduos que vivenciaram situações traumáticas. Já os relatos ligados às categorias do suporte social e do *burnout* refletem o caráter protetivo das estratégias relacionadas à busca por apoio social, especialmente dentro da organização. Por último, os resultados acerca das características sociodemográficas reiteram o papel do álcool como estratégia frequente na população de bombeiros.

Em suma, os achados refletem a importância de estudos acerca dessa temática, dada a complexidade do trabalho dos bombeiros e a importância de sua atuação na sociedade. Além disso, é essencial o envolvimento das organizações na aplicação de intervenções e políticas voltadas para o bem-estar dos bombeiros, levando em consideração os fatores psicossociais presentes no ambiente laboral e as estratégias de *coping* benéficas empregadas por esses profissionais, como aquelas relacionadas à busca por apoio social e CPT.

Referências

ANTONIAZZI, A. S.; DELL'AGLIO, D. D.; BANDEIRA, D. R.. O conceito de coping: uma revisão teórica. **Estudos de Psicologia**, v. 3, p. 273-294, 1998.

ARBONA, C.; SCHWARTZ, J. Posttraumatic stress disorder symptom clusters, depression, alcohol abuse, and general stress among Hispanic male firefighters. **Hispanic Journal of Behavioral Sciences**, v. 38, p. 507-522, 2016.

BEATON, R.; MURPHY, S.; JOHNSON, C.; PIKE, K.; CORNEIL, W. Coping responses and posttraumatic stress symptomatology in urban fire service personnel. **Journal of Traumatic Stress**, v. 12, p. 293-308, 1999.

BENAVIDES, G. F.; RUIZ-FRUTOS, C.; GARCIA, A. M. **Salud Laboral: Conceptos y técnicas para la prevención de riesgos laborales**. Madrid: Masson, 2004.

BOFFA, J.; STANLEY, I.; SMITH, L.; MATHES, B.; TRAN, J.; BUSER, S.; SCHMIDT, N.; VUJANOVIC, A. Posttraumatic stress

disorder symptoms and suicide risk in male firefighters: The mediating role of anxiety sensitivity. **J. Nerv. Ment. Dis.**, v. 206, p. 179-186, 2008.

BRYANT, R.; HARVEY, A. Posttraumatic stress reaction in volunteer firefighters: Predictors of distress. **J. Nerv. Ment. Dis.**, v. 183, p. 267-271, 1995.

CAREY, M.; AL-ZAITI, S.; DEAN, G.; SESSANNA, L.; FINNELL, D. Sleep Problems, Depression, Substance Use, Social Bonding, and Quality of Life in Professional Firefighters. **J. Occup. Environ. Med.**, v. 53, p. 928-933, 2011.

CASAS, J.; BENUTO, L. Breaking the silence: A qualitative analysis of trauma narratives submitted online by first responders. **Psychological trauma: theory, research, practice and policy**, v. 14, p. 190-198, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1037/tra0001072>.

CHAMBERLIN, M.; GREEN, H. Stress and coping strategies among firefighters and recruits. **Journal of Loss and Trauma**, v. 15, p. 548-560, 2010.

CHATZEA, V.-E.; SIFAKI-PISTOLLA, D.; VLACHAK, S.-A.; MELIDONIOTIS, E.; PISTOLLA, G. PTSD, burnout and well-being among rescue workers: seeking to understand the impact of the European refugee crisis on rescuers. **Psychiatry Res.**, v. 262, p. 446-451, 2017.

CHEN, H.; CHEN, Y.; AU, M.; FENG, L.; CHEN, Q.; GUO, H.; LI, Y.; YANG, X. The presence of post-traumatic stress disorder symptoms in earthquake survivors one month after a mudslide in southwest China. **Nurs. Health Sci.**, v. 16, p. 39-45, 2014.

CHEN, J.; ZHOU, X.; ZENG, M.; WU, X. Post-Traumatic Stress symptoms and post-traumatic growth: Evidence from a longitudinal study following an earthquake disaster. **Plos One**, v. 10, 2015.

CHEN, J.; LI, J.; ZHOU, Y.; LIU, X.; XU, W. Enhancement from being present: Dispositional mindfulness moderates the longitudinal relationship between perceived social support and posttraumatic growth in Chinese firefighters. **Journal of Affective Disorders**, v. 279, p. 111-116, 2021. DOI:10.1016/j.jad.2020.09.137.

CHEN, Y.; LI, X.; CHEN, C.; AN, Y.; SHI, J.; HUANG, J.; ZHAO, Y. Influence of Avoidant Coping on Posttraumatic Stress Symptoms and Job Burnout Among Firefighters: The Mediating Role of Perceived Social Support. **Disaster medicine and public health preparedness**, v. 16, p. 1476-1481, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1017/dmp.2021.155>.

COX, T.; COX, S. Occupational Health: Control and Monitoring of Psychosocial and Organisational Hazards at Work. **Journal**

of the **Royal Society of Health**, v. 113, p. 201-205, 1993. DOI: 10.1177/146642409311300411.

DANGERMOND, K.; WEEWER, R.; DUYN DAM, J.; MACHIELSE, A. The problem hasn't changed, but you're no longer left to deal with it on your own – the role of informal peer support in helping firefighters cope with critical incidents. **International Journal of Emergency Services**, v. 11, p. 300-311, 2022a. DOI: <https://doi.org/10.1108/IJES-02-2021-0007>.

DANGERMOND, K.; WEEWER, R.; DUYN DAM, J.; MACHIELSE, A. “If it stops, then I’ll start worrying”: Humor as part of the fire service culture, specifically as part of coping with critical incidents. **International Journal of Humor Research**, v. 35, p. 31-50, 2022b. DOI: <https://doi.org/10.1515/humor-2021-0106>.

DEL BEN, K.; SCOTTI, J.; CHEN, Y.-C.; FORTSON, B. Prevalence of posttraumatic stress disorder symptoms in firefighters. **Work Stress**, v. 20, p. 37-48, 2006.

EDDINS, R. Grounding techniques and self-soothing for emotional regulation. **Eddins Counseling Group**, 2020. Disponível em: <https://eddinscounseling.com/groundingtechniques-self-soothing-emotional-regulation/>.

FOLKMAN, S.; LAZARUS, R. An analysis of coping in a middle-aged community sample. **Journal of Health and Social Behavior**, v. 21, p. 219-239, 1980.

HADDOCK, C.; POSTON, W.; JAHNKE, S.; JITNARIM, N. Alcohol Use and Problem Drinking among Women Firefighters. **Women's Health Issues**, v. 27, n. 6, p. 632-638, 2017.

HALPERN, J.; GUREVICH, M.; SCHWARTZ, B.; BRAZEAU, P. What makes an incident critical for ambulance workers? Emotional outcomes and implications for intervention, **Work & Stress**, v. 23, p. 173-189, 2009. DOI: 10.1080/02678370903057317.

HASLAM, C.; MALLON, K. A preliminary investigation of post-traumatic stress symptoms among firefighters. **Work Stress**, v. 17, p. 277-285, 2003.

HENSON, C.; TRUCHOT, D.; CANEVELLO, A. What Promotes Post Traumatic Growth? A Systematic Review. **European Journal of Trauma & Dissociation**, v. 5, n. 4, p. 100195, dez. 2020.

HENSON, C.; TRUCHOT, D.; CANEVELLO, A. PTSD and PTG in French and American Firefighters: A Comparative Study. **International journal of environmental research and public health**, v. 19, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph191911973>.

HOM, M.; STANLEY, I.; ROGERS, M.; TZONEVA, M.; BERNERT, R.; JOINER, T. The association between sleep disturbances and depression among firefighters: emotion dysregulation as an explanatory factor. **J. Clin. Sleep Med.**, v. 12, p. 235-245, 2016.

HUANG, J.; LI, X.; AN, Y. The mediating role of coping in the relationship of posttraumatic stress disorder symptoms (PTSS) and job burnout among Chinese firefighters. **International archives of occupational and environmental health**, v. 94, p. 243-250, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s00420-020-01571-0>.

HUANG, Q.; AN, Y.; LI, X. Coping strategies as mediators in the relation between perceived social support and job burnout among Chinese firefighters. **Journal of health psychology**, v. 27, p. 363-373, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1177/1359105320953475>.

INSTITUTE OF HEALTH METRICS AND EVALUATION. **Global Health Data Exchange (GHDx)**. 2019. Disponível em: <https://vizhub.healthdata.org/gbd-results/>

INSTITUTO NACIONAL DE SEGURIDAD Y SALUD EN EL TRABAJO (INSST). **Directrices básicas para la gestión de los riesgos psicosociales**. Madri, 2022.

IZQUIERDO, F. M. **Manual de Riesgos Psicosociales en el Trabajo: Teoría y Práctica**. Eae Editorial Academia Espanola, 2012.

JAKUBOWSKI, T. D.; SITKO-DOMINIK, M. M. The impact of the traditional male role norms on the posttraumatic stress disorder among Polish male firefighters. **Plos One**, v. 16, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0259025>.

JANG, S.-H.; RYU, H.-S.; CHOI, S.-C.; LEE, S.-Y. Psychological factors influence the gastroesophageal reflux disease (GERD) and their effect on quality of life among firefighters in South Korea. **Int. J. Occup. Env. Health**, v. 22, p. 315-320, 2016.

JO, I.; LEE, S.; SUNG, G.; KIM, M.; LEE, S.; PARK, J.; LEE, K. Relationship between burnout and PTSD symptoms in firefighters: the moderating effects of a sense of calling to firefighting. **Int. Arch. Occup. Environ. Health**, v. 9, p. 117-123, 2018.

KARNICK, A.; BUERKE, M.; CAULFIED, N.; TRUSSELL, D.; CAPRON, D.; VUJANOVIC, A. Alcohol use in firefighters: A network model of behaviors and transdiagnostic risk. **Drug and alcohol dependence**, v. 241, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2022.109677>.

KATSAVOUNI, F.; BEBETSOS, E.; ANTONIOU, P.; MALLIOU, P.; BENEKA, A. Work-related risk factors for low back pain in firefighters. Is exercise helpful? **Sport Sciences for Health**, v. 10, p. 17-22, 2014.

KÖHLER, M.; SCHÄFER, H.; GOEBEL, S.; PEDERSEN, A. The role of disclosure attitudes in the relationship between posttraumatic stress disorder symptom severity and perceived social support among emergency service workers. **Psychiatry research**, v. 270, p. 602-610, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2018.10.049>.

KYRON, M.; REES, C.; LAWRENCE, D.; CARLETON, R. N.; McEVOY, P. Prospective risk and protective factors for psychopathology and wellbeing in civilian emergency services personnel: a systematic review. **Journal of affective disorders**, v. 281, p. 517-532, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.12.021>.

LEBEAUT, A.; TRAN, J.; VUJANOVIC, A. Posttraumatic stress, alcohol use severity, and alcohol use motives among firefighters: The role of anxiety sensitivity. **Addictive behaviors**, v. 106, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2020.106353>.

LEE, N.; LEE, J.; KIM, J.; JEON, K.; SIM, M. Risk factors for stress and depression in firefighters: comparison of individual and job related factors. **Anxiety Mood**, v. 15, p. 35-44, 2019.

LISBOA, C.; KOLLER, S. H.; RIBAS, F. F.; BITENCOURT, K.; OLIVEIRA, L.; PORCIUNCULA, L. P. *et al.* Estratégias de coping de crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, p. 345-362, 2002.

LLORENS, S.; SALANOVA, M.; CHAMBEL, M. J.; TORRENTE, P.; ÂNGELO, R. Organizational Drivers of Burnout and Work Engagement: A Multilevel Study in Portuguese Firefighter Brigades. **International journal of environmental research and public health**, v. 19, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph19074053>.

MAIORANO, T.; VAGNI, M.; GIOSTRA, V.; PAJARDI, D. COVID-19: Risk Factors and Protective Role of Resilience and Coping Strategies for Emergency Stress and Secondary Trauma in Medical Staff and Emergency Workers – An Online-Based Inquiry. **Sustainability**, v. 12, 2020. DOI: <https://doi.org/10.3390/su12219004>.

MARTIN, C.; VUJANOVIC, A.; PAULUS, D.; BARTLETT, B.; GALLAGHER, M.; TRAN, J. Alcohol use and suicidality in firefighters: associations with depressive symptoms and posttraumatic stress. **Compr. Psychiatry**, v. 74, p. 44-52, 2017.

MEYER, E.; ZIMERING, R.; DALY, E.; KNIGHT, J.; KAMHOLZ, B.; GULLIVER, S. Predictors of posttraumatic stress disorder and other

psychological symptoms in trauma-exposed firefighters. **Psychol Serv.**, v. 9, p. 1-15, 2012.

MONNIER, J., CAMERON, R., HOBFOLL, S. The impact of resource loss and critical incidents on psychological functioning in fire-emergency workers: A pilot study. **International Journal of Stress Management**, v. 9, p. 11-29, 2002.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Les facteurs psychosociaux au travail**: nature, incidences, prévention. Genève: Bureau International du Travail. 1986.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAUDE (OMS). Santé et bien-être sur les lieux de travail. Rapport sur la réunion d'un groupe de travail de l'OMS. Prague, le 18-20 septembre 1979. Bureau Régional de l'Europe. Copenhague. Organisation Mondiale de la Santé. 1981.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Comprehensive Mental Health Action Plan 2013-2030**. Geneva, 2021. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/345301/9789240031029-eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Mental health. Geneva, 17 jun. 2022. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response>.

PENG, L. H.; LI, Y. Investigation and analysis on the mental fatigue of special firefighters. **CN Occup. Med.**, v. 37, p. 339-341, 2010.

PENNINGTON, M.; CARPENTER, T.; SYNETT, S.; TORRES, V.; TEAGUE, J.; MORISSETTE, S.; KNIGHT, J.; KAMHOLZ, B.; KEANE, T.; ZIMERING, R.; GULLIVER, S. The influence of exposure to natural disasters on depression and PTSD symptoms among firefighters. **Prehosp. Disaster Med.**, v. 33, p. 102-108, 2018.

PIÑAR-NAVARRO, E.; CAÑADAS-DE LA FUENTE, G.; GONZÁLEZ-JIMÉNEZ, E.; HUESO-MONTORO, C. Anxiety and strategies for coping with stress used by first responders and out-of-hospital emergency health care staff before the COVID-19 pandemic. **Emergencias: revista de la Sociedad Espanola de Medicina de Emergencias**, v. 32, p. 371-373, 2020.

POPLIN, G.; HARRIS, R.; POLLACK, K.; PEATE, W.; BURGESS, J. Beyond the fireground: Injuries in the fire service. **Injury Prevention: Journal of the International Society for Child and Adolescent Injury Prevention**, v. 18, p. 228-233, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1136/injuryprev-2011-040149>.

PRICE, J.; LANDRY, C.; SYCH, J.; MCNEILL, M.; STELNICKI, A.; ASMUNDSON, A.; CARLETON, R. N. Assessing the Perceptions

and Impact of Critical Incident Stress Management Peer Support among Firefighters and Paramedics in Canada. **International journal of environmental research and public health**, v. 19, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph19094976>.

RAS, J.; LEACH, L. Alcohol Consumption, Physical Activity and CAD Risk Factors in Firefighters. **The Open Public Health Journal**, v. 15, 2022. DOI: [10.13140/RG.2.2.18625.63843](https://doi.org/10.13140/RG.2.2.18625.63843).

ROGERS, A.; ZEGEL, M.; TRAN, J.; ZVOLENSKY, M.; VUJANOVIC, A. Pain intensity, alcohol use motives, and alcohol use among firefighters: The moderating role of pain-related anxiety. **Addictive behaviors**, v. 107, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2020.106415>.

RUTTER, M. Psychosocial Resilience and Protective Mechanisms. **American Journal of Orthopsychiatry**, v. 53, p. 316-331, 1987.

SAUTER, S.; HURRELL, J.; MURPHY, L.; LEVI, L. Factores Psicosociales y de Organización. *In: Enciclopèdia de Salut e Seguretat en el Treball*. v. 2, Ginebra: Gabinet Internacional del Treball, 2003.

SCHWARZER, R. Stress, resources, and proactive coping. **Appl. Psychol. Int. Rev.**, v. 50, p. 400-407, 2001.

SLITER, M.; SINCLAIR, R.; YUAN, Z.; MOHR, C. Don't fear the reaper: Trait death anxiety, mortality salience, and occupational health. **Journal of Applied Psychology**, v. 99, p. 759-769, 2014.

SMITH, B.; ORTIZ, J. A.; STEFEN, L.; TOOLEY, E.; WIGGINS, K.; YEATER, E.; MONTOYA, J.; BERNARD, M. Mindfulness is associated with fewer PTSD symptoms, depressive symptoms, physical symptoms, and alcohol problems in urban firefighters. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 79, p. 613-617, 2011.

SMITH, L.; GALLAGHER, M.; TRAN, J.; VUJANOVIC, A. Posttraumatic stress, alcohol use, and alcohol use reasons in firefighters: The role of sleep disturbance. **Comprehensive psychiatry**, v. 87, p. 64-71, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.comppsy.2018.09.001>.

SORAVIA, L.; SCHWAB, S.; WALTHER, S.; MÜLLER, T. Rescuers at Risk: Posttraumatic Stress Symptoms Among Police Officers, Fire Fighters, Ambulance Personnel, and Emergency and Psychiatric Nurses. **Frontiers in psychiatry**, v. 11, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsy.2020.602064>.

STERUD, T.; EKEBERG, Ø.; HEM, E. Health status in the ambulance services: A systematic review. **BMC Health Services Research**, v. 6, p. 82, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1186/1472-6963-6-82>.

STRAUD, C.; HENDERSON, S.; VEGA, L.; BLACK, R.; VAN HASSELT, V. Resiliency and posttraumatic stress symptoms in firefighter paramedics: The mediating role of depression, anxiety, and sleep. **Traumatology**, v. 24, p.140-147, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1037/trm0000142>.

TEDESCHI, R.; CALHOUN, L. Posttraumatic Growth: Conceptual Foundations and Empirical Evidence. **Psychological Inquiry**, v. 15, n. 1, p. 1-18, 2004.

THELERITIS, C.; PSARROS, C.; MANTONAKIS, L.; ROUKAS, D.; PAPAIOANNOU, A.; PAPARRIGOPOULOS, T.; BERGIANNAKI, J. D. Coping and Its Relation to PTSD in Greek Firefighters. **The Journal of nervous and mental disease**, v. 208, p. 252-259, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1097/NMD.0000000000001103>.

TJIN, A.; TRAYNOR, A.; DOYLE, B.; MULHALL, C.; EPPICH, W.; O'TOOLE, M. Turning to 'Trusted Others': A Narrative Review of Providing Social Support to First Responders. **International journal of environmental research and public health**, v. 19, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph192416492>.

VAGNI, M.; MAIORANO, T.; GIOSTRA, V.; PAJARDI, D.; BARTONE, P. Emergency Stress, Hardiness, Coping Strategies and Burnout in Health Care and Emergency Response Workers During the COVID-19 Pandemic. **Frontiers in psychology**, v. 13, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.918788>,

VANDENBERGHE, L.; ASSUNÇÃO, A. B. Concepções de mindfulness em Langer e Kabat-Zinn: um encontro da ciência Ocidental com a espiritualidade Oriental. **Contextos Clínicos**, v. 2, p. 124-135, 2009.

WANG, A. W.-T.; CHANG, C.-S.; CHEN, S.-T.; CHEN, D.-R.; HSU, W.-Y. Identification of posttraumatic growth trajectories in the first year after breast cancer surgery. **Psycho-Oncology**, v. 23, p. 1399-1405, 2014.

WITT, M.; STELCER, B.; CZARNECKA-IWAŃCZUK, M. Stress coping styles in firemen exposed to severe stress. Styl radzenia sobie ze stresem u strażaków narażonych na ciężki stres. **Psychiatria polska**, v. 52, p. 543-555, 2018. <https://doi.org/10.12740/PP/73837>

XIONG, F.; LI, R.; WEI, X.; LI, F.Y.; LIU, J.W. Cross-sectional investigation on job burnout among firefighters in Xinjiang. **Occup. Health**, v. 30, p. 2716-2718, 2014.

YANG, S.-K.; HA, Y. Predicting Posttraumatic Growth among Firefighters: The Role of Deliberate Rumination and Problem-Focused Coping. **International journal of environmental research and public health**, v. 16, 2019. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph16203879>

YIP, J.; ZEIG-OWENS, R.; HALL, C.; WEBBER, M.; OLIVIERI, B.; SCHWARTZ, T.; KELLY, K.; PREZANT, D. Health conditions as mediators of the association between World Trade Center exposure and health related quality of life in firefighters and EMS workers. **J. Occup. Environ. Med.**, v. 58, p. 200-206, 2016.

ZANELLI, J. C.; KANAN, L. A. **Fatores de Risco, Proteção Psicossocial e Trabalho**: organizações que emancipam ou que matam. Lages, SC: Uniplac, 2019.

ZEGEL, M.; TRAN, J.; VUJANOVIC, A. Posttraumatic stress, alcohol use, and alcohol use motives among firefighters: The role of distress tolerance. **Psychiatry research**, v. 282, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2019.112633>.

RISCO OCUPACIONAL, TRABALHO DE RISCO E FATORES PSICOSSOCIAIS: *revisitando conceitos*

Luana Folchini da Costa

Introdução

O aumento das exigências de trabalho requer que profissionais cuja responsabilidade esteja em atentar para a promoção da saúde e do bem-estar, sejam eles vinculados a organizações públicas ou privadas, estejam atentos e em busca de alternativas para seguirem com seu propósito. Para organizar e promover a gestão dos riscos ocupacionais, no Brasil, há as Normas Regulamentadoras (NRs) que tratam especificamente dos riscos ocupacionais (Brasil, 1978a, 1978b, 1978c, 1978d, 1978e).

Porém, à medida que os riscos ocupacionais surgem e movimentam um cenário de incertezas que permite pouca intervenção, como é o caso de profissões consideradas vulneráveis para o desencadeamento de reações adversas por estresse e adoecimento mental, não se percebem orientações objetivas de como proceder. Nas definições de riscos ocupacionais, não são considerados fatores de risco psicológicos, ou como tem sido abordado na literatura, fatores psicossociais (Zanelli; Kanan, 2018). Tampouco o conceito de saúde mental parece ser considerado nas normativas nacionais.

Em nível global, por outro lado, o agravamento e aumento nos casos de estresse consequentes ao trabalho levou a

Organização Mundial da Saúde a incluir a Síndrome de *Burnout* ou Síndrome do Esgotamento Profissional na nova edição da Classificação Internacional de Doenças (CID-11) que passou a valer em janeiro de 2022 (OMS, 2022). Isso reforçou o interesse e centralidade de estudar e compreender o *burnout* tanto no contexto investigativo quanto organizacional (Michel *et al.*, 2022), uma vez que, a partir da inclusão desta síndrome no CID, as empresas passam a atuar como responsáveis na gestão dos fatores organizacionais que podem causar estresse.

Dentre as consequências da exposição aos estressores rotineiros no ambiente laboral e da manifestação de sintomas de estresse, os profissionais podem desenvolver quadros de sofrimento psicológico que culminam em depressão e ansiedade generalizada (Burke, 2020; Chirico *et al.*, 2020; Chitra; Karunanidhi, 2018). Casos mais graves podem evoluir para a Síndrome de *Burnout* ou Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT) (Grandey; Melloy, 2017; Smith; Ford; Steffen, 2019). Problemas cardiovasculares estão entre as principais consequências fisiológicas do estresse frequente (Bostock *et al.*, 2019).

Para as organizações as consequências de um ou mais trabalhadores que apresentam sintomas de estresse ocupacional resultam em altas taxas de absenteísmo e rotatividade (Bartlett *et al.*, 2019; Chirico, 2017; Dreison *et al.*, 2018), baixa satisfação, baixo desempenho (Chirico, 2017) e comportamentos contraproducentes no trabalho (Eatough *et al.*, 2016).

A partir dos anos 2000, a Psicologia Positiva (Seligman, 2002) estimulou pesquisadores da área a considerar a adoção de uma abordagem equilibrada na investigação e prática sobre saúde ocupacional, ou seja, atentar aos aspectos positivos dos contextos e atividades laborais e nas crenças e atitudes para construir um local de trabalho saudável, bem como melhorar o bem-estar dos trabalhadores.

Nesse sentido, partindo das definições de risco ocupacional vigentes nas normativas brasileiras e com base na Teoria do Equilíbrio Dinâmico do Bem-estar (Dodge *et al.*, 2012), este capítulo tem o objetivo de elucidar os conceitos de fatores psicossociais de risco e protetivos com foco na promoção do bem-estar de trabalhadores que atuam sob condição de risco. Há também a intenção de promover a reflexão sobre as alternativas para gestores e profissionais envolvidos em programas de promoção da saúde, qualidade de vida e segurança incluírem os riscos psicossociais e as estratégias de promoção de saúde mental em seus programas, políticas e práticas organizacionais.

Risco ocupacional na legislação brasileira

Todo e qualquer perigo para o qual os trabalhadores de uma organização estejam expostos em seu dia a dia de trabalho é considerado risco ocupacional. No Brasil, as Normas Regulamentadoras (NRs) estabelecidas pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MET), desde meados da década de setenta, vem sendo revisadas frequentemente para atenderem às condições de trabalho. Em 2020 foi publicada uma nova revisão da NR-01, que entrou em vigor em 2022. Esta norma apresenta as disposições gerais que devem ser seguidas pelas demais normas regulamentadoras relativas à segurança e saúde no trabalho e as diretrizes e os requisitos para o gerenciamento de riscos ocupacionais e as medidas de prevenção em Segurança e Saúde no Trabalho (Brasil, 1978a).

Na NR-01 está estabelecido o dever de empresas empregadoras¹ estabelecerem um programa de gestão de riscos ocupacionais, no qual precisam avaliar e classificar tais riscos para que possam, na sequência, apresentar medidas preventivas executadas, bem como seu acompanhamento e controle de riscos. Para o diagnóstico dos riscos, a norma sugere que sejam

¹ Há exceções para MEI e MEE.

consultados e informados os trabalhadores, mapeadas as fontes causadoras, quais grupos de trabalhadores estão submetidos aos riscos (que podem variar conforme função e contexto do trabalho) e comparados aos valores de referência de outra NR, a de número 9. A norma apresenta ao final um glossário, do qual foram destacados alguns termos, apresentados no Quadro 1 (Brasil, 1978a).

Quadro 1 – Glossário: Riscos ocupacionais – NR-01

Termo	Definição
Perigo ou fator de risco ocupacional/Perigo ou fonte de risco ocupacional	Fonte com o potencial de causar lesões ou agravos à saúde. Elemento que isoladamente ou em combinação com outros tem o potencial intrínseco de dar origem a lesões ou agravos à saúde.
Risco ocupacional	Combinação da probabilidade de ocorrer lesão ou agravo à saúde causados por um evento perigoso, exposição a agente nocivo ou exigência da atividade de trabalho e da severidade dessa lesão ou agravo à saúde

Fonte: Brasil, 1978a.

Além disso, também apresenta definições para agente biológico, físico e químico. Mas não contempla, diretamente, a saúde mental ou os fatores psicossociais. Há, ainda, outras NRs que são regidas por esta primeira.

As NRs 09 e 12 abordam quais são os riscos no trabalho, ambas foram publicadas em 1978 por meio da Portaria nº 3.214. Atualmente a NR-9 está em sua décima terceira revisão, publicada em janeiro de 2022. Nela estão estabelecidos os requisitos para a avaliação das exposições ocupacionais a agentes físicos, químicos e biológicos (Brasil, 1978b). Já a NR-12 passou por 22 atualizações, sendo a última publicada em dezembro de 2022. Esta norma define as referências técnicas, princípios fundamentais e medidas de proteção para resguardar a saúde e a integridade física dos trabalhadores e estabelece requisitos mínimos para a prevenção de acidentes e doenças do trabalho nas

fases de projeto e de utilização de máquinas e equipamentos em todo seu processo, desde sua fabricação até sua instalação e uso no ambiente empresarial, inclusive estabelecendo condições de ventilação, estilo de piso, altura e etc., para seu funcionamento ideal, sem expor os trabalhadores a possíveis situações que coloquem seu corpo físico em risco (Brasil, 1978c).

Há ainda a NR-17 cujo objetivo é estabelecer as critérios para a adaptação das condições de trabalho às características psicofisiológicas dos trabalhadores, tendo em vista seu conforto, segurança, saúde e desempenho eficiente no trabalho (Brasil, 1978d). Entretanto, ainda que o termo “psicofisiológicas” esteja presente, os itens que a compõe e são indicados no diagnóstico estão relacionados ao conforto físico, lesões musculares, esforço repetitivo e há um item que trata do período de recuperação e descanso. Para trabalhadores de um grupo específico (trabalhadores de *Checkout*), a norma prevê, uso do nome conforme escolhido pelo trabalhador e a observância de não-constrangimento na obrigação de uso de vestimentas, propagandas ou maquiagem que possam causar constrangimento (Brasil, 1978d).

Estas normas, em conjunto com a NR-5, que estabelece as regras para funcionamento da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes e Assédio (CIPA) e a NR-4 que refere o grau de risco das atividades econômicas, são ou devem ser observadas pelas organizações de trabalho de modo a prevenir riscos para os seus trabalhadores (Brasil, 1978e).

Estas normas e definições aplicam-se a trabalhadores regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e profissionais da administração pública direta e indireta. Para profissionais militares a regulamentação é outra, tratam-se de Cadernos de Instrução do Ministério da Defesa que apresentam orientações para as situações específicas as quais estes profissionais podem estar expostos (Brasil, 2023).

Os riscos em um local de trabalho podem ser somados, ou seja, uma determinada atividade pode expor o trabalhador a determinados riscos físicos, biológicos, químicos, ergonômicos e/ou de acidente e ainda deve-se considerar a frequência da exposição. Existem profissões em que a intensidade e a frequência com a qual são expostos aos riscos de trabalho fazem com que possam ser caracterizadas como profissões de risco crônico. É o caso, por exemplo, de profissionais de segurança pública e, urgência e emergência que acabam por estarem vulneráveis para o adoecimento mental.

Quadro 2 – Tipos de risco segundo a NR-05

Tipo de risco	Definição
Riscos de acidentes	Qualquer fator que coloque o trabalhador em situação vulnerável e possa afetar sua integridade, e seu bem estar físico e psíquico. São exemplos de risco de acidente: as máquinas e equipamentos sem proteção, probabilidade de incêndio e explosão, arranjo físico inadequado, armazenamento inadequado, etc.
Riscos ergonômicos	Qualquer fator que possa interferir nas características psicofisiológicas do trabalhador, causando desconforto ou afetando sua saúde. São exemplos de risco ergonômico: o levantamento de peso, ritmo excessivo de trabalho, monotonia, repetitividade, postura inadequada de trabalho, etc.
Riscos físicos	Consideram-se agentes de risco físico as diversas formas de energia a que possam estar expostos os trabalhadores, tais como: ruído, calor, frio, pressão, umidade, radiações ionizantes e não-ionizantes, vibração, etc.

Riscos Químicos	Consideram-se agentes de risco químico as substâncias, compostos ou produtos que possam penetrar no organismo do trabalhador pela via respiratória, nas formas de poeiras, fumos, gases, neblinas, névoas ou vapores, ou que seja, pela natureza da atividade, de exposição, possam ter contato ou ser absorvido pelo organismo por meio da pele ou por ingestão.
Riscos biológicos	Consideram-se como agentes de risco biológico as bactérias, os vírus, os fungos, os parasitos, entre outros.

Fonte: Brasil, 1978e.

Desde 1984, a OIT e a OMS chamam atenção para a influência dos fatores psicossociais no desencadeamento (ou não) do estresse relacionado ao trabalho (ILO, 1986). Embora atualizações recentes de cada uma das normas e cadernos de instrução, chama atenção que, mesmo com a inclusão do *burnout* como fator que pode levar a doenças relacionadas ao trabalho (Organização Mundial da Saúde, 2022) e com as recorrentes publicações da ONU e da OIT referentes à saúde mental no trabalho, não há o risco psicossocial como um dos tipos de risco a ser prevenido no local de trabalho (ILO, 2016; WHO, 2022; WHO; ILO, 2022). Pelo menos, não diretamente referidos.

Entretanto, quando se consideram as definições de risco ocupacional, apresentadas no Quadro 1, percebe-se que há espaço para que sejam levados em consideração fatores psicossociais como fatores de risco ocupacional. Mas, quais são, então, os fatores psicossociais de risco?

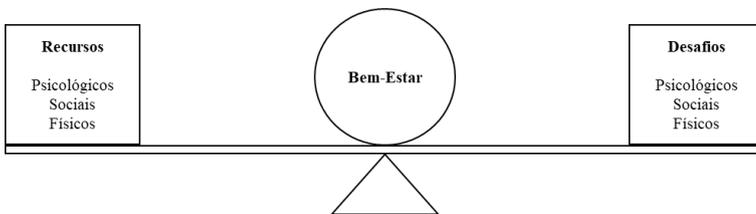
A OIT define os fatores psicossociais do trabalho como fatores presentes na interação entre o trabalho (ambiente, satisfação e condições da organização) e as capacidades do trabalhador (necessidades, cultura, sua situação externa ao trabalho) (ILO, 1986). Dados empíricos indicam que, de um lado, estudos direcionados a patogênese e prevenção de doenças direcionam seu

foco para os riscos psicossociais, enquanto estudos direcionados à salutogênese e promoção da saúde se voltam para os vários fatores, suas correlações e, conseqüentemente, suas implicações na qualidade de vida no trabalho (Vazquez; Pianezolla; Hutz, 2018).

Fatores psicossociais e bem-estar

No intuito de apresentar uma definição operacional de bem-estar que possa nortear este estudo e a compreensão da dinâmica entre fatores psicossociais ocupacionais de proteção e de risco, retomamos a Teoria do Equilíbrio Dinâmico do Bem-estar, ou Teoria do Ponto de Ajuste, ilustrada na Figura 1 (Dodge *et al.*, 2012). Nessa teoria, os autores propõem que o bem-estar seja considerado um estado – uma condição de um sistema em que as qualidades essenciais são relativamente estáveis (Dodge *et al.*, 2012). Dentre os principais pressupostos desta teoria, estão: 1) a ideia principal de um ponto definido para o bem-estar; 2) a inevitabilidade do equilíbrio/homeostase; e 3) o estado fluutuante entre desafios e recursos, propondo que o bem-estar é o ponto de equilíbrio entre a *pool* de recursos de um indivíduo e os desafios enfrentados (Dodge *et al.*, 2012).

Figura 1 – Definição de bem-estar: Teoria do equilíbrio dinâmico



Fonte: Adaptado de Dodge *et al.*, 2012.

Nos recursos podem estar considerados os fatores psicossociais, as estratégias de enfrentamento, as características e condições do contexto de trabalho que são valorizadas pelos in-

divíduos com base em suas vivências, na cultura – organizacional ou não – e nas entregas laborais (Dodge *et al.*, 2012; Hobfoll, 1989). Quando presentes podem ser considerados fatores psicossociais protetivos, por meio dos quais a carga estressora das exigências do trabalho pode ser mitigada.

Os desafios, por sua vez, estão relacionados aos fatores psicossociais de risco. Para um fator psicossocial ser considerado um fator de risco, os elementos do ambiente de trabalho e às interações sociais presentes resultam em um impacto negativo na saúde mental e no bem-estar dos trabalhadores. Nesse sentido, as condições de trabalho, sejam elas físicas, psicológicas ou sociais sobrecarregam o trabalhador, que não encontra recursos suficientes para lidar com elas, causando um desequilíbrio nesse sistema (Dodge *et al.*, 2012).

Os fatores psicossociais relacionados ao trabalho podem ser divididos em três categorias: fatores pessoais, ou seja, fatores relacionados ao trabalhador; fatores internos ao trabalho, ou seja, fatores que estão presentes na rotina e contexto laboral e fatores externos ao trabalho, ou seja, fatores presentes na rotina e no contexto sociocultural do trabalhador fora da organização (Zanelli; Kanan, 2018).

Figura 2 – Fatores psicossociais relacionados ao trabalho

Fatores psicossociais do Indivíduo	Fatores psicossociais da Organização	Fatores psicossociais do Contexto Sociocultural
<ul style="list-style-type: none"> • Características demográficas • Características da personalidade • Autoconhecimento • Humor • Habilidades sociais • Estilo, significado e sentido de vida • Espiritualidade • Outros 	<ul style="list-style-type: none"> • Condições do ambiente de trabalho • Condições das tarefas • Condições do grupo de trabalho • Condições da organização • Outros 	<ul style="list-style-type: none"> • Situação econômica pessoal/familiar • Relacionamento conjugal e familiar • Qualidade de assistência à saúde • Acesso à educação e recreação • Rede de apoio social • Participação em grupos comunitários • Situação política e econômica da localidade, do país, do mundo • Outros

Fonte: Adaptado de Zanelli; Kanan, 2018.

Ocupações cujo estilo de trabalho podem causar estresse, ansiedade, depressão esgotamento emocional ou outros problemas relacionados à saúde mental devido às demandas estressoras e exigências do trabalho são ocupações cujo risco psicológico se faz presente. Esses riscos podem variar de acordo com as condições pessoais de cada trabalhador, os recursos disponíveis para lidar com as demandas e as estratégias de enfrentamento utilizadas eles (Costa; Chambel; Larentis, 2023; Hobfoll *et al.*, 2018; Malek *et al.*, 2020)conservation of resources (COR. Ou seja, profissionais que atuam sob tais condição têm em seu contexto de trabalho uma série de fatores psicossociais que afetam sua saúde mental e bem-estar. Esses fatores variam dependendo do tipo de trabalho e dos riscos envolvidos, podendo ser fatores protetivos ou de risco (Regoli; Hewitt; Delisi, 2011). Alguns são comumente referidos na literatura, como exposto a seguir, outros precisarão ser elucidados a partir do diagnóstico dos riscos ocupacionais, previsto nas instruções normativas referidas.

Fatores psicossociais e profissões de risco

O trabalho de polícia, bombeiros e serviços médicos de emergência requer aptidão física, destreza técnica e bem-estar psicológico. Essa combinação de características é necessária para sobreviver às situações estressantes de emergência inerentes a estas profissões (Ângelo; Chambel, 2015; Reynolds; Wagner, 2007). O combate a incêndios, por exemplo, é frequentemente relatado como uma ocupação altamente estressante (Rodrigues et al., 2018), haja vista sua imprevisibilidade e riscos físicos, químicos e emocionais que podem resultar em danos permanentes (Cowlshaw et al., 2020; Staley; Weiner, 2011; Young et al., 2014).

Os profissionais que atuam no atendimento de ocorrências, urgências e emergências podem sofrer mais estresse no trabalho do que os trabalhadores não emergenciais, isso porque suas funções e responsabilidades de trabalho estão dentre as mais perigosas, além de serem psicológica e fisicamente exigentes (Setti;

Argentero, 2015; Smith et al., 2018). Além de sua orientação de emergência, serviço comunitário e códigos profissionais rigorosos, esses cargos exigem resistência física, competência técnica substancial e a capacidade de executar rápidas tomadas de decisão ligadas a consequências muito sérias (Reynolds; Wagner, 2007). Pesquisas recentes realizadas com este grupo de profissionais adotam como foco principal, para os fatores de risco, àqueles relacionados ao trabalho, enquanto que estudos com foco nos fatores protetivos, estudam majoritariamente fatores psicossociais pessoais e do contexto organizacional (quadros 3 e 5). Com foco nas características do contexto de trabalho, dados empíricos de pesquisas com profissionais que atuam sob condição de risco identificam uma série de fatores organizacionais de risco psicossocial, sintetizados no quadro 3, que podem ser encarados como demandas de trabalho altamente estressoras:

Quadro 3 – Fatores organizacionais de risco psicossocial

Demandas de trabalho estressoras	Referência
Carga de trabalho elevada e circunstâncias exigentes (demandas elevadas, alta concentração)	Cendales-ayala <i>et al.</i> (2017); Clauss <i>et al.</i> (2018); Chadwick e Raver, (2019); Sianoja <i>et al.</i> (2018)
Carga horária excessiva ou irregular	Duran, Bishopp e Woodhams (2019); Bartlett <i>et al.</i> (2019)
Condições de trabalho desfavoráveis	Chitra e Karunanidhi (2018); Bartlett <i>et al.</i> (2019)
Conflito, ambiguidade e/ou sobrecarga de papéis	Barling e Frone (2017); Bartlett <i>et al.</i> (2019); Matthews e Ritter (2019)
Pressão de tempo	Clauss <i>et al.</i> (2018); Körner <i>et al.</i> (2019); Chirico <i>et al.</i> (2020)
Pouco ou nenhum controle do trabalho	Cendales-Ayala <i>et al.</i> (2017); Bartlett <i>et al.</i> (2019)

Conflitos e dificuldades em relacionamentos interpessoais	Bartlett <i>et al.</i> (2019); Duran, Bishopp e Woodhams (2019)
Tarefas que exigem relacionamento ou interdependência entre setores	Burke (2020)
Falta de oportunidade percebida	Bartlett <i>et al.</i> (2019)
Falta de treinamento adequado	Körner <i>et al.</i> (2019)
Desequilíbrio entre esforço e recompensa	Bartlett <i>et al.</i> (2019)
Estresse Relacionado ao supervisor	Chitra e Karunanidhi (2018)
Abuso/tratamento desrespeitoso ou agressivo de clientes e pacientes	Clauss <i>et al.</i> (2018)
Percepção/avaliação negativa da comunidade (autoimagem)	Burke (2020)
Desaceleração ou interrupção do processo de trabalho	Körner <i>et al.</i> (2019)
Percepção de Injustiças	Bartlett <i>et al.</i> (2019)
Trabalhos em condições de risco ou cujas interações são perigosas e angustiantes	Chitra e Karunanidhi (2018); Burke (2020)
Violação do contrato psicológico	Duran, Bishopp e Woodhams (2019)
Regulação emocional/supressão das emoções	Wang <i>et al.</i> (2019)
Experiência de emoções negativas como raiva e frustração	Eatough <i>et al.</i> (2016); Duran, Bishopp e Woodhams (2019)
Isolamento	Bartlett <i>et al.</i> (2019)
Tensão e incômodos operacionais	Chitra e Karunanidhi (2018); Sianoja <i>et al.</i> (2018)
Desgaste	Arnold <i>et al.</i> (2015); Eatough <i>et al.</i> (2016)
Continuar pensando no trabalho ao sair dele	Sianoja <i>et al.</i> (2018)
Fatores externos que impactam no trabalho, como conflitos conjugais	Grandey e Melloy (2017); Chitra e Karunanidhi (2018)

Fonte: Elaborado pela autora.

A exposição frequente e intensa a esses estressores pode ocasionar um conjunto de sintomas físicos, psicológicos e comportamentais que impactam a vida e a saúde pessoal e organizacional destes trabalhadores. As principais consequências da exposição à essas demandas estressoras estão sintetizadas no quadro 4:

Quadro 4 – Consequentes da exposição frequente aos fatores de risco

Sintomas fisiológicos	Referência
Aumento da pressão arterial e frequência cardíaca e outras doenças cardiovasculares	Johnston <i>et al.</i> (2016); Bartlett <i>et al.</i> (2019); Bostock <i>et al.</i> (2019)
Diabetes tipo 2	Bostock <i>et al.</i> (2019)
Vulnerabilidade imunológica	Bartlett <i>et al.</i> (2019)
Sintomas psicológicos	Referência
Agressividade	Bartlett <i>et al.</i> (2019)
Alterações de Humor	Johnston <i>et al.</i> (2016)
Angústia e sofrimento psicológico	Bartlett <i>et al.</i> (2019); Chadwick e Raver (2019); Burke (2020); Chirico <i>et al.</i> (2020)
Ansiedade	Chitra e Karunanidhi, (2018); Bartlett <i>et al.</i> (2019); Bostock <i>et al.</i> (2019); Duran, Bishopp e Woodhams (2019); Sprigg <i>et al.</i> (2019); Burke, (2020) e Chirico <i>et al.</i> (2020)
Baixo controle emocional	Wang <i>et al.</i> (2019)
Cinismo, despersonalização e outros comportamentos desadaptativos	Dreison <i>et al.</i> (2018); Burke (2020); Chirico <i>et al.</i> (2020)
Depressão	Eatough <i>et al.</i> (2016); Chitra e Karunanidhi (2018); Bartlett <i>et al.</i> (2019); Bostock <i>et al.</i> (2019); Duran, Bishopp e Woodhams (2019); Sprigg <i>et al.</i> (2019); Burke (2020); Chirico <i>et al.</i> (2020)
Déficit de atenção	Bartlett <i>et al.</i> (2019)
Exaustão Emocional	Clauss <i>et al.</i> (2018); Dicke <i>et al.</i> (2018); Dreison <i>et al.</i> (2018); Bartlett <i>et al.</i> (2019); Sprigg <i>et al.</i> (2019); Chirico <i>et al.</i> (2020)
Fadiga Psicológica/ esgotamento do ego	Barling e Frone (2017); Sianoja <i>et al.</i> (2018); Bartlett <i>et al.</i> (2019); Wang <i>et al.</i> (2019)

Realização e eficácia pessoal reduzida	Dreison <i>et al.</i> (2018)
Sintomas comportamentais organizacionais	Referência
Altas taxas de absenteísmo, rotatividade e intensão de sair da empresa	Dreison <i>et al.</i> (2018); Bartlett <i>et al.</i> (2019); Duran; Bishopp e Woodhams (2019); Matthews; Ritter, (2019); Chirico <i>et al.</i> (2020)
Impacto negativo no atendimento	Dreison <i>et al.</i> (2018); Chirico <i>et al.</i> (2020)
Desempenho aquém do desejável	Duran, Bishopp e Woodhams (2019); Burke (2020); Chirico <i>et al.</i> (2020)
Incivilidade e comportamentos contraproducentes	Eatough <i>et al.</i> , (2016); Grandey e Melloy (2017); Matthews e Ritter (2019)

Fonte: Elaborado pela autora.

As profissões cujo risco é constante e eminente, por suas características, nem sempre permitem atuação direta na diminuição das suas demandas. Geralmente há poucas possibilidades de controle prévio, além de terem que lidar, constantemente, com imprevistos que são urgentes e precisam de atuação rápida e esforço físico e cognitivo. O que muitas vezes, pode fazer a diferença na vida ou no óbito de pessoas envolvidas. Sendo assim, considerando a Teoria do Equilíbrio dinâmico, há que se pensar nos recursos, ou seja, nos fatores psicossociais protetivos, sejam do indivíduo, do contexto organizacional ou de seu contexto sociocultural, que podem ser passíveis de intervenção e podem melhorar a resposta dos profissionais frente ao estresse.

Novamente trazendo dados empíricos, o quadro 5, sintetiza alguns destes fatores protetivos, bem como, as consequências de sua presença, seja para o indivíduo ou para seu comportamento organizacional:

Quadro 5 – Fatores psicossociais protetivos e suas consequências para o trabalhador

Fatores Psicossociais de Proteção - Indivíduo	Referência
Autoconsciência	Chitra e Karunanidhi (2018)

Autocontrole	Chitra e Karunanidhi (2018)
Autoeficácia	Clauss et al. (2018); Dicke et al. (2018); Warr, (2018); Bostock et al. (2019); Duran, Bishopp e Woodhams (2019)
Autoestima	Eatough <i>et al.</i> (2016)
Bom relacionamento interpessoal	Chitra e Karunanidhi (2018); Wang <i>et al.</i> (2019)
Crença das pessoas sobre o estresse	Keech <i>et al.</i> (2020)
Equidade	Duran, Bishopp e Woodhams (2019)
Esperança	Clauss <i>et al.</i> (2018)
Espiritualidade	Chirico <i>et al.</i> (2020)
Gerenciamento emocional	Chitra e Karunanidhi (2018)
Otimismo	Clauss <i>et al.</i> (2018); Sprigg <i>et al.</i> (2019)
Pontos fortes de caráter	Duran, Bishopp e Woodhams (2019)
Recursos sociais	Wang <i>et al.</i> (2019)
Resiliência	Chitra e Karunanidhi (2018); Dicke et al. (2018); Matthews e Ritter (2019)
Fontes Psicossociais de Proteção – contexto Organizacional	Referência
Percepção de justiça no trabalho	Duran, Bishopp e Woodhams (2019)
Períodos de descanso/ relaxamento/ descontração/ meditação/exercícios	Sonnentag, Venz e Casper (2017); Sianoja <i>et al.</i> (2018); Pang e Ruch (2019)
Amplitude de decisão/controle do trabalho	Cendales-Ayala <i>et al.</i> (2017)
Apoio Social/Apoio do Supervisor	Chadwick; Raver (2019); Sprigg <i>et al.</i> (2019)
Experiências positivas no trabalho e diversão	Clauss <i>et al.</i> (2018); Sianoja <i>et al.</i> (2018)
Equilíbrio entre vida pessoal e profissional	Bartlett <i>et al.</i> (2019)
Níveis baixos de exaustão e fadiga	Clauss <i>et al.</i> (2018)

Desapego psicológico (ao final da jornada de trabalho); recuperação	Sianoja <i>et al.</i> (2018); Sonnentag, Venz e Casper (2017)
Sintomas pessoais	Referência
Atitude positiva em relação a si, ao trabalho e vida	Chitra e Karunanidhi (2018)
Comportamentos pró-sociais (ajudar os colegas, demonstrar compaixão)	Bostock <i>et al.</i> (2019)
Satisfação com a vida	Bartlett <i>et al.</i> (2019)
Saúde Mental Geral	Barling e Frone (2017)
Saúde Psicológica	Bostock <i>et al.</i> (2019)
Vitalidade	Chitra e Karunanidhi (2018); Bartlett <i>et al.</i> (2019)
Consequências organizacionais	Referência
Comprometimento afetivo/Comprometimento Organizacional	Barling e Frone (2017); Dicke <i>et al.</i> (2018); Matthews e Ritter (2019)
Engajamento	Dicke <i>et al.</i> (2018)2014; Chirico <i>et al.</i> (2020)
Satisfação no trabalho	Eatough <i>et al.</i> (2016); Barling e Frone, (2017); Chitra e Karunanidhi (2018); Pang e Ruch (2019); Chirico et al. (2020)
Níveis de exaustão e fadiga baixos	Clauss <i>et al.</i> (2018)
Redução do Turnover	Pang e Ruch (2019)
Melhoria no desempenho das tarefas	Pang e Ruch (2019)
Atitude geral de trabalho positiva	Barling e Frone (2017); Chitra e Karunanidhi (2018)

Fonte: Elaborado pela autora.

Os quadros 3, 4 e 5 ilustram dados de pesquisas recentes que destacam alguns dos fatores psicossociais presentes na rotina de profissões vulneráveis ao risco de adoecimento mental,

para elucidar suas conseqüências, sejam em direção ao estresse e adoecimento mental, sejam em direção ao bem-estar. O que demonstra a relação dos fatores psicossociais com a saúde ocupacional e, portanto, a sua evidente relação com o adoecimento ou com a promoção da saúde dos profissionais.

Considerações finais

Os empregos com risco psicológico se referem a ocupações que podem causar estresse, ansiedade, depressão, esgotamento ou outros problemas de saúde mental devido às demandas e pressões do trabalho. Esses riscos podem variar de acordo com a pessoa e sua capacidade de lidar com o estresse, mas alguns tipos de empregos geralmente apresentam um maior risco psicológico, tais como: profissionais de saúde, urgência e emergência, segurança pública e combate à incêndios, atendimento público, *call-center*, profissionais de finanças e professores.

Embora tenham maior propensão à exposição de fatores de risco psicológico, a percepção de risco e resposta ao estresse pode variar dependendo da cultura organizacional, das condições de trabalho e da capacidade de gestão do estresse de cada indivíduo.

As normas regulamentadoras, especificamente àquelas que preveem o diagnóstico e gestão dos fatores de risco ocupacionais, tem como uma de suas premissas a elucidação de tais fatores para os trabalhadores, bem como a proposição e agência sobre eles, tendo em vista a mitigação dos riscos e a promoção da saúde. É importante que os empregadores estejam cientes desses riscos e tomem medidas para promover um ambiente de trabalho saudável e apoiar a saúde mental de seus funcionários.

Para respaldar e pressionar a atenção aos fatores psicossociais, o avanço científico relacionado a esses temas é imprescindível e deve ser reconhecido como meio de avançar em políticas e práticas de saúde mental no trabalho e para fortalecimento e manutenção da dignidade no trabalho.

Ainda que alguns fatores psicossociais possam estar no campo individual e subjetivo, relacionado ao contexto e contingências particulares dos trabalhadores, há fatores já frequentemente mencionados em estudos científicos e que podem ser observados no contexto de trabalho e, portanto, podem compor o mapa de riscos do trabalho, tais como: 1) baixo controle do trabalho; 2) vigília constante e prontidão; 3) privação de sono; 4) exposição a incidentes traumáticos repetidos; 5) escalas de horário intermitentes; 6) trabalho com isolamento social; e 7) atuar sob pressão social (público).

Tendo os fatores psicossociais de risco mapeados, há possibilidade de atuação para sua mitigação e prevenção. Quando não diretamente, por meio da promoção dos fatores psicossociais protetivos. Além disso, os trabalhadores podem ser incentivados a buscar ajuda quando necessário e adotar estratégias de autocuidado para gerenciar o estresse no trabalho.

Referências

ÂNGELO, R. P.; CHAMBEL, M. J. The reciprocal relationship between work characteristics and employee burnout and engagement: a longitudinal study of firefighters. **Stress and health: journal of the International Society for the Investigation of Stress**, Faculdade de Psicologia, University of Lisbon, Lisbon, Portugal, v. 31, n. 2, p. 106-114, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/smi.2532>.

ARNOLD, K. A. *et al.* Leadership styles, emotion regulation, and burnout. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 20, n. 4, p. 481-490, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/a0039045>.

BARLING, J.; FRONE, M. R. If Only my Leader Would just Do Something! Passive Leadership Undermines Employee Well-being Through Role Stressors and Psychological Resource Depletion. **Stress and Health**, v. 33, n. 3, p. 211-222, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/smi.2697>.

BARTLETT, L. *et al.* A systematic review and meta-analysis of workplace mindfulness training randomized controlled trials. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 24, n. 1, p. 108-126, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/ocp0000146>.

BOSTOCK, S. *et al.* Mindfulness on-the-go: Effects of a mindfulness meditation app on work stress and well-being. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 24, n. 1, p. 127-138, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/ocp0000118>.

BRASIL. **NR 01 – Disposições Gerais e Gerenciamento de Riscos Ocupacionais**. Brasília, 1978a. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/acao-a-informacao/participacao-social/conselhos-e-orgaos-colegiados/comissao-tripartite-partitaria-permanente/normas-regulamentadora/normas-regulamentadoras-vigentes/nr-1>. Acesso em: 22 set. 2023.

BRASIL. **NR 09 – Programa de Prevenção de Riscos Ambientais**. Brasília, 1978b. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/acao-a-informacao/participacao-social/conselhos-e-orgaos-colegiados/comissao-tripartite-partitaria-permanente/normas-regulamentadora/normas-regulamentadoras-vigentes/norma-regulamentadora-no-9-nr-9>. Acesso em: 22 set. 2023.

BRASIL. **NR 12 – Segurança no Trabalho em Máquinas e Equipamentos**. 1978c. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/acao-a-informacao/participacao-social/conselhos-e-orgaos-colegiados/comissao-tripartite-partitaria-permanente/arquivos/normas-regulamentadoras/nr-12-atualizada-2022.pdf/view>. Acesso em: 22 set. 2023.

BRASIL. **NR 17 – Ergonomia**. 1978d. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/acao-a-informacao/participacao-social/conselhos-e-orgaos-colegiados/comissao-tripartite-partitaria-permanente/normas-regulamentadora/normas-regulamentadoras-vigentes/norma-regulamentadora-no-17-nr-17>. Acesso em: 22 set. 2023.

BRASIL. **NR 05 – Comissão Interna de Prevenção de Acidentes**. Brasília, 1978e. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/acao-a-informacao/participacao-social/conselhos-e-orgaos-colegiados/comissao-tripartite-partitaria-permanente/normas-regulamentadora/normas-regulamentadoras-vigentes/norma-regulamentadora-no-9-nr-9>. Acesso em: 22 set. 2023.

BRASIL. **Cadernos de Instrução**. 2023. Disponível em: [http://www.sgex.eb.mil.br/sg8/004_documentos_instrucao/01_cadernos_de_instrucao\(ci\)/cadernos_de_instrucao\(ci\).html](http://www.sgex.eb.mil.br/sg8/004_documentos_instrucao/01_cadernos_de_instrucao(ci)/cadernos_de_instrucao(ci).html). Acesso em: 23 set. 2023.

BURKE, K. C. Democratic Policing and Officer Well-Being. **Frontiers in Psychology**, v. 11, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.00874>.

CENDALES-AYALA, B. *et al.* Bus operators' responses to job strain: An experimental test of the job demand-control model. **Journal of**

Occupational Health Psychology, v. 22, n. 4, p. 518-527, 2017.
Disponível em: <https://doi.org/10.1037/ocp0000040>.

CHADWICK, I. C.; RAVER, J. L. Not for the faint of heart? A gendered perspective on psychological distress in entrepreneurship. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 24, n. 6, p. 662-674, 2019.
Disponível em: <https://doi.org/10.1037/ocp0000157>.

CHIRICO, F. Il burnout è una sindrome o una malattia professionale? Istruzioni per i medici del lavoro. **Epidemiologia e prevenzione**, v. 41, n. 5-6, p. 294-298, 2017. Disponível em: <https://doi.org/https://doi.org/10.19191/ep17.5-6.p294.089>.

CHIRICO, F. *et al.* Spirituality and Prayer on Teacher Stress and Burnout in an Italian Cohort: A Pilot, Before-After Controlled Study. **Frontiers in Psychology**, v. 10, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02933>.

CHITRA, T.; KARUNANIDHI, S. The Impact of Resilience Training on Occupational Stress, Resilience, Job Satisfaction, and Psychological Well-being of Female Police Officers. **Journal of Police and Criminal Psychology**, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11896-018-9294-9>.

CLAUSS, E. *et al.* Promoting personal resources and reducing exhaustion through positive work reflection among caregivers. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 23, n. 1, p. 127-140, 2018.
Disponível em: <https://doi.org/10.1037/ocp0000063>.

COSTA, L. F. da; CHAMBEL, M. J.; LARENTIS, F. Adaptação e validação da Escala de Demandas Profissionais de Bombeiros Militares Brasileiros (EDP-BM-BR). **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. in press, 2023.

COWLISHAW, S. *et al.* Prevalence and implications of gambling problems among firefighters. **Addictive Behaviors**, v. 105, p. 106326, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2020.106326>.

DICKE, T. *et al.* A longitudinal study of teachers' occupational well-being: Applying the job demands-resources model. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 23, n. 2, p. 262-277, 2018.
Disponível em: <https://doi.org/10.1037/ocp0000070>.

DODGE, R. *et al.* The challenge of defining wellbeing. **International Journal of Wellbeing**, v. 2, n. 3, p. 222-235, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5502/ijw.v2i3.4>.

DREISON, K. C. *et al.* Job burnout in mental health providers: A meta-analysis of 35 years of intervention research. **Journal of Occupational**

Health Psychology, v. 23, n. 1, p. 18-30, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/ocp0000047>.

DURAN, F.; BISHOPP, D.; WOODHAMS, J. Relationships between psychological contract violation, stress and well-being in firefighters.

International Journal of Workplace Health Management, v. 12, n. 3, p. 120-133, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/IJWHM-09-2018-0114>.

EATOUGH, E. M. *et al.* You want me to do what? Two daily diary studies of illegitimate tasks and employee well-being. **Journal of Organizational Behavior**, v. 37, n. 1, p. 108-127, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/job.2032>.

GRANDEY, A. A.; MELLOY, R. C. The state of the heart: Emotional labor as emotion regulation reviewed and revised. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 22, n. 3, p. 407-422, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/ocp0000067>.

HOBFOLL, S. E. Conservation of Resources: A New Attempt at Conceptualizing Stress. **American Psychologist**, v. 44, n. 3, p. 513-524, 1989. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0003-066X.44.3.513>.

HOBFOLL, S. E. *et al.* Conservation of Resources in the Organizational Context: The Reality of Resources and Their Consequences. **Annu. Rev. Organ. Psychol. Organ. Behav.**, v. 5, n. November 2017, p. 1-26, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev-orgpsych>.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANISATION (ILO).

Psychosocial factors at work: recognition and control. Report of the Joint ILO/WHO Committee on Occupational Health. Genebra, Suíça: 1986. Disponível em: http://www.ilo.org/public/libdoc/ilo/1986/86B09_301_engl.pdf.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANISATION (ILO). **Estrés en el trabajo: un reto colectivo.** Genebra, Suíça, 2016. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_protect/---protrav/---safework/documents/publication/wcms_466549.pdf.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANISATION (ILO).

Employment, unemployment, labour market, wage, minimum wage, gender pay gap, labour statistics, working conditions, Latin America, Central America, the Caribbean. Regional Office for Latin America and the Caribbean, 2022. 238 p.

JOHNSTON, D. *et al.* Stressors, Appraisal of Stressors, Experienced Stress and Cardiac Response: A Real-Time, Real-Life Investigation of Work Stress in Nurses. **Annals of Behavioral Medicine**, v. 50, n. 2, p. 187-197, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12160-015-9746-8>.

KEECH, J. J. *et al.* The association between stress mindset and physical and psychological wellbeing: testing a stress beliefs model in police officers. **Psychology & Health**, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/08870446.2020.1743841>.

KÖRNER, U. *et al.* Perceived stress in human-machine interaction in modern manufacturing environments – Results of a qualitative interview study. **Stress and Health**, v. 35, n. 2, p. 187-199, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/smi.2853>.

MALEK, M. D. A. *et al.* The Moderating Effect of Coping Strategies on Job Satisfaction and Psychological Wellbeing Among Fire Fighters. **Talent Development & Excellence**, v. 12, n. 2, p. 2600-2607, 2020.

MATTHEWS, R. A.; RITTER, K.-J. Applying adaptation theory to understand experienced incivility processes: Testing the repeated exposure hypothesis. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 24, n. 2, p. 270-285, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/ocp0000123>.

MICHEL, J. S. *et al.* A meta-analytic validation study of the Shirom-Melamed burnout measure: Examining variable relationships from a job demands-resources perspective. **Journal of Occupational Health Psychology**. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/ocp0000334>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Classificação Internacional de Doenças – 11ª Revisão (CID-11)**. 11. ed. OMS, 2022. *E-book*. Disponível em: <https://www.who.int/classifications/classification-of-diseases>.

PANG, D.; RUCH, W. Fusing character strengths and mindfulness interventions: Benefits for job satisfaction and performance. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 24, n. 1, p. 150-162, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/ocp0000144>.

REGOLI, R. M.; HEWITT, J. D.; DELISI, M. **Delinquency in Society: The Essentials**. Jones & Bartlett Publishers, 2011. *E-book*.

REYNOLDS, C. A.; WAGNER, S. L. Stress and First Responders: The Need for a Multidimensional Approach to Stress Management. **International Journal of Disability Management**, v. 2, n. 2, p. 27-36, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1375/jdmr.2.2.27>.

RODRIGUES, S. *et al.* Stress among on-duty firefighters: an ambulatory assessment study. **PeerJ**, v. 6, p. e5967, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.7717/peerj.5967>.

SELIGMAN, M. E. P. **Authentic happiness: Using the new positive psychology to realize your potential for lasting fulfillment**. New York: Free Press, 2002. *E-book*.

SETTI, I.; ARGENTERO, P. **Well-being among volunteer firefighters: Mindfulness as psychological resource.** Università Degli Studi di Pavia, Unità di Psicologia Applicata, Italy: 2015.

SIANOJA, M. *et al.* Enhancing daily well-being at work through lunchtime park walks and relaxation exercises: Recovery experiences as mediators. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 23, n. 3, p. 428-442, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/ocp0000083>.

SMITH, B. W.; FORD, C. G.; STEFFEN, L. E. The Role of Mindfulness in Reactivity to Daily Stress in Urban Firefighters. **Mindfulness**, v. 10, n. 8, p. 1603-1614, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12671-019-01102-0>.

SMITH, T. D. *et al.* **Assessment of relationships between work stress, work-family conflict, burnout and firefighter safety behavior outcomes.** Indiana University School of Public Health – Bloomington, Department of Applied Health Science, Bloomington, IN, United States: 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ssci.2017.12.005>.

SONNENTAG, S.; VENZ, L.; CASPER, A. Advances in recovery research: What have we learned? What should be done next? **Journal of Occupational Health Psychology**, [S. l.], v. 22, n. 3, p. 365-380, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/ocp0000079>.

SPRIGG, C. A. *et al.* Witnessing workplace bullying and employee well-being: A two-wave field study. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 24, n. 2, p. 286-296, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/ocp0000137>.

STALEY, J. A.; WEINER, B. **Firefighter fitness, coronary heart disease, and sudden cardiac death risk.** Department of Health Policy and Management, College of Public Health, Kent State University, Kent, OH, United States: 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.5993/AJHB.35.5.9>.

VAZQUEZ, A. C. S.; PIANEZOLLA, M.; HUTZ, C. S. Assessment of psychosocial factors at work: A systematic review. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 35, n. 1, p. 5-13, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02752018000100002>.

WANG, Z. *et al.* Emotion regulation in supervisory interactions and marital well-being: A spillover-crossover perspective. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 24, n. 4, p. 467-481, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/ocp0000150>.

WARR, P. Self-employment, personal values, and varieties of happiness-unhappiness. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 23, n. 3, p. 388-401, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/ocp0000095>.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **World mental health report: Transforming mental health for all**. 2022. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>.

WORLD HEALTH ORGANIZATION; INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION (WHO; ILO). **Mental health at work: policy brief**. Geneva, 2022.

YOUNG, P. M. *et al.* **Stressors and coping strategies of UK firefighters during on-duty incidents**. Department of Sport, Exercise and Rehabilitation, Faculty of Health and Life Sciences, Northumbria University, Newcastle upon Tyne, United Kingdom: [s. n.], 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/smi.2616>.

ZANELLI, J. C.; KANAN, L. A. **Fatores de risco, proteção psicossocial e trabalho: organizações que emancipam ou que matam**. Lages: UNIPLAC, 2018. *E-book*.

INTERVENÇÕES NO CONTEXTO DE TRABALHO *dos profissionais de segurança pública*

*Alexandra Carol Cioato
Eder Leonardo De Vitte Horn
João Ignacio Pires Lucas
Manoela Todeschini Ferreira
Luana Folchini da Costa*

Introdução

A categoria dos Profissionais de Segurança Pública (PSP) inclui os agentes penitenciários, paramédicos, operadores de emergência, bombeiros e policiais (Carleton *et al.*, 2018b). Por frequentemente estarem expostos a eventos traumáticos durante a atuação profissional, os PSP apresentam maior probabilidade de desenvolverem transtornos mentais que a população geral (Carleton *et al.*, 2018b; Carleton *et al.*, 2019). Especificamente, policiais e funcionários de serviços de emergência apresentam taxas mais elevadas de problemas de saúde mental que a população geral (Kyron *et al.* 2021). Dentre os riscos presentes na atuação laboral dos PSP, alguns estudos apontam para uma alta prevalência de Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT), ideação e tentativa de suicídio, transtorno depressivo maior, transtorno de ansiedade generalizada, transtorno do pânico e ansiedade social nessa população (Berger *et al.*, 2012; Carleton *et al.*, 2018a; Di Nota *et al.*, 2020). Além do estresse e dos eventos que ocorrem durante a atuação dos PSP, outros estudos

apontam para a presença de estresse no período que precede o turno de trabalho (Anderson; Litztenberger; Plecas, 2002).

Apesar dos altos níveis de transtornos mentais e riscos presentes na profissão dos PSP, a procura por tratamento nessa população é baixa (Haugen *et al.*, 2017). Ainda que esses profissionais estejam inseridos em um ambiente exigente, sua saúde mental pode ser preservada. Estratégias bem elaboradas, intervenções que levem em consideração aspectos individuais e organizacionais e medidas proativas tomadas internamente são exemplos de boas práticas para a população de PSP (Gupta; Upadhyay; Malik, 2023). Especificamente, treinamento adequado em *mindfulness*, intervenções baseadas em *mindfulness*, liderança de apoio e eliminação de comportamentos evitativos são modelos de intervenções que podem ajudar a garantir a saúde mental destes profissionais (Gupta; Upadhyay; Malik, 2023).

Diante das altas taxas e do risco constante de exposição a traumas, torna-se imperativo que tais organizações avaliem suas políticas e programas de apoio à saúde mental de seus funcionários (Kyron *et al.* 2021). Levando em consideração a importância da temática do cuidado em saúde mental na população dos PSP, o presente capítulo possui como objetivo descrever intervenções que foram identificadas em artigos publicados em periódicos científicos e que tiveram como população-alvo os PSP.

Método

Para identificar as intervenções de saúde mental realizadas pelas organizações, foi realizada uma busca nas bases de dados *Scopus* e *Web of Science* com os descritores “*public safety professionals*” or “*public security professionals*” or “*firefighters*” or “*police*” (Tópico) and “*mental health*” (Palavras-chave) and *intervention* (Tópico). Os critérios de inclusão dos artigos foram: ter sido publicados em periódicos das áreas de conhecimento

de “*Psychology*”, “*Business, management and accounting*” e, em alguns casos, também, “*Social Sciences*”, as quais têm relação com este estudo; serem publicados em inglês, português e espanhol, no período de 2018 a 2023. A busca resultou em *Scopus* = 123 artigos, *WOS* = 36 artigos, eliminando os artigos repetidos totalizou 137 artigos. Após, foi realizada análise dos resumos identificando as informações/referências dos artigos; tema; objetivos; metodologia; público alvo e principais resultados. Para a inclusão ou exclusão dos artigos teve como critério os estudos estarem relacionados com suicídio e estratégias de promoção de saúde e prevenção ao suicídio em profissionais de segurança pública. A análise resultou em 18 artigos para o estudo, sendo separados em duas categorias: artigos de avaliação de intervenções para saúde mental dos PSPs e artigos que apresentam intervenções práticas para promoção da saúde ou prevenção ao estresse ou suicídio de PSPs. A seguir serão apresentados os resultados obtidos a partir dos artigos analisados.

Resultados

Os dados referentes às intervenções encontrados nos artigos pesquisados na base de dados conforme explicitado no método, foram analisados e posteriormente descritos no quadro 1, contendo autor(es), ano de publicação, título do artigo e as intervenções informadas em cada um deles.

Quadro 1 – Artigos analisados, respectivos autores e intervenções/ programas encontrados.

CATEGORIA: Artigo de avaliação de intervenções para saúde mental dos PSPs		
Autor(es)/Ano	Título do artigo	Intervenções/Programas/ Estratégias usadas
Thoen, M. A.; Dodson, L. E.; Manzo, G.; Piña-Watson, B.; Trejos-Castillo, E. (2020)	Agency-offered and officer-utilized suicide prevention and wellness programs: A national study.	Programa de Assistência ao Funcionário; Apoio dos Pares; Treinamento de bem-estar; Gerenciamento de estresse de incidente crítico (CISM); Equipe de intervenção em crise; Treinamento de bloco curto; Programa de prevenção ao suicídio; Capelania; Programa de condicionamento físico; Serviços psicológicos internos e externos; Linha de ajuda policial em crise; <i>Together for Life</i> .
Lucia, D. G.; Halloran, M. J. (2020)	An Investigation of the Efficacy of Programs to Prevent Stress in Law Enforcement Officers: a Program manager's Perspective	Apoio dos pares; <i>Question; Persuade and Refer</i> (QPR); Programa de conscientização sobre suicídio.
Krakauer R. L., Stelnicki A. M., Carleton R. N. (2020)	Examining Mental Health Knowledge, Stigma, and Service Use Intentions Among Public Safety Personnel	Formação de resiliência, road to mental readiness training (R2MR); CISM, Debriefing de estresse de incidente crítico (CISD); Apoio dos pares; Primeiros socorros em saúde mental.
Curley, T.; Campbell, M. A.; Doyle, J. N.; Freeze, S. M. (2022)	First Responders' Perceptions of the Presence of Support Canines in the Workplace	Cães de apoio.
Carleton, R. N.; Afifi, T. O.; Turner, S; Taillieu, T; Vaughan, A. D.; Anderson, G. S.; Ricciardelli, R; MacPhee, R. S.; Cramm, H. A.; Czarnuch, S; Hozempa, K; Camp, R. D. (2020)	Mental health training, attitudes toward support, and screening positive for mental disorders	CISM; CISD; Debriefing; Psicoeducação; Primeiros socorros em saúde mental; Apoio dos pares; R2MR.

Gulliver, S. B.; Pennington, M. L.; Torres, V. A.; Steffen, L. E.; Mardikar, A.; Leto, F.; Ostiguy, W.; Zimering, R. T.; Kimbrel, N. A. (2019)	Behavioral Health Programs in Fire Service: Surveying Access and Preferences	Behavioral Health Programs; Apoio dos pares; CISM; CISD.
Rikkers, W.; Lawrence, D. (2022)	Barriers to seeking help for an emotional or mental health condition among Australian emergency services workers	Intervenções focadas em identificar e desconstruir barreiras para a ajuda profissional em saúde mental.
Pennington, M. L.; Cardenas, M.; Nesbitt, K.; Coe, E.; Kimbrel, N. A.; Zimering, R. T.; Gulliver, S. B. (2022)	Versus Volunteer Firefighters: Differences in Perceived Availability and Barriers to Behavioral Health Care	Treinamento de Apoio de Pares.
McDonald, M. A.; Yang, Y.; Lancaster, C. L. (2021)	The Association of Distress Tolerance and Mindful Awareness with Mental Health in First Responders	DBT (Terapia Comportamental Dialética) e MBSR (Redução do Estresse Baseada na Atenção Plena).
Demoua, E.; Halea, H.; Huntb, K. (2020)	Understanding the mental health and wellbeing needs of police officers and staff in Scotland	Intervenções em sintonia com a cultura da organização.
CATEGORIA: Artigos que apresentam intervenções práticas para promoção da saúde ou prevenção ao estresse ou suicídio de PSPs		
Stelnicki, A. M.; Jamshidi, L.; Fletcher, A. J.; Carleton R. (2021)	Evaluation of Before Operational Stress: A Program to Support Mental Health and Proactive Psychological Protection in Public Safety Personnel	Before Operational Stress (BOS), Conexão Funcional e Desconexão Funcional.
Hazell, C. M.; Fielding-Smith, S.; Koc, Y.; Hayward, M. (2022)	Pilot evaluation of a brief training video aimed at reducing mental health stigma amongst emergency first responders (the ENHANCE II study)	ENHANCE (treinamento em vídeo para redução do estigma).

Navarrete, J.; García-Salvador, M. Á.; Cebolla, A.; Baños, R. (2022)	Impact of Mindfulness Training on Spanish Police Officers' Mental and Emotional Health: a Non-Randomized Pilot Study	Intervenção Baseada em Mindfulness (IBM).
Carleton, R. N.; Korol, S.; Mason, J. E.; Hozempa, K.; Anderson, G. S.; Jones, N. A.; Dobson, K. S.; Szeto, A.; Bailey, S. (2018)	A longitudinal assessment of the road to mental readiness training among municipal police	R2MH; Formação de resiliência e força mental.
Chan, E. Y. L.; Lui, J. T. T.; Mak, A. L. P.; Lau, E. K. L. (2022)	Decoding MH-A de-stigmatization campaign in the Hong Kong Police Force	Campanha de desestigmatização.
Chu, L.W.-P.; Lau, R.W.-M.; Mak, I. W.-F. (2022)	Evidence-based lifestyle medicine interventions to enhance the mental health of law enforcers in Hong Kong: A pilot randomized controlled trial	Psicoeducação; Atividade física; Recomendações nutricionais mindfulness, higiene do sono e psicologia positiva.
Grupe, D. W.; Stoller, J. L.; Alonso, C.; McGehee, C.; Smith, C.; Mumford, J. A.; Rosenkranz, M. A.; Davidson, R. J. (2021)	The Impact of Mindfulness Training on Police Officer Stress, Mental Health, and Salivary Cortisol Levels	Intervenção Baseada em Mindfulness.
Gramlich, M. A.; Neer, M. S. (2018)	Firefighter-Paramedic With Posttraumatic Stress Disorder, Horrific Images, and Depression: A Clinical Case Study	Caso clínico; Terapia de exposição imaginativa; Ativação comportamental; Terapia Cognitiva para Depressão.

Fonte: Autores

Conforme demonstrado no Quadro 1, foram encontradas as seguintes intervenções: Intervenção Baseada em *Mindfulness* (IBM); Psicoeducação e Resiliência; Treinamento de apoio de pares; *Debriefing*; Desconexão/reconexão funcional; Programa de conscientização sobre o suicídio; Treinamento *Road To*

Mental Healthness; Intervenções de medicina de estilo de vida baseadas em evidências; *Behaviorial Health Programs*; Campanha de desestigmatização; *Decoding Mental Health*; Terapia de exposição imaginativa, ativação comportamental e terapia cognitiva para depressão; *Critical Incident Stress Management*; *Critical Incident Stress Debriefing*; Cães de Apoio; ENHANcE; MBSR e DBT; *Before Operation Stress*; *Question, Persuade and Refer*; Programa de prevenção ao suicídio e bem-estar oferecidos por agências policiais e utilizados pelos oficiais. A seguir será apresentada uma descrição de cada uma das intervenções identificadas.

Mindfulness

O conceito de *mindfulness* ganhou destaque nas terapias comportamentais e cognitivas nas últimas duas décadas e vem motivando um grande número de pessoas a observar sistematicamente e a reconciliar-se com suas próprias mentes, corpos e vidas por meio do cultivo sistemático da atenção plena, tanto formal quanto informalmente. Para Jon Kabat-Zinn (2005), “*Mindfulness* é o caminho comum final daquilo que nos torna humanos, nossa capacidade de consciência e de autoconhecimento”. O conceito de *mindfulness*, de acordo com os ensinamentos orientais, é uma perspectiva que consiste em prestar atenção, intencionalmente, no momento atual sem julgar e na vivência enquanto esta desabrocha (Vandenberghe; Assunção, 2009). Essa posição é definida em oposição ao piloto automático, caracterizado pelo viver sem prestar atenção ao momento, baseando-se em julgamentos feitos previamente e em conceitos categóricos (Vandenberghe; Assunção, 2009).

A prática da meditação *mindfulness* pressupõe concentração para manter a atenção constante, porém, em vez de restringir a atenção a um objeto, essa abordagem enfatiza a observação distanciada, de um momento para o outro, de um campo de objetos em constante mudança. Essa flexibilidade é

alcançada concentrando-se em um objeto primário (geralmente o fluxo sucessivo de inspirações e expirações), até que a atenção esteja relativamente estável, e então permitindo que o campo de objetos de atenção se expanda (geralmente em estágios) a fim de incluírem, em última análise, todos os eventos físicos e mentais (sensações corporais, pensamentos, memórias, emoções, percepções, intuições, fantasias) a medida em que ocorrem no tempo (Kabat-Zinn, 1982).

Um estudo piloto (Navarrete *et al.*, 2022) teve como objetivo demonstrar a aceitabilidade, adesão e eficácia de um programa de oito semanas de *Mindfulness* Aplicado ao Bem-Estar Policial (*Mindfulness to Promote Police Well-being*), projetado e implementado por um policial (em colaboração com um psicólogo) para policiais espanhóis. Esse treinamento foi baseado a partir do modelo de mecanismos de *mindfulness* desenvolvido por Hözel *et al.* (2011) que propõe o controle da atenção, a consciência corporal, a regulação emocional e as mudanças na perspectiva do *self* como componentes pelos quais a meditação *mindfulness* funciona.

De acordo com Hözel *et al.* (2011), o controle da atenção se refere ao cultivo da regulação da atenção alcançada por meio da meditação de atenção focada, na qual a atenção deve repousar em um único objeto, retornando a ele sempre que a pessoa se distrai. Durante a prática de *mindfulness*, o foco da atenção costuma ser um objeto de experiência interna resultando em consciência corporal, que é definida como a capacidade de perceber sensações corporais sutis (Cebolla; Galiana; Campos, 2018).

De acordo com o modelo desenvolvido por Hözel *et al.* (2011), o controle da atenção quanto a consciência corporal são esperadas para estar relacionadas à regulação das emoções nos dois processos incluídos no modelo: (a) reavaliação, o processo adaptativo pelo qual eventos estressantes são reconstruídos como benéficos, significativos ou benignos e (b) exposição,

extinção e reconsolidação, o processo pelo qual os praticantes se expõem a tudo o que está presente em seu campo de consciência, incluindo estímulos externos, sensações corporais e experiências emocionais.

Por fim, ambos os processos de regulação das emoções produzirão consciência da natureza transitória do *self*, e a experiência momentânea de alguém levará a uma mudança na perspectiva do *self*, que os autores definiram como desapego da identificação com um senso estático de *self* (Cebolla; Galiana; Campos, 2018).

O treinamento teve início em setembro de 2020 e foi oferecido por meio de redes sociais e cartazes publicitários nas delegacias de polícia municipais da província de Valência (Espanha), com a permissão do escritório provincial. Os participantes interessados tinham que enviar um e-mail para a equipe de pesquisa e fornecer informações sobre seu posto e à qual delegacia de polícia pertenciam. Em seguida, foram solicitadas informações sobre sua saúde mental (presença ou ausência de diagnóstico psiquiátrico) e situação atual de emprego. A amostra final foi composta por 20 participantes (faixa de 30 a 51 anos) para o grupo de MBI e 18 participantes (faixa de 30 a 52 anos) para o grupo de lista de espera.

Foram realizadas oito sessões de 2 horas cada, todas as quintas-feiras entre 15 de outubro e 3 de dezembro de 2020, em turnos duplos (de manhã das 10h às 13h e de tarde das 16h30 às 18h30). Os participantes puderam frequentar o curso no horário que melhor se adaptasse às suas escalas de trabalho. As oito sessões são divididas em 5 módulos, sendo eles:

- Módulo 1 - Regulação da atenção;
- Módulo 2 - Consciência corporal;
- Módulo 3 - Regulação emocional I;
- Módulo 4 - Regulação emocional II;
- Módulo 5 - Perspectiva sobre o eu (*self*).

Cada módulo contempla 2 sessões, menos o módulo 3 e 4, que contém apenas 1 sessão, porém, tratam do mesmo assunto, sendo que cada sessão foi estruturada em média por 4 tópicos (a primeira sessão contém 6 tópicos enquanto a última sessão contém 3 tópicos) mais um dever de casa. Os tópicos referem-se ao que será trabalhado durante a sessão.

Outra intervenção baseada em *mindfulness* foi um programa desenvolvido por Grupe *et al.*, (2021) com o objetivo promover respostas resilientes ao estresse crônico e agudo da atividade policial, além de apoiar a humanidade e o bem-estar dos policiais. As aulas semanais de 2 horas (e uma aula de 4 horas na semana 7) consistiam em instrução didática sobre princípios de *mindfulness*, estresse, emoções e pesquisa científica sobre *mindfulness*; práticas corporais, incluindo *mindfulness* da respiração e do corpo, uma varredura corporal, meditação caminhando, movimentos conscientes (incluindo yoga adaptado ou *tai chi*), *mindfulness* de pensamentos e emoções, comunicação e escuta conscientes, alimentação consciente e prática da compaixão; e reflexões em duplas, trios ou em todo o grupo sobre as experiências dos participantes durante a prática.

No tocante a interação entre *mindfulness* e tolerância ao mal-estar, McDonald, Yang e Lancaster (2022) conduziram um estudo transversal a partir de um *survey* aplicado em 176 socorristas, com o objetivo de verificar se essa interação está relacionada a melhorias na saúde mental de socorristas. Os resultados apresentaram uma relação entre consciência plena e baixo nível de depressão e ansiedade em indivíduos com menor nível de tolerância ao mal-estar, indicando que intervenções focadas em aumentar o nível de consciência plena podem ser mais eficazes em indivíduos com menor nível de tolerância ao mal-estar. Ambas as dimensões (consciência plena e tolerância ao mal-estar) apontaram melhores resultados em características como estresse geral, estresse pós-traumático e estresse traumático secundário. Por outro lado, o item referente à saúde ocupacional

(baixo nível de *burnout* e alta satisfação com a compaixão) apresentou associação apenas com a consciência plena, e o item da saúde mental positiva (maior resiliência e satisfação com a vida) esteve relacionado apenas com a tolerância ao mal-estar. Os autores indicam a Redução do Estresse Baseado em *Mindfulness* (MBSR) e a Terapia Comportamental Dialética (DBT) como abordagens com potencial de aumentar os níveis de *mindfulness* e tolerância ao mal-estar.

A DBT aborda a tolerância ao mal-estar como uma capacidade própria do indivíduo vivenciar o ambiente sem tentar mudá-lo. Por enfatizar a prática de *mindfulness*, a DBT disponibiliza intervenções focadas em ensinar o indivíduo a aceitar, de maneira avaliativa e sem julgamentos, o momento atual e a si mesmo, mantendo uma postura não crítica da situação (Linehan, 2018). A MBSR é outra abordagem focada na prática de *mindfulness*, e compõe a categoria das MBI (Al Ozairi *et al.*, 2023). É oferecida em formato grupal, dividida em 8 sessões semanais, com conteúdos relacionados à consciência plena e estresse, além de técnicas de meditação, como a varredura corporal, foco atencional e técnicas de comunicação, e a realização de práticas grupais e tarefas de casa. Em relação à validade do programa, Nila *et al.*, (2016) conduziu um estudo longitudinal que comparou uma população de 20 pessoas expostas a MBSR com um grupo controle de 29 participantes, que não realizaram o programa. Os resultados encontrados identificaram um aumento significativo nos níveis de resiliência e tolerância ao mal-estar na população exposta a MBSR.

Psicoeducação e Resiliência

Os fatores psicoeducação e resiliência são vistos como importantes para os profissionais de segurança pública. De acordo com Lemes e Neto (2017), a psicoeducação é uma técnica psicológica aplicada tanto em doenças psíquicas quanto físicas, pode-se utilizar recursos como vídeos, panfletos e campanhas,

tendo envolvimento de profissionais de diferentes áreas da saúde, fornecendo um trabalho interdisciplinar. A saúde permeia aspectos comportamentais, emocionais e sociais, assim o uso da psicoeducação se faz por um modelo cuja interdisciplinaridade é uma ferramenta necessária para a intervenção. A intervenção psicoeducacional é importante, dando suporte e apoio aos familiares do paciente e para a promoção da saúde. Esses programas podem ajudar os profissionais a criar resiliência, reduzir o estigma e minimizar as barreiras à procura de tratamento (Papazoglou; Andersen, 2014). O conteúdo dos programas CISM e CISD incentiva o envolvimento crítico com pensamentos e reações emocionais individuais, bem como a psicoeducação baseada em evidências sobre o estresse e o enfrentamento (Shave, 2010). Já os programas de formação em resiliência são desenvolvidos para aumentar os comportamentos de procura de ajuda (Papazoglou; Andersen, 2014), além disso, benefícios positivos foram identificados em estudos de treinamento de resiliência (Carleton *et al.*, 2018a; Carleton *et al.*, 2020). Avaliações de eficácia do R2MR também evidenciaram melhorias significativas nas habilidades de resiliência e nas intenções de procurar ajuda, bem como reduções no estigma até 3 meses pós-treinamento (Szeto; Dobson; Knaak, 2019).

Treinamento de apoio de pares

Desenvolvido pela *International Association of Firefighters (IAFF)*, o Treinamento de Apoio de Pares é um programa desenvolvido para treinar e oferecer habilidades úteis para o apoio de pares. O programa possui uma duração de 2 dias, e aborda questões relacionadas à saúde mental dos bombeiros e a importância do suporte de pares como caminho para a ajuda profissional. Especificamente, o treinamento inclui maneiras de identificar uma situação de crise, como abordar colegas em sofrimento e como estabelecer confiança, além de conteúdos

educativos sobre saúde comportamental envolvendo a profissão, especialmente TEPT e resiliência (Pennington *et al.*, 2022).

Debriefing

É uma discussão sobre eventos anteriores, que pode ser realizada por um indivíduo ou um grupo e a(s) pessoa(s) que lideram o *debriefing* podem ou não estar envolvidas no evento que está sendo discutido. O fluxo de informações é multidirecional entre o(s) líder(es) e os interrogados e é diferente do *feedback*, em que o fluxo de informações ocorre em uma direção, ou seja, de uma pessoa para outra. O objetivo é estabelecer um modelo mental factual do que ocorreu durante o evento anterior, desenvolver uma compreensão da situação e determinar se as respostas durante o cenário foram apropriadas e executadas de acordo com as políticas e/ou diretrizes estabelecidas. É importante ter o uso de um método padronizado para abordar o que ocorreu (ou não ocorreu, mas deveria ter ocorrido) durante um determinado evento. A intervenção deve fornecer um local não emocional para avaliar a dinâmica da equipe, comunicação, desempenho individual, e liderança (Halamek; Cady; Sterling, 2019).

Desconexão funcional e reconexão funcional

A desconexão funcional e reconexão funcional (DF/RF) é apresentada como uma visão alternativa aos valores estoicos presentes na cultura laboral dos PSPs, especialmente nas organizações da América do Norte (Mcelheran; Stelnicki, 2021). A DF/FR é centrada em ensinar os PSPs a diferenciarem o funcionamento necessário no momento em que estão trabalhando do momento em que estão em suas vidas pessoais. São ensinadas técnicas de automonitoramento e consciência plena para que consigam experimentar aspectos físicos, mentais e emocionais enquanto realizam a DF/FR.

O momento de DF/FR é consciente e envolve a criação de “rituais” para demarcar o momento em que ocorre a mudança de um ambiente para outro. Os autores utilizam o exemplo de uma policial que, no fim do expediente, aplica o ritual de retirar o uniforme e arrumar o cabelo como momento de reconexão funcional com sua vida pessoal (Mcelheran; Stelnicki, 2021).

Programa de conscientização sobre suicídio

É percebido como um programa para combater e prevenir fatores na organização e tarefas policiais que possam aumentar o risco de suicídios de agentes. Os objetivos principais são ajudar os gestores a identificar uma pessoa suicida, a tomar as medidas adequadas e a fazer encaminhamentos, além aprenderem a determinar sintomas depressivos, sinais de alerta de suicídio e medidas preventivas e encorajar ações positivas. O programa envolve orientar os participantes por meio de uma série de cenário que exigem reconhecimento e serviços para policiais em risco de suicídio (Schmuckler, 2001).

Treinamento *road to mental readiness* (R2MR)

O programa *The Road to Mental Readiness* (R2MR) foi desenvolvido pelas Forças Armadas Canadenses a fim de melhorar o bem-estar e o desempenho a curto prazo, ao mesmo tempo em que mitiga quaisquer problemas de saúde mental a longo prazo para o pessoal das Forças Armadas Canadenses (CAF) e suas famílias por meio da psicoeducação sobre saúde mental e estresse (Defesa Nacional e Forças Armadas Canadenses, 2017).

O programa é composto por um conjunto de competências mentais treináveis que se acredita sustentar a resiliência e a força mental. A Defesa Nacional e Forças Armadas (2017) definem resiliência como “a capacidade de se recuperar rapidamente, resistir ou até prosperar diante do estresse e superar obstáculos, desafios e adversidades”, enquanto que a força mental refere-se à “capacidade pessoal de fornecer alto desempenho

regularmente, independentemente dos diversos graus de demandas situacionais”.

Intervenções de medicina de estilo de vida baseadas em evidências

Um ensaio piloto randomizado realizado por Chu, Lau, e Mak (2022) foi conduzido na força policial de Hong Kong para examinar a eficácia de práticas integradas de medicina de estilo de vida na melhoria da saúde mental dos responsáveis pela aplicação da lei. O protocolo de intervenção adotado nesse estudo incluiu cinco fatores de estilo de vida: atividade física, dieta (recomendações dietéticas ocidentais e chinesas), *mindfulness*, sono e práticas de psicologia positiva, com duração de 6 semanas. A intervenção foi dividida entre 6 módulos compostos de psicoeducação sobre diversos temas (estresse, humor, relação entre atividade física e saúde mental, otimismo e alimentação) e atividades práticas (meditação, yoga, exercícios físicos...).

Behavioral health programs

A *Behavioral Health* promove uma filosofia de saúde que enfatiza a responsabilidade individual na manutenção da própria saúde e na prevenção de doenças e disfunções por meio de atividades auto iniciadas (corrida, exercícios, alimentação saudável, etc.). Programas de Saúde Comportamental como o *Employee Assistance Program* (EAP) e o *Member Assistance Programs* (MAPs) possuem funções dentro de uma organização que é responsável por ajudar funcionários individualmente, com problemas pessoais que afetam seu desempenho no trabalho, como abuso de substâncias, dificuldades familiares ou problemas emocionais. Os serviços EAP vão desde triagem, avaliação e encaminhamento de funcionários para recursos comunitários, até tratamento clínico direto por psicólogos ou outros profissionais de saúde mental (APA, 2015).

Campanha de desestigmatização *decoding-mh* (mental health)

A campanha *Decoding Mental Health* foi uma iniciativa da Força Policial de Hong Kong lançada para capacitar os policiais com psicoeducação e capacitá-los com autoeficácia para combater o estigma no local de trabalho (Chan; Lui; Mak; Lau, 2022). Em 2018, o Grupo de Serviços Psicológicos da Polícia (GSPP) lançou um aplicativo móvel chamado *Decoding (MH)* para todos os membros da Força. O conteúdo do aplicativo incluía: 1) psicoeducação e jogos sobre conhecimento em saúde mental e transtornos mentais; 2) ferramentas de autoavaliação e dicas de autoajuda; 3) links úteis e recursos da comunidade; 4) informações sobre psicologia positiva e prevenção do suicídio. No mesmo ano, a campanha produziu um vídeo de treinamento animado chamado “Permissão para Ser Humano”, amplamente utilizado em diferentes oficinas e treinamentos com a orientação de psicólogos clínicos da polícia para promover três principais componentes: 1) práticas de *mindfulness*; 2) aceitação dos limites pessoais; e 3) cultivo da compaixão consigo mesmo e com os outros. O GSPP também produziu um pacote abrangente de treinamento de um dia com duração de 120 minutos com materiais incluindo um vídeo com histórias fictícias construídas com base em cenários reais de policiais que sofrem de doenças mentais. Desde 2018, a campanha convidou algumas personalidades públicas de Hong Kong, incluindo ex-altos funcionários da polícia, professores, cantores, atores e celebridades que sofreram de doenças mentais, para compartilhar experiências pessoais na jornada de recuperação em vários seminários.

Terapia de exposição imaginativa, ativação comportamental e terapia cognitiva para depressão

Um caso clínico analisado por Gramlich e Neer (2018) descreveu a avaliação e o tratamento de Ryan, um bombeiro-paramédico de 41 anos, que passou por uma intervenção

multifacetada que incluiu terapia de exposição de imagem, ativação comportamental e terapia cognitiva para depressão.

A terapia de exposição envolve a apresentação repetida de um estímulo temido até que ocorram reduções no sofrimento relatadas pelo paciente durante a sessão e fora da terapia. Para todas as sessões de terapia de exposição de imagem, o médico instruiu Ryan a manter os olhos fechados enquanto descrevia a cena e recordava seus detalhes sensoriais e fisiológicos em voz alta, na primeira pessoa, no presente.

O objetivo da ativação comportamental é fortalecer a conexão entre atividades, recompensa e motivação, bem como ajudar os indivíduos a viver de acordo com seus valores. Como tal, Ryan foi solicitado a identificar áreas valiosas que ele queria iniciar ou melhorar. Ryan escolheu seguir as seguintes áreas valiosas: relações familiares, intimidade de casal, paternidade, carreira, espiritualidade e saúde física e mental.

De acordo com Rush e Beck (1978), o modelo cognitivo postula três noções específicas para explicar a depressão: tríade cognitiva, esquemas e erros cognitivos. A tríade cognitiva consiste em três padrões cognitivos principais que induzem o paciente a considerar a si mesmo, seu futuro e suas experiências de maneira idiossincrática. Na terapia cognitiva para depressão o terapeuta tenta provocar pensamentos automáticos em torno de cada evento perturbador a fim de obter evidências específicas a favor ou contra o pensamento potencialmente distorcido ou disfuncional do paciente, questionando o paciente sobre as circunstâncias totais de um evento particular. Posteriormente, o terapeuta cognitivo ajuda o paciente a identificar ou inferir as suposições ou temas nos pensamentos automáticos negativos recorrentes e depois ensina o paciente a identificar erros específicos de lógica no seu pensamento (Rush; Beck, 1978).

Critical incident stress management (CISM)

O programa constitui-se e está estruturado com o objetivo de garantir assistência e apoio psicológico a quem estiver envolvido num incidente ou acidente. Inicia-se antes do evento ocasionador do estresse, portanto possui caráter de prevenção e promoção da saúde, com informação e formação, proporcionando uma efetiva mudança cultural no comportamento humano sujeito ao evento. Caracteriza-se pela confidencialidade das informações obtidas durante o processo. Os principais componentes do programa são os pares (profissionais voluntários da atividade dos envolvidos), psicólogos e equipe multidisciplinar (funcionários da organização, familiares e serviços médicos). O CISM é composto de fases (informação, treinamento e assistência pós evento) que envolvem todos aqueles responsáveis pela preparação, apoio e atendimento dentro do programa (Eurocontrol, 1997).

Critical incident stress debriefing (CISD)

Os programas CISD foram originalmente concebidos para serem componentes dos programas CISM, entregues após um incidente crítico (Carleton *et al.*, 2020). A técnica foi idealizada por Jeffrey Mitchell em 1983, como parte de sua teoria geral sobre intervenção em crise e desastres naturais, no princípio instituída como um programa destinado a reduzir o estresse de trabalhadores dos serviços de emergência. Para desenvolvê-la foi baseada no modelo de intervenção da psiquiatria militar, que utilizava um método similar para a reabilitação psicológica dos soldados, desde a Segunda Guerra Mundial. A técnica CISD consiste em facilitar a expressão dos sentimentos e emoções em grupo, relacionadas à experiência traumática vivida, com o propósito de ordená-las cognitivamente, de forma mais adaptativa, contendo originalmente sete fases. É entendida que deve ser necessariamente aplicada por profissionais da área da saúde mental, especificamente treinados, a grupos de pessoas que

tenham vivenciado um evento traumático, nas primeiras 24 a 72 horas (na maioria dos casos se intervém no local dos fatos), em uma sessão de aproximadamente 2 horas de duração (Mitchell; Everly, 1993).

Cães de apoio

Os autores Curley *et al.*, (2022) avaliam a garantia dos socorristas de ter cães de apoio em seu local de trabalho e se os profissionais demonstram melhor desempenho psicológico, bem-estar e busca de ajuda psicológica, ou seja, uma intervenção preventiva. Os resultados identificaram baixos níveis de sintomas de saúde mental em geral, que não diferiram significativamente entre os participantes de organizações com e sem apoio canino, além disso eles foram mais receptivos a ter cães de apoio quando tinham atitudes mais positivas em relação aos animais. Embora o acesso a cães de apoio não pareça influenciar o bem-estar psicológico dos socorristas, dados sugerem que esses animais podem fornecer benefícios temporários de alívio do estresse que requerem mais investigação empírica.

ENHANcE

Com o propósito de reduzir o estigma relacionado à saúde mental em socorristas, o *ENHANcE* é um treinamento disponibilizado em formato de vídeo desenvolvido a partir da teoria cognitivo-comportamental do estigma e do relato de civis e socorristas que convivem com transtornos mentais. O vídeo inclui a perspectiva do paciente, que descreve como é vivenciar uma situação de crise em relação à saúde mental, com simulações, exemplos de boas práticas e um guia para socorristas que ilustra como oferecer suporte àqueles vivenciando algum tipo de dificuldade relacionada à saúde mental. Em um estudo conduzido com 83 policiais e operadores de ambulância visando avaliar o ENHANcE, foi identificada uma melhora pequena, mas signi-

ficativa, no nível de estigma dos participantes após assistirem o vídeo de treinamento (Hazell, *et al.*, 2022).

Before operational stress (BOS)

O programa *Before Operational Stress (BOS)* foi desenvolvido para atender a categoria profissional dos PSPs. O principal alvo do programa é a maneira em que estes profissionais reagem aos estressores presentes no ambiente laboral e os impactos causados na vida dos PSPs. O BOS visa melhorar a autopercepção e as relações interpessoais dos participantes por meio de treinamentos e conteúdos para ajudar os indivíduos a lidarem com seus pensamentos, comportamentos, emoções e reações fisiológicas. Com uma duração total de 16 horas, o BOS é dividido em 8 sessões divididas em módulos, com uma duração de 2 horas cada, abordando conteúdos didáticos de psicoeducação e um tempo para a reflexão do grupo em torno do que foi apresentado. Esse período de processamento corrobora para a reflexão dos participantes acerca de como implementar em suas vidas o que foi aprendido durante os módulos, além de fomentar o relato dos PSPs sobre suas dificuldades e ideias envolvendo o programa. Com base no estudo de Stelnicki *et al.*, (2021) em volta do BOS, são apresentadas a seguir informações relacionadas às características e conteúdos do programa.

No total, o BOS possui 8 módulos divididos, respectivamente, em: cultura do serviço operacional, fisiologia do estresse operacional, marcadores do estresse operacional, impactos cognitivos, emoções, comportamento, comunicação, e empatia e conexão e reconexão funcional.

- 1. Cultura do Serviço Operacional:** o primeiro módulo tem como objetivo conhecer as expectativas do grupo e apresentar definições relacionadas aos fatores de risco existentes no ambiente dos PSPs. Também é apresentada técnicas de Reconexão funcional e Desconexão funcional.

2. **Fisiologia do Estresse Operacional:** apresenta os impactos do estresse operacional no funcionamento do sistema nervoso.
3. **Marcadores do Estresse Operacional:** busca elucidar os impactos que o trauma não tratado pode causar no funcionamento do sistema nervoso.
4. **Impactos Cognitivos:** discute a relação entre pensamentos, emoções e comportamentos, e em como os PSPs podem lidar com as distorções e vieses cognitivos por meio do monitoramento dos pensamentos.
5. **Emoções:** busca aumentar a consciência emocional e discutir a influência da cultura e da sociedade acerca das emoções.
6. **Comportamento:** apresenta como a evitação está relacionada à ansiedade e como esse comportamento pode prejudicar a recuperação de experiências traumáticas. Também inclui maneiras de aumentar a percepção de autoeficácia por meio de comportamentos de engajamento.
7. **Comunicação:** apresenta os impactos negativos do estresse operacional na comunicação e habilidades positivas para as relações interpessoais.
8. **Empatia e Desconexão Funcional e Reconexão Funcional:** foco acerca da empatia e em como ela pode atuar como fator protetivo e de risco para a carreira profissional. Retomada da discussão acerca da desconexão e reconexão funcional como habilidade positiva para o bem-estar dos PSPs.

Após o fim dos 8 módulos inicia-se a fase de manutenção com uma duração de 10 meses. A manutenção não possui conteúdos programados, mas proporciona a continuação dos encontros grupais para a reflexão dos conteúdos discutidos durante os 8 módulos e dos relatos dos participantes acerca dos desafios e sucessos após o treinamento. Os encontros também proporcionam interações voltadas para a resolução de proble-

mas relacionados à profissão dos PSPs e os seus impactos na vida pessoal.

Question, persuade and refer (QPR)

Programa de treinamento com diversas práticas para prevenção do suicídio e que é projetado especificamente para policiais, famílias e organizações. É ensinado o Programa de Gatekeepers de prevenção ao suicídio, considerado um dos mais utilizados no mundo (IACP, 2014).

Programas de prevenção ao suicídio e bem-estar oferecidos por agências policiais e utilizados pelos oficiais

Especialmente no estudo de Thoen *et al.* (2020), os autores identificaram e descreveram programas de prevenção ao suicídio e bem-estar utilizados por agências de aplicação da lei. Entre eles, Programa de Assistência ao Funcionário (serviços de aconselhamento prestados como benefício de emprego, que podem ser interno ou externo à agência); Suporte de Pares (oficiais treinados para auxiliar outros oficiais conforme necessário); Treinamento de bem-estar (programa de treinamento formal oferecido direcionado a saúde mental, por exemplo, programa de resiliência contra trauma secundário, primeiros socorros em saúde mental para segurança pública); Equipe de intervenção em crise (equipe de voluntários enviada para um local e/ou fornece informações após uma crise); Treinamento de bloco curto (treinamento informal sobre saúde mental pessoal); Programa de prevenção ao suicídio (treinamento formal oferecido aos policiais para identificar sinais de ideação suicida, depressão e maneiras de lidar com esses sintomas); Capelania (acesso a um capelão contratado pela agência para discussão de preocupações); Programa de condicionamento físico (programa de incentivo para manter metas específicas de aptidão física); Serviços psicológicos internos e externos (programas de aconselhamento dentro e fora da agência); Linha de ajuda poli-

cial em crise (publicidade de acesso a uma linha de crise policial, por exemplo, Cop2Cop). Outro programa citado pelos autores, *Together for Life*, que a longo prazo tem o objetivo de prevenir suicídios e a curto prazo desenvolver capacidades dos oficiais para lidar com o suicídio, gerando apoio mútuo e solidariedade entre os membros na prevenção do suicídio e problemas relacionados (Mishara; Martin, 2012).

Conclusão

O objetivo deste capítulo foi identificar as intervenções para o bem-estar mental em profissionais de segurança pública existentes na literatura. É importante reconhecer que os profissionais de segurança pública frequentemente são expostos a situações traumáticas e críticas como parte cotidiana e inevitável do seu trabalho e, por isso, apresentam maior risco de desenvolver transtornos mentais e maiores chances de apresentar sofrimento psíquico. Alguns artigos não abordaram um projeto de intervenção em si, mas sim, exploraram técnicas utilizadas em diversas estratégias enquanto outros realizaram uma avaliação de intervenções aplicadas. Foi possível identificar que *mindfulness* e o apoio de pares foram estratégias citadas ao longo dos artigos analisados, enquanto a psicoeducação foi uma ferramenta mediadora presente em quase todas as intervenções. Nesse sentido, é importante que as organizações de serviços de segurança pública reavaliem suas políticas e programas de apoio à saúde mental e ao bem-estar de seus funcionários a fim de torná-las efetivas e eficazes.

Referências

AL OZAIRI, A.; ALSAEED, D.; AL-OZAIRI, E.; IRSHAD, M.; CRANE, R.S.; ALMOULA, A. Effectiveness of virtual mindfulness-based interventions on perceived anxiety and depression of physicians during the COVID-19 pandemic: A pre-post experimental study. *Frontiers in Psychiatry*, v. 13, n. 089147, 2023. DOI: 10.3389/fpsy.2022.1089147.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA).
Dictionary of Psychology. 2. ed. Washington, Dc: American
Psychological Association, 2015.

ANDERSON, G. S.; LITZENBERGER, R.; PLECCAS, D. Physical
evidence of police officer stress. **Policing**, Bradford, England, v. 25, n. 2, p.
399-420, 2002.

BERGER, W. *et al.* Rescuers at risk: a systematic review and meta-
regression analysis of the worldwide current prevalence and correlates
of PTSD in rescue workers. **Social psychiatry and psychiatric
epidemiology**, v. 47, n. 6, p. 1001-1011, 2012.

CARLETON, N.; KOROL, S.; MASON, J.; HOZEMPA, K.;
ANDERSON, G.; JONES, N.; DOBSON, K.; SZETO, A.; BAILEY, S.
A longitudinal assessment of the road to mental readiness training among
municipal police. **Cogn. Behav. Ther.**, v. 47, p. 508-528, 2018a. DOI:
10.1080/16506073.2018.1475504.

CARLETON, R. N. *et al.* Exposures to potentially traumatic
events among public safety personnel in Canada. **Canadian journal
of behavioural science, Revue canadienne des sciences du
comportement**, v. 51, n. 1, p. 37-52, 2019.

CARLETON, R. N. *et al.* Mental disorder symptoms among public safety
personnel in Canada. Canadian journal of psychiatry. **Revue canadienne
de psychiatrie**, v. 63, n. 1, p. 54-64, 2018b.

CARLETON, R. N.; AFIFI, T. O.; TURNER, S.; TAILLIEU, T.;
VAUGHAN, A. D.; ANDERSON, G. S.; RICCIARDELLI, R.; MAC
PHEE, R. S.; CRAMM, H. A.; CZARNUCH, S.; HOZEMPA, K.;
CAMP, R. D. Mental health training, attitudes toward support, and
screening positive for mental disorders. **Cogn. Behav. Ther.**, Regina, v. 49,
n. 1, p. 55-73, jan., 2020. DOI: 10.1080/16506073.2019.1575900.

CEBOLLA, A.; GALIANA, L.; CAMPOS, D. *et al.* How Does
Mindfulness Work? Exploring a Theoretical Model Using Samples of
Meditators and Non-meditators. **Mindfulness**, v. 9, p. 860-870, 2018.
DOI: <https://doi.org/10.1007/s12671-017-0826-7>.

CHAN, E. Y. L.; LUI, J. T. T.; MAK, A. L. P.; LAU, E. K. L. “Decoding
MH”—A de-stigmatization campaign in the Hong Kong Police Force.
Behavioral Sciences & The Law, [s.l.], v. 41, n. 1, p. 30-40, 20 set. 2022.
Wiley. DOI: <http://dx.doi.org/10.1002/bsl.2594>.

CHU, L. W.-P.; LAU, R. W.-M.; MAK, I. W.-F. Evidence-based lifestyle
medicine interventions to enhance the mental health of law enforcers in
Hong Kong: a pilot randomized controlled trial. **Behavioral Sciences &
The Law**, [s.l.], v. 40, n. 4, p. 540-555, 22 fev. 2022. Wiley. DOI: <http://dx.doi.org/10.1002/bsl.2565>.

CURLEY, T.; CAMPBELL, M. A.; DOYLE, J. N.; CONGELAR, S. M. First Responders' Perceptions of the Presence of Support Canines in the Workplace. **J. Police Crim. Psych.**, v. 37, p. 804-812, set., 2022. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11896-021-09477-4>.

DEFENCE, N. **The Road to Mental Readiness**. 2023. Disponível em: <https://www.canada.ca/en/department-national-defence/services/benefits-military/health-support/road-to-mental-readiness.html>. Acesso em: 20 nov. 2023.

DEMOU, E.; HALE, H.; HUNT, K. Understanding the mental health and wellbeing needs of police officers and staff in Scotland. **Police Practice and Research**, v. 21, n. 6, p. 1-15, 9 jun. 2020.

DI NOTA, P. M. *et al.* Mental disorders, suicidal ideation, plans and attempts among Canadian police. **Occupational medicine** (Oxford, England), v. 70, n. 3, p. 183-190, 2020.

EUROCONTROL. **Critical Incident Stress Management: CISM Implementation Guidelines**. Bélgica, 2021.

GARCÍA-CAMPAYO, J. How Does Mindfulness Work? Exploring a Theoretical Model Using Samples of Meditators and Non-meditators. **Mindfulness**, [s.l.], v. 9, n. 3, p. 860-870, 5 out. 2017. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s12671-017-0826-7>.

GUPTA, V.; UPADHYAY, S. K.; MALIK, C. Rescuers Need to Be Rescued: multi-pronged strategies to ensure mental well-being among police personnel. **Journal of Police and Criminal Psychology**, [s.l.], v. 38, n. 3, p. 643-665, 2 maio 2023. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s11896-023-09590-6>.

GRUPE, D. W. *et al.* The Impact of Mindfulness Training on Police Officer Stress, Mental Health, and Salivary Cortisol Levels. **Frontiers in Psychology**, v. 12, 3 set. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/1534650118770792>.

HALAMEK, L. P.; CADY, R. A. H.; STERLING, M. R. Using briefing, simulation and debriefing to improve human and system performance. **Seminars in perinatology**, v. 43, n. 8, p. 151-178, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1053/j.semperi.2019.08.007>.

HAUGEN, P. T. *et al.* Mental health stigma and barriers to mental health care for first responders: A systematic review and meta-analysis. **Journal of psychiatric research**, v. 94, p. 218-229, 2017.

HAZELL, C. M. *et al.* Pilot evaluation of a brief training video aimed at reducing mental health stigma amongst emergency first responders (the ENHANCe II study). **Journal of Mental Health**, p. 1-9, 9 maio. 2022.

HÖLZEL, B. K.; LAZAR, S. W.; GARD, T.; SCHUMAN-OLIVIER, Z.; VAGO, D. R.; OTT, U. How Does Mindfulness Meditation Work? Proposing Mechanisms of Action From a Conceptual and Neural Perspective. **Perspectives on Psychological Science**, [s.l.], v. 6, n. 6, p. 537-559, 14 out. 2011. SAGE Publications. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/1745691611419671>.

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF CHIEFS OF POLICE (IACP). **National Symposium on Law Enforcement Officer Suicide and Mental Health: Breaking the Silence on Law Enforcement Suicides**. Washington, DC: IACP, 2014.

KABAT-ZINN, J. An outpatient program in behavioral medicine for chronic pain patients based on the practice of mindfulness meditation: theoretical considerations and preliminary results. **General Hospital Psychiatry**, [s.l.], v. 4, n. 1, p. 33-47, abr. 1982. Elsevier BV. DOI: [http://dx.doi.org/10.1016/0163-8343\(82\)90026-3](http://dx.doi.org/10.1016/0163-8343(82)90026-3).

KABAT-ZINN, J. **Coming to our senses: healing ourselves and the world through mindfulness**. Hachette Books, 2005.

KRAKAUER, R. L.; STELNICKI, A. M.; CARLETON, R. N. Examining Mental Health Knowledge, Stigma, and Service Use Intentions Among Public Safety Personnel. **Front. Psychol.**, v. 29 n. 11, p. 949, 2020. DOI: 10.3389/fpsyg.2020.00949.

KYRON, M. J.; RIKKERS, W.; BARTLETT, J.; RENEHAN, E.; HAFEKOST, K.; BAIGENT, M.; CUNNEEN, R.; LAWRENCE, D. Mental health and wellbeing of Australian police and emergency services employees. **Archives Of Environmental & Occupational Health**, [s.l.], v. 77, n. 4, p. 282-292, 3 mar. 2021. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/19338244.2021.1893631>.

LEMES, C. B.; ONDERE NETO, J. Aplicações da psicoeducação no contexto da saúde. **Temas psicol. [online]**, v. 25, n. 1, pp. 17-28, 2017. ISSN: 1413-389X. DOI: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2017.1-02>.

LINEHAN, M. **Treinamento de habilidades em DBT: manual de terapia comportamental dialética para o terapeuta**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

LUCIA, D. G.; HALLORAN, M. J. An Investigation of the Efficacy of Programs to Prevent Stress in Law Enforcement Officers: a Program manager's Perspective. **Journal of Police and Criminal Psychology**, v. 35, 2019. DOI: 10.1007/s11896-019-09341-6.

MCDONALD, M. A.; YANG, Y.; LANCASTER, C. L. The association of distress tolerance and mindful awareness with mental health in first responders. **Psychological Services**, 28 out. 2021.

MCELHERAN, M.; STELNICKI, A. M. Functional disconnection and reconnection: an alternative strategy to stoicism in public safety personnel. **European journal of psychotraumatology**, v. 12, n. 1, 2021.

MISHARA, B. L.; MARTIN, N. Effects of a comprehensive police suicide prevention program. **The Journal of Crisis Intervention and Suicide Prevention**, v. 33, p. 162-168. 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1027/0227-5910/a000125>.

MITCHELL, J. T.; EVERLY, G. S. **Critical incident stress debriefing- (CISD):** an operations manual for the prevention of traumatic stress among emergency services and disaster workers. Ellicott City, Md: Chevron Pub, 1993.

NAVARRETE, J.; GARCÍA-SALVADOR, M. Á.; CEBOLLA, A.; BAÑOS, R. Impact of Mindfulness Training on Spanish Police Officers' Mental and Emotional Health: a non-randomized pilot study. **Mindfulness**, [s.l.], v. 13, n. 3, p. 695-711, 14 jan. 2022. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s12671-022-01827-5>.

NILA, K. *et al.* Mindfulness-based stress reduction (MBSR) enhances distress tolerance and resilience through changes in mindfulness. **Mental Health & Prevention**, v. 4, n. 1, p. 36-41, mar. 2016.

PAPAZOGLU, K.; ANDERSEN, J. P. A guide to utilizing police training as a tool to promote resilience and improve health outcomes among police officers. **Traumatology: An International Journal**, v. 20, n. 2, p. 103-111, 2014. DOI: 10.1037/h0099394.

PENNINGTON, M. L. *et al.* Career versus volunteer firefighters: Differences in perceived availability and barriers to behavioral health care. **Psychological Services**, 10 jun. 2022.

RIKKERS, W.; LAWRENCE, D. Barriers to seeking help for an emotional or mental health condition among Australian emergency services workers. **Australasian Journal of Disaster and Trauma Studies**, v. 26, n. 1, p. 23-40, 1 ago. 2022.

RUSH, A. J.; BECK, A. T. Cognitive Therapy of Depression and Suicide. **American Journal of Psychotherapy**, [s.l.], v. 32, n. 2, p. 201-219, abr. 1978. DOI: <http://dx.doi.org/10.1176/appi.psychotherapy.1978.32.2.201>.

SCHMUCKLER, E. There is no hope: a training guide to suicide awareness and suicide potential. *In*: SHEEHAN, D. C.; WARREN, J. L. (eds.). **Suicide and law enforcement**. Washington: U.S. Dept. of Justice, Federal Bureau of Investigation, 2001. p. 159-164.

SHAVE, R. A review of the literature on Critical Incident Stress Debriefing (CISD) as part of best practice recommendations for Critical Incident Stress Management (CISM). **Journal of the New Zealand College of Clinical Psychologists**, v. 20, p. 3-13, 2010.

STELNICKI, A. M. *et al.* Evaluation of Before Operational Stress: A Program to Support Mental Health and Proactive Psychological Protection in Public Safety Personnel. **Frontiers in Psychology**, v. 12, 17 ago. 2021.

SZETO, A.; DOBSON, K.; KNAAK, S. The Road to Mental Readiness for First Responders: A Meta-Analysis of Program Outcomes. **Can. J. Psychiatry**, v. 64, p. 18-29, 2019. DOI: 10.1177/0706743719842562.

THOEN, M. A.; DODSON, L. E.; MANZO, G.; PIÑA-WATSON, B.; TREJOS-CASTILLO, E. Agency-offered and officer-utilized suicide prevention and wellness programs: A national study. **Psychol. Serv.**, v. 17, n. 2, p. 129-140, 2020. DOI: 10.1037/ser0000355.

THORNICROFT, G. *et al.* Stigma: ignorance, prejudice or discrimination? **British Journal of Psychiatry**, v. 190, n. 3, p. 192-193, mar. 2007.

VANDENBERGHE, L.; ASSUNCAO, A. B. Concepções de mindfulness em Langer e Kabat-Zinn: um encontro da ciência Ocidental com a espiritualidade Oriental. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p. 124-135, dez. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 nov. 2023.

Mini currículo

Alexandra Carol Cioato, acadêmica do quinto semestre do curso de Psicologia na Universidade de Caxias do Sul. Bolsista de Iniciação científica (BIC-UCS) desde dezembro de 2021, pesquisando na área de Psicologia Organizacional e do Trabalho, no grupo de pesquisa FPTProSaúde: Fatores psicossociais do trabalho e estratégias de enfrentamento para promoção da saúde e prevenção ao suicídio em profissionais de segurança pública do RS, sob orientação da Profa. Dra. Silvana Regina Ampessan Marcon. Participou como estudante voluntária da 10ª edição do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde: PET-Saúde Gestão e Assistência, dos Ministérios da Saúde e Educação, conforme Edital GM/MS nº 01/2022. Participou do Projeto Rondon como rondonista em janeiro de 2024 na Operação Mangabeiras na cidade de Frei Paulo – SE.

Cristine Boff Sartor, psicóloga graduada pela Universidade de Caxias do Sul, estudante do Curso de Graduação em Medicina da Universidade Luterana do Brasil, bolsista de iniciação científica PIBIC-CNPq (2023-2024) no projeto Educação Interprofissional: um estudo sobre predisposição para a atuação interprofissional no contexto da Atenção Básica em Saúde.

Eder Leonardo de Vitte Horn, aluno de graduação em psicologia pela Universidade de Caxias do Sul, bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq desde 2022 e integrante do grupo de pesquisa Fatores Psicossociais do Trabalho e Estratégias de Enfrentamento para Promoção da Saúde e Prevenção ao Suicídio em Profissionais da Segurança Pública do RS.

Fernanda Bitencourt Prigol, estudante do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade de Caxias do Sul, bolsista de iniciação científica PIBIC-CNPq no projeto Educação Interprofissional: um estudo sobre predisposição para a atuação interprofissional no contexto da Atenção Básica em Saúde.

João Ignacio Pires Lucas, doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro do corpo permanente dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado Profissional e em História, Mestrado e Doutorado pela Universidade de Caxias do Sul. Membro do Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais da Universidade de Caxias do Sul. Coordenador do grupo de pesquisa do CNPq, Cultura, Política, Políticas Públicas e Sociais. Pesquisador de temas relacionados aos fatores sociais e psicossociais relacionados ao mundo do trabalho e da cultura política no contexto do ensino da história.

Luana Folchini da Costa, pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade de Caxias do Sul. Doutora em Administração pela Universidade de Caxias do Sul e em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, especialidade em Recursos Humanos do Trabalho e das Organizações. Mestre em Administração pela Universidade de Caxias do Sul. MBA em Gestão estratégica de pessoas, competências e coaching pela Faculdade da Serra Gaúcha. Graduada em Psicologia pela UCS, com estudos adicionais na Faculdade de Psicologia da Università degli Studi di Padova (2009-2010). Docente em disciplinas de Responsabilidade Social, Sustentabilidade, Gestão de Pessoas e Psicologia Organizacional e Psicologia Positiva em cursos de pós-graduação *Latu Sensu*. Professional Coach e Analista Comportamental (IBC).

Magda Macedo Madalozzo, doutora em Psicologia das Organizações e do Trabalho pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Administração de Empresas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-graduação Lato Sensu em Psicologia Organizacional pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Graduada em Psicologia pela Universidade de Caxias do Sul (CRP-07/02626) e graduada em Administração de Empresas pela Universidade de Caxias do Sul. Atualmente é docente na Universidade de Caxias do Sul em cursos de Graduação e Pós-Graduação Lato Sensu e Strictu Sensu. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado Profissional na Universidade de Caxias do Sul. Consultora organizacional. Temáticas de pesquisa: fatores psicossociais do trabalho e estratégias de enfrentamento para promoção da saúde e prevenção ao suicídio em profissionais de segurança pública do RS; cultura de segurança do paciente sob a perspectiva dos fatores psicossociais no trabalho; educação interprofissional: predisposição para a atuação interprofissional no contexto da atenção básica em saúde.

Manoela Todeschini Ferreira, acadêmica do 6º semestre do curso de Psicologia na Universidade de Caxias do Sul. Bolsista de iniciação científica (BIC-UCS) desde agosto de 2023 no projeto Tratamento de Superendividamento do consumidor em Caxias do Sul e Farroupilha, sob a orientação do Professor Dr. João Ignácio Lucas Pires. Estudante voluntária desde abril de 2023 no projeto FPTPROSAUDE: Fatores Psicossociais do Trabalho e Estratégias de Enfrentamento para Promoção da Saúde e Prevenção ao Suicídio em Profissionais de Segurança Pública do RS, sob a orientação da Professora Dra. Silvana Regina Ampessan Marcon. Participou como bolsista na 10ª edição do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde: PET-Saúde, no eixo Gestão, conforme edital GM/MS nº 01/2022.

Morgana Menegat Cavalheiro, estudante do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade de Caxias do Sul, bolsista de iniciação científica BIC/UCS no Projeto Fatores Psicossociais do Trabalho e Estratégias de Enfrentamento para Promoção da Saúde e Prevenção ao Suicídio em Profissionais da Segurança Pública do Rio Grande do Sul.

Silvana Regina Ampessan Marcon, doutora em Psicologia pela UFSC, mestre em Administração pela UFRGS, especialista em Gestão e Liderança Universitária pelo Instituto e Gestão e Liderança Universitária, especialista em Psicologia Organizacional e do Trabalho pelo Conselho Federal de Psicologia, graduada em Psicologia pela Universidade de Caxias do Sul. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Mestrado Profissional, Integrante do grupo de Avaliadores do INEP (MEC), membro da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia e da Red Iberoamericana de Psicología de las Organizaciones y del Trabajo (RIPOT). Temáticas de pesquisa: Fatores Psicossociais do Trabalho e Estratégias de Enfrentamento para Promoção da Saúde e Prevenção ao Suicídio em Profissionais da Segurança Pública do RS (coordenadora); Cultura de segurança do paciente sob a perspectiva dos fatores psicossociais no trabalho.

Índice remissivo

Alto Risco – 24, 37, 46, 50, 52, 65, 79, 81, 116.

Ansiedade – 19, 20, 21, 22, 23, 24, 35, 37, 44, 45, 46, 47, 50, 61, 69, 75, 80, 82, 83, 92, 95, 110, 128, 136, 139, 143, 151, 160, 171.

Apoio – 7, 8, 11, 15, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 35, 38, 39, 40, 44, 45, 48, 49, 52, 62, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 94, 98, 105, 111, 113, 114, 115, 118, 141, 152, 154, 155, 156, 157, 162, 168, 169, 173.

Apoio de pares – 81, 155, 156, 162, 173.

Apoio Social – 19, 20, 21, 24, 39, 40, 45, 49, 52, 80, 84, 94, 111, 113, 118, 141.

Atenção – 23, 79, 82, 133, 139, 143, 155, 157, 158, 159, 179, 180, 181.

Ativação comportamental – 156, 157, 166, 167.

Autoconhecimento – 50, 51, 94, 157.

Autoculpa – 107, 110.

Autoeficácia – 77, 83, 141, 166, 171.

Autopercepção – 170.

Before operation stress – 157.

Behaviorial health programs – 157.

Bem-estar – 5, 6, 7, 10, 11, 14, 25, 38, 43, 46, 49, 51, 52, 59, 68, 74, 75, 76, 77, 79, 81, 82, 91, 92, 96, 106, 115, 116, 117, 118, 127, 128, 129, 134, 135, 136, 143, 154, 157, 158, 160, 164, 169, 171, 172, 173.

Bem-estar psicológico – 38, 43, 49, 51, 59, 77, 79, 136, 169 .

Bombeiros – 9, 19, 20, 21, 22, 23, 34, 36, 37, 44, 46, 48, 49, 51, 52, 59, 60, 91, 92, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 136, 146, 151, 162.

Burnout – 22, 24, 26, 28, 30, 31, 32, 38, 45, 53, 58, 59, 68, 70, 71, 86, 89, 92, 93, 99, 100, 101, 102, 105, 111, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 125, 128, 133, 144, 146, 148, 149, 161.

Cães de apoio – 154, 157, 169.

Carga de trabalho – 43, 44, 58, 137.

Comportamento – 21, 27, 38, 39, 54, 62, 63, 64, 65, 66, 75, 76, 83, 88, 90, 103, 140, 168, 171.

Comunicação – 7, 95, 160, 171.

Condições de trabalho – 12, 35, 51, 66, 91, 94, 131, 137, 143.

Consciência – 21, 140, 157, 158, 159, 160, 161, 163, 171.

Contexto de trabalho – 8, 9, 10, 12, 21, 35, 36, 45, 134, 136, 144, 151.

Critical incident stress debriefing – 31, 168, 178.

Critical incident stress management – 101, 124.

Culpabilidade – 104.

Cultura do serviço operacional – 170.

Debriefing – 31, 154, 163, 168, 175, 178.

DBT – 154, 157, 161, 176.

Decoding mental health – 166.

Depressão – 7, 9, 19, 34, 36, 37, 39, 41, 43, 44, 45, 46, 48, 50, 75, 76, 92, 103, 128, 136, 139, 160, 166, 167, 172.

Desconexão/reconexão funcional – 155, 163, 164, 170, 171.

Desenho do trabalho – 11, 36, 38.

Desestigmatização – 156, 157, 166.

Distúrbios de sono – 81.

Emoções – 77, 78, 91, 105, 106, 109, 138, 158, 159, 160, 168, 170, 171.

Empatia – 78, 79, 170, 171.

Enhance – 73, 90, 155, 156, 157, 169, 174, 175.

Esgotamento – 20, 22, 44, 51, 73, 77, 78, 82, 128, 136, 139, 143.

Estigma – 22, 35, 39, 82, 84, 109, 155, 162, 166, 169, 170.

Estratégias – 6, 7, 8, 9, 19, 44, 45, 48, 49, 51, 52, 62, 68, 73, 81, 84, 91, 93, 96, 97, 98, 99, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 122, 129, 134, 136, 144, 152, 153, 154, 173, 179, 181, 182.

Estratégias adaptativas – 107, 110, 111.

Estratégias ativas – 107, 108.

Estratégias de coping proativas – 115.

Estratégias desadaptativas – 109, 117.

Estratégias focadas na emoção – 107, 111.

Estratégias focadas no problema – 107, 111.

Estresse – 7, 13, 16, 18, 19, 20, 21, 30, 35, 36, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 58, 59, 61, 63, 64, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 92, 95, 97, 98, 99, 102, 104, 106, 108, 111, 112, 114, 116, 117, 127, 128, 133, 136, 138, 140, 141, 144, 151, 152, 153, 154, 155, 160, 161, 162, 164, 165, 168, 169, 170, 171.

Eventos traumáticos – 21, 22, 36, 103, 107, 108, 113, 151.

Evitação – 79, 97, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 117, 171.

Experiências traumáticas – 49, 110, 171.

Exposição ocupacional – 37, 72, 80.

Fatores psicossociais – 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 24, 25, 28, 34, 35, 38, 43, 45, 48, 52, 60, 62, 72, 83, 93, 94, 95, 96, 99, 102, 116, 118, 127, 129, 133, 134, 135, 136, 137, 140, 142, 143, 144, 179, 181, 182.

Fatores psicossociais de proteção – 19, 34, 95, 140.

Fatores psicossociais de risco – 38, 43, 45, 93, 94, 99, 116, 129, 133, 135, 144.

Fatores psicossociais no trabalho – 5, 6, 14, 15, 60, 93, 94, 96, 181, 182.

Fisiologia do estresse operacional – 170, 171.

Impactos cognitivos – 170, 171.

Incidentes críticos – 61, 74, 81, 83, 99, 102, 107, 112, 115, 117.

Intervenção preventiva – 169.

Intervenções – 6, 7, 8, 9, 17, 20, 22, 25, 47, 50, 51, 52, 71, 77, 82, 96, 116, 118, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 165, 173.

Liderança – 77, 78, 79, 83, 84, 152, 163, 182.

Mal-estar – 103, 160, 161.

Marcadores do estresse operacional – 170, 171.

MBSR – 155, 157, 161.

Mindfulness – 32, 58, 71, 82, 88, 98, 111, 119, 124, 144, 145, 148, 149, 156, 157, 158, 160, 161, 173, 174, 175, 176, 177, 178.

Minimização – 104.

Normas regulamentadoras – 127, 129, 143.

Organizações – 11, 12, 13, 24, 33, 35, 39, 52, 59, 65, 73, 74, 79, 84, 95, 118, 126, 127, 128, 131, 146, 150, 152, 163, 169, 173, 181.

Policiais – 10, 18, 19, 20, 24, 30, 34, 37, 45, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 60, 61, 62, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 88, 89, 105, 151, 157, 158, 160, 164, 166, 169, 172.

Prevenção ao suicídio (Apresentação) – 23, 99, 153, 154, 157, 172, 179, 181, 182.

Profissionais de segurança pública (Apresentação) – 34, 35, 43, 45, 46, 51, 60, 75, 83, 99, 132, 151, 153, 161, 173, 179, 181.

Profissões de risco – 132, 136.

Programas (Apresentação) – 22, 24, 49, 50, 51, 52, 68, 71, 78, 81, 82, 84, 129, 152, 154, 162, 165, 168, 172, 173, 180.

Promoção da saúde – 15, 129, 153.

Psicoeducação – 154, 156, 161, 162, 164, 165, 166, 170, 173, 176.

Psicologia positiva – 128, 156, 165, 166, 180.

Question, persuade and refer – 157, 172.

Reclusão – 105.

Relações socioprofissionais – 12, 35.

Religião – 113, 114, 118.

Resiliência – 14, 15, 19, 22, 23, 24, 32, 40, 47, 49, 50, 52, 73, 79, 82, 95, 96, 108, 112, 141, 154, 156, 161, 162, 163, 164, 172.

Respiração tática – 108, 112, 117.

Riscos (Apresentação) – 14, 15, 21, 25, 26, 34, 38, 41, 45, 51, 76, 88, 96, 127, 129, 130, 131, 132, 134, 136, 143, 144, 145, 151, 152.

Riscos ocupacionais – 127, 129, 130, 136, 145.

Ruminação – 103, 106, 112, 113, 118.

Saúde mental (Apresentação) – 15, 20, 22, 24, 28, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 58, 60, 61, 62, 64, 68, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 81, 82, 84, 85, 89, 91, 106, 107, 111, 112, 116, 127, 129, 130, 133, 135, 136, 142, 143, 151, 152, 153, 154, 155, 159, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 168, 169, 172, 173.

Self – 30, 42, 55, 120, 149, 158, 159.

Sobrecarga de trabalho – 16, 44.

Socorristas – 49, 70, 73, 77, 79, 82, 110, 111, 114, 160, 169.

Sofrimento – 19, 21, 23, 34, 36, 37, 38, 39, 45, 47, 54, 62, 78, 79, 128, 139, 162, 167, 173.

Sofrimento psicológico – 19, 38, 45, 47, 54, 62, 78, 79, 128, 139.

Sofrimento psíquico – 34, 39, 54, 173.

Suicídio (Apresentação) – 20, 21, 22, 23, 34, 39, 44, 46, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 80, 81, 83, 84, 85, 87, 88, 99, 111, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 164, 166, 172, 173, 179, 181, 182.

Suporte informal de pares – 107, 109.

Suporte social – 16, 45, 50, 91, 96, 102, 103, 105, 106, 113, 114, 116, 117, 118.

Teoria do equilíbrio dinâmico do bem-estar – 129.

Terapia de exposição imaginativa – 156, 157, 166.

Terapias comportamentais e cognitivas – 157.

Tolerância ao mal-estar – 103, 160, 161.

Trabalho (Apresentação) – 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 43, 44, 35, 47, 49, 50, 51, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 65, 66, 74, 77, 78, 80, 83, 84, 91, 93, 94, 95, 96, 99, 103, 111, 115, 116, 118, 123, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 150, 151, 152, 159, 162, 165, 166, 169, 173, 179, 180, 181, 182.

Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) – 18, 44, 45, 48, 51, 69, 92, 102, 116, 128, 151.

Transtornos mentais – 12, 35, 36, 52, 63, 75, 83, 151, 152, 166, 169, 173.

Transtornos psicológicos – 46.

Tratamento – 21, 39, 50, 51, 78, 80, 81, 82, 138, 152, 162, 165, 166, 181.

Traumas – 49, 84, 107, 152.

Treinamento (Apresentação) – 48, 49, 81, 82, 92, 110, 138, 152, 154, 155, 156, 158, 159, 162, 164, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 176.

Uso de humor – 107, 109.



A Universidade de Caxias do Sul é uma Instituição Comunitária de Educação Superior (ICES), com atuação direta na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul. Tem como mantenedora a Fundação Universidade de Caxias do Sul, entidade jurídica de Direito Privado. É afiliada ao Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas - COMUNG; à Associação Brasileira das Universidades Comunitárias - ABRUC; ao Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras - CRUB; e ao Fórum das Instituições de Ensino Superior Gaúchas.

Criada em 1967, a UCS é a mais antiga Instituição de Ensino Superior da região e foi construída pelo esforço coletivo da comunidade.

Uma história de tradição

Em meio século de atividades, a UCS marcou a vida de mais de 120 mil pessoas, que contribuem com o seu conhecimento para o progresso da região e do país.

A universidade de hoje

A atuação da Universidade na atualidade também pode ser traduzida em números que ratificam uma trajetória comprometida com o desenvolvimento social.

Localizada na região nordeste do Rio Grande do Sul, a Universidade de Caxias do Sul faz parte da vida de uma região com mais de 1,2 milhão de pessoas.

Com ênfase no ensino de graduação e pós-graduação, a UCS responde pela formação de milhares de profissionais, que têm a possibilidade de aperfeiçoar sua formação nos programas de Pós-Graduação, Especializações, MBAs, Mestrados e Doutorados. Comprometida com excelência acadêmica, a UCS é uma instituição sintonizada com o seu tempo e projetada para além dele.

Como agente de promoção do desenvolvimento a UCS procura fomentar a cultura da inovação científica e tecnológica e do empreendedorismo, articulando as ações entre a academia e a sociedade.

A Editora da Universidade de Caxias do Sul

O papel da EDUCS, por tratar-se de uma editora acadêmica, é o compromisso com a produção e a difusão do conhecimento oriundo da pesquisa, do ensino e da extensão. Nos mais de 1.500 títulos publicados é possível verificar a qualidade do conhecimento produzido e sua relevância para o desenvolvimento regional.



Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code:



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA FAZENDA


TESOURO
do Estado do RS

 **FAPERGS**
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul

